

**OLHAR À VOLTA E APRENDER GEOGRAFIA SOB O PRISMA  
DOS DEPOIMENTOS ORAIS**

**Monografia apresentada como requisito  
parcial à obtenção do grau de Especialista em  
Metodologia de Ensino nas Séries Iniciais,  
Setor de Educação da Universidade Federal  
do Paraná.**

**Orientador:  
Prof. Alcione Luis Pereira Carvalho**

## SUMÁRIO

LEMBRANÇAS .....	I
HOMENAGEM.....	II
AGRADECIMENTOS .....	III
AGRADECIMENTOS AOS DEPOENTES - COLABORADORES .....	IV
ACRÓSTICO EM HOMENAGEM AO BAIRRO CRISTO REI.....	V
APRESENTAÇÃO.....	1
METODOLOGIA EMPREGADA NO DESENVOLVIMENTO DESTE TRABALHO DE MONOGRAFIA .....	6
ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO.....	8
O DEPOIMENTO ORAL NO ENSINO DA GEOGRAFIA .....	8
ENTENDER A LINGUAGEM GEOGRÁFICA PARA COMPREENDER GEOGRAFIA .....	12
A IMPORTÂNCIA DOS MAPAS .....	14
ESCALA.....	15
HABILIDADES E COMPETÊNCIAS NA LEITURA DO ESPAÇO .....	16
A IMPORTÂNCIA DO USO DE FOTOS NAS ATIVIDADES.....	18
ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO PARA APLICAÇÃO DESTA PROPOSTA DE TRABALHO.....	19
O BAIRRO CRISTO REI: PASSADO E PRESENTE .....	23
METODOLOGIA PARA O USO DOS DEPOIMENTOS ORAIS NAS ATIVIDADES .....	29
ATIVIDADES .....	33
CONCLUSÃO .....	47
REFERÊNCIAS.....	49
DEPOIMENTOS ORAIS .....	53

**ANEXOS:**

FOTOGRAFIAS AÉREAS E TERRESTRES ..... 121

RECORTES DE JORNAIS

MAPAS DO BAIRRO CRISTO REI

PLANTAS DO BAIRRO CRISTO REI

## LEMBRANÇAS

“Procurava, procurava  
nas distâncias,  
nos escuros da cabeça ia se lembrando ,  
ia achando.

**Guimarães Rosa**

“Entre a saudade e a esperança,  
fica o país do presente”.

**Helena Kolody**

## HOMENAGEM

Ao meu pai **MAX ARNOLDO HANS LOSS**, que me ensinou a olhar a Natureza e ao redor, com olhos de turista, conhecendo os fatos e admirando a beleza de cada lugar.

Saudades de nossas andanças por aí. . .

Obrigada!

## **AGRADECIMENTOS**

AO **SENHOR**, que me deu ânimo para continuar...

À **FAMÍLIA** que teve paciência suficiente para, junto, compreender a importância deste trabalho, emprestando mão-de-obra à confecção e condições para sua realização.

Aos **DEPOENTES**, que de boa vontade me receberam e falaram de suas experiências de vida no Bairro Cristo Rei.

À amiga **MARINA BONACIM**, que convocou vizinhos e conhecidos para muitos dos depoimentos orais.

À Prof<sup>a</sup> **MIRTA MOELLENDORFF** - professora de Geografia.

À Prof<sup>a</sup> **MARCIA REGINA FRACARO** - professora de História.

Ao **ALEXANDRE ALBUQUERQUE SIMIÃO**, meu par constante no baile do computador.

A **TODOS** que, de uma forma ou de outra, colaboraram,

**MUITO OBRIGADA**  
**REGINA EDNA LOSS.**

**AGRADECIMENTOS AOS DEPOENTES - COLABORADORES**

Marina Satoe M. Bonacim  
Marister Trezub Riccio  
Maria Lúcia Bolecenha Cedem  
Vera Lúcia D'Andréa e Almeida  
Aracy de Oliveira Ravanelli  
Rosana Pessatti  
Isaura Crocetti  
Nestor da Luz Filho  
Norma Regina Marques Batista  
Antonia Dirce Navarro Portella  
Maria Cristina Stalliviere de Oliveira da Costa  
Marcelo Emílio Loss  
Elisa Consuelo Loss  
Orlando Luiz de Miranda  
Tarcísio Trezub  
Rogério Alberti dos Santos  
Nestor Gastão Poplade  
Aramis Chain  
Celestin Pontoni  
Leda Pontoni Klamas  
Osires Klamas  
Teresinha Dubiel de Castro

A todos, sem exceção, agradeço a colaboração, a boa vontade, a disposição e a gentileza no tratamento a mim dispensadas, por terem aberto as portas: da casa, da lembrança, da saudade, da confiança...

Obrigada! Sem vocês este trabalho não poderia ser feito!

## **ACRÓSTICO EM HOMENAGEM AO BAIRRO CRISTO REI**

Regina Edna Loss (2003- inédito).

**B**em amado por sua comunidade

**A**umenta o seu valor e a sua história

**Í**ndios foram os primeiros habitantes

**R**eino de fartura e liberdade.

**R**ios pequenos e limpos

**O**rnavam sua paisagem exuberante!

**C**uritiba é o seu berço e começo.

**R**aios de luz mostraram aos imigrantes

**I**mensa esperança de bem viver aqui.

**S**uando, desbravando, construindo e plantando,

**T**rabalho árduo, difícil, porém promissor,

**O**stenta hoje toda bravura e amor daquela gente.

**R**isos, lágrimas, saudades, sonhos realizados.

**E**scutando histórias de vidas e conquistas,

**I**magino quanto mais posso fazer por você!

## APRESENTAÇÃO

Este é um estudo do Bairro Cristo Rei, em Curitiba, onde o principal objeto de pesquisa diz respeito às lembranças de seus moradores, antigos, recentes e permanentes. Lembranças estas, que serão lidas, estudadas, discutidas, comparadas pelos alunos e professores do Colégio Estadual Professor Elias Abrahão, que deste trabalho queiram fazer uso para o conhecimento e estudo da realidade imediata que cerca esta comunidade, local onde se encontra o referido colégio. Tal estudo poderá ser feito de maneira a contemplar todas as áreas de conhecimento, basta que para isto a pessoa educadora tenha visão de correlacionar e não compartimentar as aulas e o aprendizado.

Os relatos colhidos são uma amostragem muito pequena do que os alunos podem fazer, se lhes incumbir a tarefa de entrevistar moradores da localidade e nas suas próprias observações.

O meu objetivo ao recolher os relatos orais, foi o de conhecer a visão, o pensar e o sentir, a vida e o pensamento desses seres que construíram, conheceram, viveram este Bairro no seu nascer, no seu desenvolver, no seu saber, no seu lamentar...

Muitas vezes, as pessoas quando fazem seus relatos, chegam a ficar com lágrimas nos olhos, ao recordar seus pais, vizinhos, amigos, a si próprios quando pequenos, e contam, com os olhos do passado, suas lembranças, suas “bobices”, suas crendices.

Nessas minhas andanças pelo Bairro Cristo Rei, nas conversas que tive com muitas pessoas, pude notar o imenso prazer delas em falar do local onde cresceram, onde brincaram, onde namoravam... Tais relatos não podem ser confrontados com documentos, em sua maioria, outros podem, quando falam das fábricas, dos lugares públicos e comuns a todos, no entanto, há coincidências de lembranças.

Cada entrevistado foi devidamente esclarecido quanto à finalidade de sua colaboração, pois sem eles, este trabalho jamais poderia ser realizado, razão pela qual sou-lhes profundamente grata. Para melhor orientar-me nas entrevistas, fiz um roteiro de perguntas que tentei seguir, para não fugir do tema proposto, nem permitir divagações por parte dos entrevistados. Os mais jovens estranharam algumas das questões propostas, mas, em compensação, os mais idosos divertiram-se com elas, como quando questionei sobre animais selvagens e as facilidades encontradas no Bairro Cristo Rei.

Suas lembranças, muitas vezes, foram doloridas. Outras estavam tão esquecidas que encontraram a porta com dificuldade, mas, saíram. Na maioria das vezes, muitas coisas ainda me foram contadas quando eu já estava de saída de suas casas. Confidências, fofocas, diz-que-disse, pode-ser-que-sim-pode-ser-que-não, se fulano fosse vivo..., eram palavras comuns ouvir.

De modo geral, as pessoas se dispuseram com prazer às entrevistas e ainda querem ver o produto dessa colaboração. Os mais jovens quase não percebem as mudanças e as melhorias que o Bairro recebe, e como um deles disse: "... tudo é muito normal na vida e a gente nem percebe que alguma coisa mudou". Ou como outra pessoa que disse não ter tempo para ficar olhando por aí...

O presente trabalho pretende demonstrar que o estudo da Geografia pode ser prazeroso e emocionante. Para isso, aqui se reúnem depoimentos orais, o histórico do Bairro Cristo Rei, mapas, plantas de loteamentos pertinentes aos depoimentos, fotografias e proposições de atividades.

A principal finalidade será a utilização deste material enumerado, pelos alunos das séries iniciais do Colégio Estadual Professor Elias Abrahão, na descoberta dos rumos que os imigrantes deram à vida, quando chegaram ao Brasil, dos seus lugares de origem. Também aborda a influência cultural que essas pessoas trouxeram na bagagem, a importância das modernidades no cotidiano dos pioneiros, nas permanências e nos costumes esquecidos.

Os pontos principais deste trabalho são os depoimentos orais de moradores do Bairro Cristo Rei, uma vez que são deles as lembranças, as saudades, o conhecimento da história que não está contada nos livros.

Conhecer o lugar em que se vive, descobrir seus encantos e problemas, sentir-se parte do espaço, valoriza-lo e defende-lo. Para isso acontecer é necessário sair dos muros da escola e com espírito aberto, percorrer seus arredores, aventurando-se aos poucos, conhecer o bairro, utilizando um roteiro feito em classe e mapas do bairro. Propor aos alunos a criação de um guia turístico sobre este lugar, com fotos, descrições, entrevistas e indicações de bons lugares a serem visitados. Por certo esta atividade dará aos alunos outra visão do lugar e um maior sentido de para que serve estudar qualquer assunto, na escola que freqüentam, tornando esta aprendizagem palpável, boa de viver e desejar.

A Geografia é uma disciplina que permite abordagens interdisciplinares e os temas de que trata permeiam o cotidiano do aluno e da comunidade, proporcionando o planejamento de aulas significativas, pois um bom planejamento tem de se basear nas habilidades que os estudantes devem desenvolver, principalmente as de observar e pesquisar, instigando o aluno a querer saber mais, muito além do visto em aula, fazendo com que se envolva, participe, conheça e valorize o que tem.

É importante planejar, pois é a partir do planejamento que se pode atingir os objetivos propostos, tendo uma visão clara do que se pretende com os alunos, científico, aprendendo a ler as paisagens para conhecer os lugares. Que tenham despertado a consciência sobre a importância da preservação do meio- ou seja, que eles desenvolvam a capacidade de observação, pesquisa e raciocínio ambiente e aprendendo a (re)conhecer as mudanças provocadas pelo ser humano e que se percebam como parte do universo e como indivíduos únicos.

Este projeto parte de uma questão relacionada com uma única área de conhecimento – a Geografia - e, em seu desenvolvimento, vai se abrindo e possibilitando conceitos de outras áreas. A interdisciplinaridade se dá na ação de trabalhar com o conhecimento tal qual ele ocorre no cotidiano, articulando as disciplinas que emergirem no desenvolvimento do trabalho, para ampliar a

compreensão dos fatos comprovados. Haverá momentos em que serão necessárias aulas expositivas, fornecendo informações aos alunos, com vistas à aprendizagem significativa.

Naturalmente, esta proposta deverá ser apresentada e discutida com os alunos-alvos, numa negociação professor-alunos, tentando conquistá-los para o tema, para saber o que é realmente significativo para eles, e, por ser um projeto aberto, está passível de mudanças e adaptações no decorrer do trabalho. Sempre é possível rever a proposta inicial para poder levar adiante sua execução e reformulá-la conforme as necessidades e interesses dos alunos envolvidos, como, também, das realidades encontradas e em como enfrentá-las.

Isso exige do professor um prévio conhecimento, disponibilidade, muita criatividade, ter clareza de sua intenção e do que está propondo aos alunos. Precisa ser organizado e capaz de uma disciplina que permita fazer e refazer o planejado inicial e suas adaptações, por meio de reflexões dos caminhos que estão sendo percorridos, de modo a identificar se há necessidade de replanejar e rever a prática aplicada.

Um dos objetivos deste trabalho é despertar no aluno um sentimento de pertinência, isto é, de pertencer a este lugar, gostar dele, conhecer, respeitar e defender.

Este projeto permite ao professor registrar e acompanhar todo o processo de desenvolvimento, ser revisto, reelaborado, estudado, modificado, acompanhando os avanços dos alunos, suas dificuldades e descobertas, intervindo para fornecer maior aprendizagem, com informações significativas para o trabalho em execução, permitindo que o aluno seja o construtor da própria aprendizagem, superando os desafios que surgirem ao longo do período. Não dá para controlar o aluno quando ele é o sujeito da aprendizagem e tem liberdade para criar, representar e construir conhecimento.

O trabalho com projetos envolve investigação, pesquisas. O aluno vai desenvolver estudos, pesquisar em diferentes fontes, buscar, selecionar e articular informações com conhecimentos que já possui para compreender melhor as questões, tentar resolvê-las ou chegar a novas questões.

Conforme ALMEIDA (2001, 22: 35)<sup>1</sup> "... Esse processo implica o desenvolvimento de competências para adquirir autonomia e a tomada de decisões, as quais são essenciais para a atuação na sociedade atual, caracterizada por incertezas, verdades provisórias e mudanças abruptas. A vida e a ciência são permeadas de incertezas e verdades provisórias e aprender a lidar com isso na escola significa aprender a conviver e não apenas a sobreviver".

"Aliado ao momento vivenciado, o aluno precisa do conhecimento acumulado ao longo da evolução da sociedade, para compreender o presente, respeitar o passado e propor alternativas para a melhoria no futuro. Esse conhecimento da cultura acumulada não pode ser transmitida ao aluno de maneira descontextualizada, porque ele não consegue lhe dar significado".

O Colégio Estadual Professor Elias Abrahão possui ótima estrutura em recursos pedagógicos, cabe ao professor recorrer a eles no momento adequado, fazendo uso dos materiais disponíveis. O projeto implica em romper com o tempo e o espaço da sala de aula, levando a escola para todos os lugares e para que a criança perceba todos os lugares como local de aprendizagem, em que ela pode interagir e aprender. É viável de execução, que pode ser aplicado por professores das séries iniciais, bem como pelos específicos da área de Geografia, abrangendo vários itens dos conteúdos a serem trabalhados num período determinado.

Com o desenvolvimento do projeto, o aluno será levado a buscar informações, comparar com seus conhecimentos prévios, e encontrar soluções para as diferentes situações apresentadas, aceitando a idéia de que as mudanças fazem parte da vida.

---

<sup>1</sup> ALMEIDA, M. E. Como se trabalha com projetos. Revista TV Escola. São Paulo; 2.001. v.22 p. 35.

## **METODOLOGIA EMPREGADA NO DESENVOLVIMENTO DESTE TRABALHO DE MONOGRAFIA**

Quando do Curso de Especialização em Metodologia nas Séries Iniciais, ofertado pela Universidade Federal do Paraná, pensei em desenvolver uma monografia baseada na realidade imediata do aluno, diferente daquele aprendizado óbvio feito através dos livros didáticos que pouco ou quase nada tem a ver com a criança concreta, que anseia por algo palpável e visível para melhor apreender os conhecimentos que lhe são dados na escola. Assim sendo, a escolha em fazer o ensino e a aprendizagem através de relatos orais pareceu ser uma boa forma de resgatar a memória das pessoas do local, daqueles que nunca são lembrados quando os historiadores resolvem “fazer história”.

Iniciei pensando num questionário abrangente, envolvente, que aflorasse sentimentos, saudades, lembranças. Não pedi prova alguma do que estavam dizendo, não duvidei dos relatos, pois a história de cada um só a ele pertence, e a dá se quiser fazê-lo. Todos os 22 depoentes demonstraram grande prazer em conversar, contar, rir, muitas vezes chorar, e aquilo que não era para ser exposto, não o foi feito. Do fundo das recordações, as lembranças voltaram com nitidez, como se só estivessem esperando uma oportunidade para se mostrar. Dizer às pessoas que elas são importantes, que seu saber nos dá condições de um trabalho acadêmico, que sem elas eu não poderia desenvolver esta monografia deu-lhes um grande orgulho em participar da re-construção histórica do seu lugar de vida. Esses relatos foram gravados em fitas cassetes, transcritos com fidelidade.

Simultaneamente a esta fase inicial do trabalho, boa de fazer, porém demorada, fiz muitas leituras e pesquisas sobre o Bairro Cristo Rei, em jornais, na Casa da Memória de Curitiba, em documentos comprovantes de Decretos e livros afins. Boa bibliografia sobre o ensino da Geografia, teorias e práticas, também foi consultada. Leituras, muitas leituras. Também muita dúvida e incerteza naquilo que me propus fazer. Passeios e caminhadas, muitas caminhadas pelo Bairro Cristo Rei, eu fiz: olhando, fotografando, lembrando, revendo, re-conhecendo

lugares e edificações presentes nos relatos, observando cada recanto, cada quadra, imaginando a vida ali vivida pelos meus “ajudantes”, pensando neste trabalho e em cada atividade que se pode propor aos alunos, foram concretizando e tomando forma no que estava apenas na imaginação...

A vontade de já partir para o fazer em vez de só propor...

## ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

### O DEPOIMENTO ORAL NO ENSINO DA GEOGRAFIA

Este projeto de pesquisa surgiu da necessidade de um estudo diferenciado sobre o ensino de Geografia, que fugisse da metodologia convencional, aquela que segue os passos do livro didático adotado em sala de aula, levando o aluno a ter um olhar diferente sobre a realidade que os cerca e que na maioria das vezes não faz parte dos estudos realizados em sala de aula com os alunos, apresentando a Geografia apenas como um apêndice das disciplinas a serem trabalhadas, um à-parte sem importância real no crescimento intelectual geral do aluno, quando se sabe que é uma matéria envolvente, de alto valor, tão importante quanto qualquer outra, e que pode desenvolver todas as outras disciplinas com igual prazer em desvendar seus segredos, na pesquisa direta, do ver imediato, do apalpar e sentir com todos os sentidos, procurando a explicação das próprias observações, nos livros e demais objetos já inventados pelos homens ao longo dos tempos. Fontes de pesquisas, não faltam; quem queira contar como os fatos se deram, também não. Basta sair dos muros da escola, com um bom roteiro nas mãos para aprender, para conseguir ver aquilo que os livros não mostram, conhecer o que está à vista de todos. Basta querer.

Estudar o meio não significa uma simples atividade, recurso ou técnica a ser empregada: é um método de pesquisa e análise. Assim sendo, algumas etapas devem ser seguidas, como motivar o aluno a observar o local de pesquisa, verificar se este estudo proporciona multidisciplinaridade, fazer estudo prévio do lugar a ser visitado, sistematizar o conhecimento adquirido, verificar se realmente houve aprendizado.

A opção por trabalhar com um projeto de história oral no ensino de Geografia, vem ao encontro da possibilidade no uso de narrativas que contribuam na recuperação e encontro da memória individual e social, servindo de referencial para a vida em um mundo tão fragmentado e descartável que é a sociedade de consumo e desta forma entendermos os ritmos de tempo e espaços diferentes. A

História Oral trabalha com a recuperação de memórias tanto individual como coletiva. THOMPSON (1972: 36)<sup>2</sup>, afirma que “a memória é um elemento de continuidade do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”.

Conforme o Professor Alcione Luis P. Carvalho (2002)<sup>3</sup>, orientador desta monografia, “o uso da história oral no ensino da Geografia, pode ser um instrumento e uma forma de linguagem bem interessante para trabalhar vários temas, principalmente aquelas (histórias) em que ainda existem testemunhos vivos, que guardam as lembranças dos acontecimentos vividos, ou não vividos, mas que ainda permanecem na memória, ou seja, herdados de outras gerações e que ainda permanecem na consciência das pessoas, fazendo parte da sua história de vida”.

A história oral é tão antiga quanto a própria História da Humanidade. Foi a primeira forma de transmitir a história das pessoas, as tradições, os mitos, os feitos, as conquistas... Os depoimentos orais podem ser usados como fonte histórica não oficial e como um recurso metodológico essencialmente criativo e cooperativo, compartilhando experiências que envolvem sentimentos e afetividades.

Sendo a história oral uma preciosa fonte de resgate da memória, verifica-se que os relatos sobre a ocupação territorial do Bairro Cristo Rei, pelos imigrantes e seus descendentes, demonstram um grande amor pelo chão de cada um, da família que por ele lutou e trabalhou, pela importância do espaço territorial ocupado pelo homem, em que ele se assenta e constrói a sua casa.

As pessoas que se dispuseram a contar parte de suas vidas vividas no Bairro Cristo Rei, em diversas épocas do século XX, o fizeram com prazer e espírito de participação, colaboração e como uma forma de não deixar se perder fatos importantes que não estão registrados em lugar algum. Elas, normalmente,

---

<sup>2</sup> THOMPSON, Paul. A voz do passado; história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1972 p. 36.

<sup>3</sup> CARVALHO, Alcione Luis P. Orientador desta monografia. UFPr. 2.002.

não se dão conta que fazem parte da história do lugar em que vivem, nem que foram agentes de transformação e que fizeram a diferença para os outros. Alguns, tendo passado tanto tempo dos fatos, tendem a fantasiar e esquecer das dificuldades sofridas, que as suas lembranças ficam amenizadas pela saudade e pelo recurso que a mente oferece no esquecimento daquilo que não foi bom, sobrando, apenas, o que deu alegria, o que resultou de positivo para a sua vida. Contudo, como afirma José Meihy, (“Manual de História Oral”, 1998: 45)<sup>4</sup>, “a história oral de vida é o retrato oficial do depoente. Nessa direção, a verdade está na versão oferecida pelo narrador, que é soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas”.

Ecléa Bosi em seu livro *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. 5ª. Ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 1998<sup>5</sup> cita Bérqson “... Bérqson quer mostrar que o passado se conserva inteiro e independente no espírito, e que seu modo próprio de existência é um modo inconsciente. Antes de ser atualizada pela consciência, toda lembrança “vive” em estado latente, potencial. Esse estado, porque está abaixo da consciência atual (metaforicamente) é qualificado de “inconsciente”. A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças”.

Ela continua, citando Maurice Halbwachs, que afirma:

“... ser a memória do indivíduo dependente do seu relacionamento familiar, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referências peculiares a esse indivíduo. Se lembramos, é porque os outros, a situação presente nos faz lembrar e está condicionado basicamente pelo interesse social que o fato lembrado tem para o sujeito. Memória não é sonho, é trabalho. Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje as experiências do passado”.

O depoimento oral permite ampliar o campo de investigação a respeito de diversos temas e propiciar ao aluno reconstruir histórias e memórias, construindo o seu objeto de estudo, fazendo análises, sínteses, ou, simplesmente narrativas

---

<sup>4</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola. 2ª.ed. 1998.

<sup>5</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

que estavam “esquecidas no tempo”, e restituir-lhes o seu devido lugar no tempo e no espaço. Histórias do bairro, da família, da criança, do lazer, da cultura, dos imigrantes, das profissões, das crenças religiosas, das lendas, dos contos, de jornais, de monumentos, numa infinidade de temas que sejam de interesse relevantes e revelantes para os assuntos de interesse imediato ao grupo de alunos-pesquisadores, quando da aplicação efetiva deste trabalho.

Para o aluno fazer história oral, através da coleta de depoimentos orais, acaba por envolvê-lo emocional e criativamente, ao se defrontar com situações diversas. Da confiabilidade nas informações, nas divergências de opiniões, eles experimentam na prática, a recriação do passado, como verdadeiros pesquisadores, a garimpar e coletar testemunhos, suas fontes de informações.

Quando a criança aprende a olhar ao seu redor com olhos de pesquisador, quando aprende a dar valor às conquistas de seus antepassados, a sentir a luta dos que vieram antes dela para ocupar o espaço que ela enxerga sem ver, quando pessoas mostram e contam como era e mostram como está e como pode ficar se não houverem cuidados especiais com o meio ambiente em que ela está inserida, vivendo e desfrutando da realidade, da natureza, naturalmente, se não tiver quem lhe mostre tudo isso, a criança não saberá o que fazer com o que não conhece, pois, é preciso aprender a conhecer para amar, cuidar, preservar.

Estimular os alunos a registrarem diariamente as condições do tempo, criando símbolos diferentes para dias nublados, ensolarados, chuvosos, quentes e frios, iniciando-os na leitura de mapas e legendas. Fazendo plantas simples e maquetes, os alunos aprendem a trabalhar com vários elementos importantes para a leitura cartográfica (redução, projeção, legenda, posição, limites). Para que os alunos se apropriem do conhecimento histórico e geográfico, são de grande importância procedimentos como a observação, a comparação, a ordenação, a noção de seqüência, a classificação, a análise, a síntese.

## **ENTENDER A LINGUAGEM GEOGRÁFICA PARA COMPREENDER GEOGRAFIA**

É necessário fazer um trabalho para a formação dos conceitos de espaço e tempo, permanência e mudança, natureza e cultura, essenciais para o entendimento de Geografia e História. Neste trabalho são propostas atividades pelas quais os alunos podem compreender as semelhanças e as diferenças, as permanências e as transformações no modo de vida social, cultural e econômico no Bairro Cristo Rei, no presente e no passado, por meio de diferentes obras humanas.

As atividades propostas têm por finalidade despertar a curiosidade dos alunos para o reconhecimento de seu espaço de vivência, como ponto de partida para uma visão mais ampla de espaço, que lhes permita a comparação do lugar onde vivem com outros lugares e também as noções voltadas para a leitura da linguagem cartográfica e para a ação do homem na Natureza, transformando, pelo trabalho, a paisagem natural em paisagem cultural, despertando no aluno a percepção de relações sociais contraditórias responsáveis pelas transformações que ocorrem no tempo, em todos os espaços ocupados pelo Ser Humano.

Com relação à Cartografia, esta se constitui em uma importante ferramenta para a aprendizagem em Geografia, uma vez que é ela quem representa o espaço e seus componentes. Deve ser apresentada aos alunos de forma prazerosa, dinâmica e integrada à realidade. Levar o aluno a observar tudo que está a sua volta é uma tarefa necessária para que a criança aprenda a olhar com olhos de investigador e consiga criar imagens mentais e colocá-las em ícones representativos graficamente. Depois que a criança consegue se expressar dessa forma é que ela vai conseguir ler mensagens grafadas por outros, em mapas convencionais. Este trabalho deve ser feito pela professora, desde o início da escolarização, pois demora sua compreensão pelo indivíduo; há muitos adultos “bem” formados que não conseguem encontrar, sequer, os

Pontos Cardeais, ou se algo é “para cima ou para baixo”, partindo do lugar onde se encontra.

ALMEIDA E PASSINI (1998: 30) <sup>6</sup> afirmam que: “O espaço é para a criança um mundo quase impenetrável. Sua conquista ocorre aos poucos, à medida que for atingindo alterações quantitativas de sua percepção espacial e uma conseqüente transformação qualitativa em sua concepção do espaço”. E com este conceito, dizem ser “a análise sistemática do espaço com as crianças deve seguir uma metodologia que lhes propicie o prazer de fazer descobertas e de entender as coisas que estão em seu cotidiano”.

---

<sup>6</sup> ALMEIDA, R. D. e PASSINI, E. Y. O Espaço Geográfico. Ensino e Representação. 6ª. edição. São Paulo: Contexto, 1998. p 30.

## A IMPORTÂNCIA DOS MAPAS

Os mapas são representações do espaço e podem abordar vários temas, sendo, por isso, importantes fontes de informação, mas não são representações livres ou aleatórias. Há regras e normas para a confecção de mapas, para facilitar sua leitura e compreensão. São três aspectos importantes para a leitura de mapas: a escala, a rosa-dos-ventos e as legendas. Saber ler e confeccionar mapas são itens importantes do aprendizado, além de serem a base para o estudo geográfico de qualquer nível.

Neste trabalho, um dos objetivos é levar o aluno a aprender a se orientar, a se localizar e a localizar objetos e lugares em geral, a partir de um ponto de referência; conhecer e localizar os Pontos Cardeais e Colaterais utilizados nos mapas, percebendo que não são “pontos”, mas direções. Também aprender atividades com plantas baixas, em perspectiva e maquetes, iniciando com a planta da própria sala de aula, reconhecer que planta é um tipo de mapa para locais determinados, como um bairro, ou um quarteirão, ou uma residência, de espaços pequenos, com informações detalhadas.

É importante que cada sala de aula tenha um mapa-múndi e um globo, mapas do continente, do país, da região, do estado, do município, do bairro, mapas temáticos (uso do solo, população, clima, vegetação, relevo, circulação, turísticos, etc.) e atlas, que os alunos possam manusear, utilizar e perceber as diferenças nas formas de representar o planeta. Ao trabalhar com plantas, utilizar um guia de ruas, (encontráveis em listas telefônicas ou em mapas específicos do lugar), a professora pode levar os alunos a comparar as diferenças de detalhamentos entre os diversos mapas.

## ESCALA

Existem duas maneiras de expressar a escala de um mapa: a escala numérica e a escala gráfica. Na escala numérica há relação entre cada centímetro do mapa e do local representado e expressa uma fração. A escala gráfica é a forma de identificar de modo mais direto a relação utilizada, indicando diretamente a medida correspondente na superfície. Para que o aluno compreenda melhor a noção de escala, um bom exercício é fazer uma planta da sala de aula, como sugerido na atividade nº 01.

## HABILIDADES E COMPETÊNCIAS NA LEITURA DO ESPAÇO

Habilidade em qualquer coisa adquire-se fazendo; a competência para tal precisa ser mostrada e orientada por quem já tem a habilidade – o professor. A Revista Nova Escola – a revista do professor - da Editora Abril, publica sistematicamente artigos sobre este assunto. Para este trabalho, o mais indicado se encontra na edição nº 135, (set. 2000 – ano XV)<sup>7</sup>, às páginas de 12 a 17, com assinatura de Paola Gentile e Roberta Bencini. Resumidamente, diz o artigo que os alunos precisam de atividades que oportunizem meios de observar, classificar, localizar, reduzir espaços (trabalhar com escalas) e selecionar informações.

Quando solicitamos que o aluno saia a passeio e observe o lugar em que se encontra, estamos querendo desenvolver nele algumas competências, e quando ele o faz organizadamente, anotando tudo que observa, as competências envolvidas são: o domínio da leitura e escrita; localização espacial; análise do ambiente ao reconhecer a rua, o bairro...compreensão da comunidade, ao descobrir serviços disponíveis, identificar o que falta...

Quando o trabalho está na sala de aula, divididos em grupos, os alunos mostram o material recolhido nas andanças em torno da escola, e comparam as diferentes observações, assim, eles desenvolvem as seguintes competências: descrição de itinerários, utilizando-se de mapas; descrição de lugares percorridos – ruas do entorno do Colégio -; reconhecimento, a partir de fotos e descrições, elementos daquele ambiente; comparações do antes e do agora, identificando elementos novos ou iguais em cada foto; relacionar as informações colhidas em forma de texto; relatar experiências pessoais e do grupo nas formas escrita e oral.

Quando os alunos localizam no guia da cidade e nas páginas amarelas das listas telefônicas os serviços oferecidos no BAIRRO CRISTO REI, nas ruas por eles percorridas, as competências desenvolvidas são: orientação espacial; identificação de elementos à direita e à esquerda; descrição de lugares a partir da

---

<sup>7</sup> GENTILE, Paola e BENCINI, Roberta. Para aprender (e desenvolver) competências. IN REVISTA NOVA ESCOLA. Ed. Abril. Set. 2000; ano XV. Nº 135; p 12 a 17.

representação em mapas; indicação de posição aplicando noções de direita e esquerda; leitura para obter informação precisa.

As atividades propostas neste trabalho têm por objetivo desenvolver diferentes habilidades e competências em cada etapa de estudo.

## **A IMPORTÂNCIA DO USO DE FOTOS NAS ATIVIDADES**

Para desenvolver essas atividades, envolve-se num planejar, trabalhar e decidir em grupo, em que a criança deve aprender a organizar grupos de trabalho, negociar com os colegas para selecionar metas de aprendizagem, definir estratégias e métodos. Estes são saberes estratégicos para a democracia. Cabe ao professor o papel de orientador e motivador nesse processo. O trabalho com as fotos dos lugares conhecidos pelo aluno, sua realidade imediata, sua interação e participação com o planejamento curricular de sua classe, provoca no aluno uma importância de pertinência e integridade grupal, colocando-o como agente da própria aprendizagem, motivando pesquisas e novos interesses.

Apresentar as fotos aos alunos, dispostos em equipes, para que as examinem e discutam o que estão vendo, seguindo um roteiro orientador, (para não haver disparidades nos olhares, pois cada um acaba tendo sua atenção chamada para pontos diversos das fotos): tipo de visão do lugar; elemento central da foto; características do lugar; elementos que aparecem nas fotos: lado direito; lado esquerdo; superior; inferior; fazer uma planta do lugar baseada na foto; criar legendas para caracterizar cada espaço; opinião sobre essas fotos; recortes de jornais, revistas e propagandas, fotos e mapa, colados em folhas de papel sulfite, e analise os lugares que representam, sua qualidade, que tipo são, sua fidelidade na representação; exposição com estas pesquisas são atividades possíveis de serem realizadas nas séries iniciais, fase dois, do ensino fundamental.

As fotos sugeridas neste trabalho estão nos anexos, devidamente numeradas e legendadas.

## **ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO PARA APLICAÇÃO DESTA PROPOSTA DE TRABALHO**

Para este novo jeito de trabalhar o ensino, que aqui proponho, se faz necessária uma nova postura do profissional: de dono absoluto do saber, o educador passa a ser intermediário entre o conhecimento acumulado e o interesse e a necessidade do aluno. Ele se torna o elemento que desencadeia e sacia a curiosidade da turma, ao mesmo tempo em que aprende com ela. O novo educador é um profissional em constante mudança, pronto para transformar em saber as ansiedades da classe. O conhecimento deve ser visto como uma rede de relações, na qual o educador ajuda os alunos a fazer as conexões necessárias.

O conteúdo não desaparece. Ninguém aprende nada desvinculado do conhecimento teórico, trabalha-se as informações de forma diferente, dando-lhes significado: é o ensino contextualizado, onde sempre é possível desenvolver a observação, a comparação e a análise. Dentro desse pensamento, entra o conceito de situação-problema, nas quais o conteúdo é apenas um dos elementos a ser levado em conta na hora de abordar qualquer conteúdo. A motivação é criada a partir da geração de conflitos: resolver um desafio estimula as crianças. Depois de lançada uma tarefa em que todos se envolvam, uma aula expositiva tem lugar, inserida na resolução de um problema concreto e a teoria terá uma finalidade aplicável. Sendo o objetivo estudar uma situação real do cotidiano, então o conhecimento também não pode estar separado e assim sendo, a interdisciplinaridade ganha sentido e é um dos maiores desafios da educação contemporânea. Neste caso, é necessário um bom planejamento para atingir os objetivos propostos.

Também a avaliação deve mudar: ela precisa ser feita a todo o momento, observando o que cada criança está fazendo, como reagem aos estímulos, o que atrai seus interesses. Autores modernos mostram um novo caminho para uma avaliação eficiente: a tarefa e suas exigências precisam ser conhecidas antes de inicia-las; deve-se incluir apenas tarefas contextualizadas; não pode haver nenhum constrangimento de tempo pré-estabelecido; é necessário exigir uma

certa forma de colaboração entre os pares; o professor tem de levar em consideração as estratégias cognitivas e metacognitivas utilizadas pelas crianças; ela deve contribuir para que os estudantes desenvolvam ainda mais suas capacidades; a correção precisa levar em conta apenas os erros de fundo na ótica da construção de competências. É o progresso e a evolução do aluno ao longo dos trabalhos que conta.

O presente estudo pretende ser uma contribuição às discussões da metodologia do ensino da Geografia para as séries iniciais, demonstrar que a Geografia é viva e dinâmica, que o seu objeto de estudo se concretiza nas paisagens, deixando marcado o conteúdo dos tempos e discutir, através da história local, a importância desta disciplina e para a valorização da memória local.

O encaminhamento metodológico considerado mais adequado à proposta deste trabalho foi o que chamamos de “depoimentos orais”. O local escolhido para este estudo foi o Bairro Cristo Rei. Esta escolha obedeceu alguns critérios: ser este o bairro onde está localizado o Colégio Estadual Professor Elias Abrahão; ser fácil, aos alunos, investigar os fatos mencionados; comprovar por comparações as próprias observações; não precisar de outros meios de locomoção nem de licenças especiais, para a tarefa proposta.

Sendo a história oral uma preciosa fonte de resgate da memória, verifica-se que os relatos sobre a ocupação territorial do Bairro Cristo Rei, pelos imigrantes e seus descendentes, demonstra um grande amor pelo chão de cada um, da família que por ele lutou e trabalhou, pela importância do espaço territorial ocupado pelo ser humano, em que ele se assenta e constrói sua casa.

Quando a criança aprende a olhar ao seu redor com olhos de pesquisador, quando aprende a dar valor às conquistas de seus antepassados, a sentir a luta dos que vieram antes dela para ocupar o espaço que ela enxerga sem ver, quando pessoas mostram e contam como era e mostram como está, e como pode ficar se não houver cuidados especiais com o meio em que ela está inserida, vivendo e desfrutando, da realidade, da natureza, naturalmente a criança não saberá o que fazer com o que não conhece. É preciso conhecer para amar, cuidar, preservar.

As entrevistas foram gravadas em fitas cassetes e depois transcritas à mão, tentando reproduzir o mais fielmente possível a fala dos entrevistados. Algumas perguntas são norteadoras do trabalho, girando em torno das transformações físicas sofridas pelo bairro, para isso as perguntas foram elaboradas, iniciando pelos dados pessoais do depoente, a chegada ao local que virou BAIRRO CRISTO REI, a infância, o trabalho, o lazer, a religião, a vizinhança, as dificuldades, a escola, o que era bom, a casa, os animais, as transformações.

Trabalhar com histórias de vida, é realmente trabalhar no campo das memórias, quer seja a história individual, como social e até herdada, fruto das tradições ou dos saberes institucionalizados e a riqueza destes relatos nos possibilitam um leque imenso de propostas de trabalho que podem ser perfeitamente justapostos a conteúdos das disciplinas que podem fazer parte do currículo escolar, dando vida e sentido a estes conhecimentos.

A opção por trabalhar com um projeto de História Oral no ensino da Geografia, vem ao encontro de possibilitar reconstruirmos narrativas que contribuam para reencontrarmos com uma memória individual e social e esta poder ser um referencial para a vida em um mundo fragmentado e descartável que é a sociedade de consumo, e desta forma entendermos os ritmos de tempos e espaços diferentes, a fim de reencontrar com a dimensão de humanidade. A História Oral trabalha com a recuperação de memórias tanto individual como coletiva, tanto pode ser um documento histórico, como também um esforço para o entrevistado na reconstrução de sua identidade, lançando a vida para dentro da história, como diz PAUL THOMPSON (1972: 4)<sup>8</sup> "... a memória é um elemento de continuidade do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si".

A História Oral pode ser usada, também, como fonte histórica e como um recurso metodológico essencialmente criativo e cooperativo, compartilhando experiências que envolvem sentimentos e afetividades. Ela permite ampliar o

---

<sup>8</sup> THOMPSON, Paul. A Voz do Passado: História Oral. Rio de Janeiro. Terra e Paz, 1972. p.4.

campo de investigação a respeito de diversos temas e propiciar ao aluno reconstruir histórias e memórias, construindo o seu objeto de estudo, fazendo análises, sínteses, ou simplesmente narrativo que estavam “esquecidas no tempo”, e restituir-lhes o seu devido lugar no espaço e no tempo. Histórias do bairro, da família, da criança, do lazer, da cultura, dos imigrantes, das profissões, das crenças religiosas, de lendas, de contos, de jornais, de monumentos. . . Numa infinidade de temas que sejam de interesse e relevantes para aquele grupo.

Para o aluno fazer História Oral, ao coletar narrativas por meio de entrevistas e gravações, conhecendo como as pessoas se vestiam, como eram as brincadeiras das crianças no passado, a mudança da paisagem, dos rios, das cidades, dos lugares, acaba se envolvendo criativamente e também se defronta com questões diversas: da confiabilidade nas informações, nas divergências de opiniões, experimenta na prática a recriação do passado, como verdadeiro pesquisador, a garimpar e coletar testemunhos.

## O BAIRRO CRISTO REI: PASSADO E PRESENTE

Muita leitura foi feita para conhecer a história oficial deste bairro. O Arquivo Público<sup>9</sup> é a fonte natural de pesquisas e ali se consegue os recortes de jornais que nos dão conta de pequenas notícias e algumas notas sociais, queixas dos moradores, solicitações de melhorias para este local. Algumas reportagens grandes, como o histórico de Colégio Nossa Senhora de Lourdes, da Sociedade Morgenau, da Igreja Cristo Rei. Leitura obrigatória é a coleção Bairros de Curitiba, do Eduardo Fenianos<sup>10</sup>, que nos leva por caminhos curitibanos nem sempre conhecidos; a Prefeitura Municipal de Curitiba<sup>11</sup> fez na época do Prefeito Maurício Fruet interessante conjunto de folderes de cada bairro, com descrição das realizações neles realizadas, pequeno histórico do lugar e dados demográficos, material estes que muito contribuíram nesta pesquisa.

O Bairro Cristo Rei é jovem. Mas sua ocupação pelos imigrantes teve início há mais de um século. Neste lugar vieram morar italianos, poloneses, alemães, russos, portugueses, suíços, ucranianos, franceses. . .

Oficialmente tem apenas 27 anos, pois, juntamente com muitos outros bairros de Curitiba, teve sua criação através de decreto, numa reorganização espacial desta cidade, necessária devido a grande ocupação territorial por pessoas que, por inúmeras razões, abandonaram seus locais de origem e vieram morar na Capital do Estado do Paraná.

O Bairro Cristo Rei fazia parte do Bairro Cajuru; esta é a razão pela qual muitas pessoas se confundem e muitas nem sabem da existência deste bairro, atualmente. Alguns pontos de referência importantes receberam o nome “Cajuru”, como o Hospital e Pronto Socorro Cajuru, o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, chamado Colégio Cajuru pela população, uma linha de ônibus que por muitos

---

<sup>9</sup> ARQUIVO PÚBLICO. Diversos documentos, mapas e plantas do bairro Cristo Rei, recortes de jornais, muitos sem data.

<sup>10</sup> FENIANOS, Eduardo Emílio. Coleção Bairros de Curitiba: Cristo Rei- A Viagem da Nau do Tempo. Editora Univer-Cidade, Curitiba. 1996.

<sup>11</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Folder de propaganda dos serviços municipais.

anos serviu o povo deste bairro também tinha este nome, embora seu ponto final fosse realmente no Bairro Cajuru, por aqui era apenas passagem, caminho.

Também ficou conhecido com o nome de Vila Morgenau, por conta da Sociedade aqui fundada em 1918, pelo Campo de Futebol de nome Bloco Esportivo Morgenau e pelo loteamento de algumas chácaras que adotaram o nome de Vila Morgenau.

O nome Cristo Rei foi escolhido pelos moradores mais antigos, através de votação dos paroquianos da Igreja Católica Cristo Rei. São Judas Tadeu, outro nome que muitas pessoas não moradores do Bairro atribuem a este local.

O Bairro Cristo Rei está localizado na região Leste de Curitiba. Seus limites, oficialmente formam um triângulo de chão, com 146,4 hectares de área. Na direção Leste fica a Avenida Nossa Senhora da Luz /Av. Mal. Humberto de Alencar Castelo Branco, divisando com os Bairros Capão da Imbuia e Tarumã; na direção Oeste, a Rua Ubaldino do Amaral faz divisa com o Bairro Centro; na direção Norte, fica a Avenida Sete de Setembro, separando-o do Bairro Alto da XV; na direção Sul, o limite é a Avenida Pres. Affonso Camargo, divisa com o Bairro Jardim Botânico. Ver plantas do bairro em anexo ao final deste trabalho.

Tivesse a Prefeitura respeitado o conhecimento dos moradores locais ou mesmo as plantas dos loteamentos originais, as divisas seriam outras, seriam aquelas que os moradores mais antigos conhecem e têm como regra os limites das chácaras que foram loteadas. O Decreto 774 / 75 oficializou o nome Cristo Rei e os atuais limites deste bairro, sob a ótica de um técnico em urbanismo, desconhecedor da História local, conforme nos informam os arquivos da Câmara Municipal de Curitiba.

O Bairro Cristo Rei é bem servido de condução, de transporte coletivo para a sua população. Por ele trafegam as linhas de ônibus Convencional, de cor amarela, com os nomes: Circular Cristo Rei; Linha Cajuru; Linha Palotinos; Linha Itupava / Cohab. Na Av. Affonso Camargo o Ônibus Expresso Bi-articulado tem a oferecer as Linhas: Centenário, Oficinas, Campina do Siqueira / Capão da Imbuia, Pinhais / Praça Rui Barbosa. No Terminal SITES (Sistema Integrado de Transporte do Ensino Especial), há o oferecimento das linhas Menonitas e Circular

Barigui / Capão da Imbuia. O Bairro é tão pequeno que não tem nem um tubo do ônibus Ligeirinho.

Nas últimas décadas do Século XX, várias mudanças ocorreram no Bairro Cristo Rei: era longe, afastado do Centro da cidade, num “instante” já é quase central; deixou de ser apenas residencial, para comportar um comércio bastante concorrido; com a implantação de dois novos Colégios (Bom Jesus e Decisivo), mudou o tipo de pessoas que por aqui circulam; o Colégio Estadual Cristo Rei era ponto de referência porque tinha o mesmo nome do Bairro, mas, mudou de nome, de identidade, de importância. Antes, as ruas não tinham calçamento, apenas eram cobertas com saibro ou macadame, agora quase todas têm asfalto e calçadas para pedestres, e são bem arborizadas, com plantas que florescem e dão um colorido especial ao bairro. Porém, é estranho verificar que muitas ruas estão como antigamente: sem pavimentação, cheias de mato, entulho, lixo e são os próprios moradores que as deixam assim e não se importam em melhorar o meio onde vivem.

Neste bairro privilegiado existe uma sociedade fundada pelos imigrantes moradores daqui: a Sociedade Morgenau, que nasceu com o nome de “União Beneficente e Recreativa Vila Morgenau”, em 1918, tendo como seu primeiro Presidente o Fundador Sr. Sérgio Ricetti. Abrigou um clube de futebol: Bloco Esportivo Morgenau, onde ensinavam aos meninos moradores do bairro a arte bretã. Também funcionava por aqui um cinema: Cine Morgenau, onde crianças, jovens, adultos e idosos se divertiam e se encontravam...

A Igreja Cristo Rei é um monumento que a todos orgulha, seja agora com seu porte majestoso e imponente, ou antigamente, quando toda uma população se uniu em torno de um ideal, na construção de um templo religioso, que a todos acolhesse. Juntamente com o pároco, Padre Germano Maier, às custas de festas e festejos, rifas e bingos, trabalho árduo de todos, construíram a Igreja numa área doada pela Sociedade Brasileira Cultural e Caritativa São José, mantenedora do Colégio Cajuru, que foi inaugurada em 20 de julho de 1936, sendo esta a mais antiga paróquia da Arquidiocese de Curitiba. Com o passar do tempo, fez-se necessária a construção de novo templo, maior e melhor, pois a antiga precisava

de reformas constantes. Novamente com a ajuda de todos os paroquianos, com o trabalho e o sacrifício de todos, uma magnífica Igreja foi erguida. Seu desenho arrojado, sua arquitetura dinâmica projetada para o alto, lembra uma nau, um barco, em homenagem aos pescadores que com Jesus estiveram, entre eles São Judas Tadeu.

Numa área tão boa e sem muitas casas, empresários viram a chance da instalação de fábricas. Assim, algumas surgiram, dando emprego ao povo do lugar e absorvendo mão-de-obra dos imigrantes que não eram agricultores. Uma muito importante foi a Fábrica de Móveis Cimo, que empregava muita gente. Famosa, também exportava seus produtos de alta qualidade. Em frente da fábrica ficava a loja de venda direto ao consumidor. Na época de Natal, os donos enfeitavam-na natalinamente, no jardim faziam um presépio muito grande e colocavam lâmpadas coloridas pelas árvores, uma novidade na época, e vinha gente de toda a cidade, admirar a decoração. Pioneiros!

Agora, no lugar preservado, funciona um centro comercial, padaria, lanchonete, restaurante, lojas diversas, escolas especiais, um supermercado, uma cancha de boliche...

Outra fábrica de grande importância foi a Fábrica de Fósforos Mimosa, que ficava na rua Guarani, (atual Av. Souza Naves), esquina com a Rua do Herval. Esta também empregou muita gente e muitos de seus operários vinham, de trem, das cidades vizinhas. Por seu material altamente combustível, volta e meia sofria pequenos incêndios, até que um dia, à noite, queimou de vez. No local, agora existe um conjunto habitacional.

Lá no começo do bairro, na Rua Ubaldino do Amaral, havia a Fábrica de Fitas, cuja mão-de-obra era quase só de mulheres. No lado oposto, no Alto da Caixa d'Água ficava a Fábrica de Artefatos de Cimento, da família Ceolin. Na Rua Itupava a fábrica era de beneficiamento de couro, chamada Curtume Boutin de Curitiba. Na Rua Cajuru, (atualmente Av. Mal. Deodoro), perto da linha de trem, fabricavam bolachas e balas. Ali, agora é comércio de pneus.

As fábricas mudaram a paisagem de muitos lugares; as altas chaminés poluem o ar e as que foram instaladas à beira dos rios poluem as águas. As

fábricas são uma forma de produção em que indivíduos trabalham juntos, em grandes lugares. Isto não foi diferente aqui no Bairro Cristo Rei. A vinda de operários e suas famílias provocou a necessidade de venda dos terrenos. As chácaras foram loteadas racionalmente, provocando o surgimento de um bairro planejado, com ruas projetadas em prolongamentos das já existentes nos bairros mais antigos e centrais. As fábricas trazem progresso, geram empregos, desenvolvimento, diminuem a miséria, induzem a necessidade de estudo e tecnologia. As que não se atualizam, não investem nos operários, tendem a desaparecer, falir, sucumbir diante de novos empreendimentos. Isso foi o que aconteceu com todas as fábricas que havia no Bairro Cristo Rei.

A Estrada de Ferro foi um marco de desenvolvimento para este bairro, na época em que o transporte de quase todas as mercadorias era feito por trens, e marcou profundamente a vida dos moradores desta localidade. Os trabalhadores da Estrada de Ferro uniram-se e construíram um hospital, em 1958, conhecido como Hospital Central da Rede Ferroviária do Cajuru. Mais tarde, em 1977, ele foi adquirido pela Congregação Marista, a quem ainda pertence. É um Pronto Socorro para emergências e um centro de excelência em situações cardíacas. Sua estrutura é moderna e arrojada, possuindo, entre outras coisas, um heliporto para pousos emergenciais de helicópteros; é o único hospital de Curitiba a usufruir desse benefício aéreo.

Antigamente, havia pequenos comércios em armazéns de secos e molhados, açougues, farmácia, lojinhas sortidas com miudezas. O único “sobrevivente” é o Armazém SIMM, (foto nº 12) do Senhor Zílio Simm, e fica nas esquinas da Rua do Herval com Rua Padre Germano Maier. Ali tem de tudo que se precise e, se não tiver, o dono vai atrás, para bem servir o freguês. Atualmente, dois grandes supermercados abastecem o bairro e a cidade, pois um deles funciona por 24 horas, ininterruptamente. Os “negócios” pequenos foram “engolidos” por eles.

No bairro era proibida a construção de altos prédios. Mas o IPPUC e os Vereadores da cidade mudaram as Leis de Zoneamento, permitindo a construção

de imensos prédios residenciais e as casas que sobraram, transformaram-se em escritórios, restaurantes, lojas e outros tipos de comércio.

Atualmente, o grande atravancador do pleno desenvolvimento do bairro, é o trem, barulhento, cuja única utilidade é o carregamento de cal e cimento da cidade de Almirante Tamandaré e não fazem mais o transporte de pessoas.

## **METODOLOGIA PARA O USO DOS DEPOIMENTOS ORAIS NAS ATIVIDADES**

Sem perder de vista o papel sócio-histórico dos indivíduos que deram seus depoimentos orais, estas atividades estão propostas para os alunos poderem entender e compreender as semelhanças e diferenças, as permanências e as transformações pelas quais passou o Bairro Cristo Rei, no modo de vida social, cultural e econômico ao longo do tempo, graças ao trabalho humano e na participação concreta das pessoas, que neste bairro viveram e vivem, nos primeiros moradores que transformaram a paisagem natural em paisagem cultural.

As atividades sugeridas têm por finalidade despertar a curiosidade dos alunos para o reconhecimento de seu espaço de vivência como ponto de partida para uma visão mais ampla de espaço que lhes permita a comparação do lugar onde vivem com outros lugares, bem como atividades voltadas para a leitura da linguagem cartográfica.

A maioria das atividades deve ser desenvolvida em grupo: para promover a socialização da criança, o espírito de participação, do dividir para somar conhecimentos, para a criança sentir e perceber que ela faz parte de um contexto social amplo, que ela aprende com a experiência alheia, daqueles que a antecederam, pois tudo já estava criado quando ela ali chegou e que cabe à sua geração e às vindouras a preservação do existente e a criação de inovações, compreendendo ser a vida um eterno construir e aprender a respeitar os idosos como pessoas que trabalharam para que os mais jovens usufríssem os benefícios conquistados.

Para desenvolver as atividades propostas nesta monografia, sugiro que cada profissional do ensino trabalhe utilizando os seguintes recursos didáticos:

Consulta a documentos - o uso adequado de documentos escritos promove o desenvolvimento do raciocínio e desperta a criatividade e a imaginação. A leitura dos depoimentos orais dará condições aos alunos se transportarem a épocas diferentes, voando nas asas da imaginação, rumo ao passado.

Entrevistas – são de fundamental importância no desenvolvimento desta proposta de trabalho, para a recuperação da história local, deste Bairro Cristo Rei, pois as pessoas são fontes de informações; deve-se definir o objetivo da entrevista, decidir quem serão os entrevistados e elaborar um roteiro de perguntas, junto com os alunos.

Estudo dos textos / depoimentos – roteiro para análise: a)- apresentação de uma questão-problema para reflexão do texto e busca da resposta; b)- leitura individual e silenciosa do texto; c)- levantamento das palavras desconhecidas pelo aluno; d)- registro no quadro-de-giz e discussão das palavras desconhecidas, buscando seu entendimento no contexto; e)- busca do significado dessas palavras no dicionário e registro no caderno; f)- troca de idéias entre professor e alunos, sobre o significado do texto; g)- registro no caderno, informações como: autor do texto, época em que viveu, o que o autor pretendeu transmitir ao leitor; h)- discussão coletiva das idéias principais do texto e das informações obtidas; i)- síntese das idéias principais do texto-depoimento apresentadas pelos alunos.

Imagens - a observação e a análise de fotografias, cartões postais, pinturas e desenhos do Bairro Cristo Rei, conduzindo o aluno a diferentes épocas e espaços. Ao solicitar que desenhem, os alunos serão estimulados a perceberem que o espaço pode ser reproduzido de várias formas e de diferentes ângulos.

Maquetes e plantas baixas – a construção de maquetes e o desenho de plantas criam condições para que os alunos desenvolvam noções ligadas à orientação e à localização espacial.

Pesquisas bibliográficas - orientar os alunos explicando que a pesquisa bibliográfica pode ser feita pela leitura de livros, jornais e revistas. Ao propor uma atividade de pesquisa, é fundamental indicar as fontes que podem ser consultadas, como a biblioteca escolar, os Faróis do Saber, a Biblioteca Pública, o

Memorial da Cidade, etc., conforme o material e os assuntos a serem pesquisados.

Pesquisa de campo – é importante que o aluno entenda que existem outras formas de pesquisa, além da feita em livros ou outros tipos de textos, neste caso específico, andanças pelo Bairro Cristo Rei, conversas com moradores ou mesmo, pedestres.

Registro – é a forma de sistematizar o mais significativo dos dados levantados pelo aluno, das discussões tiradas, e assim promover a construção do conhecimento. O registro pode ser feito por escrito no caderno, num texto coletivo ou individual, por fotos coletadas em material impresso ou de própria autoria do aluno, por desenhos representativos dos locais observados ou imaginados, em gravações de fitas K7 ou vídeos das entrevistas ou escritas manualmente pelos entrevistadores.

Roda - é a reunião dos alunos para que troquem idéias, informações e experiências, permitindo a ampliação de sua visão de mundo. A formação da roda possibilita aos alunos a interação, o diálogo e estimula a expressão oral.

Rotina - organização, sistematização e disciplina são importantes para criar rotina de trabalho. É por meio da rotina que o tempo e o espaço se estruturam para a criança: (hora de...); a rotina orienta a criança a se organizar dentro de um espaço e um tempo determinado, o que deve ser feito estabelecendo uma rotina no trabalho diário da classe.

Trabalho em grupo – é valioso porque garante a interação entre os alunos, possibilitando que os mais experientes auxiliem os menos experientes no processo de aprendizagem. Essa forma de trabalho favorece a cooperação, o respeito mútuo e a aceitação das divergências de opinião.

As atividades foram planejadas visando ao trabalho do aluno a partir do tema abordado e integram, sempre que possível, reflexão e ação, aspectos objetivos e subjetivos, habilidades cognitivas, afetivas e psicomotoras.

Os alunos aprendem a construir maquetes, algum material para uso imediato, além de fazer colagens e cartazes. Os produtos ou resultados destes trabalhos práticos poderão ser apresentados em painéis ou murais e em exposições orais. Os trabalhos de campo são atividades de observação e de coleta de dados em ambientes ou situações extraclasse, entrevistas, relatos. Pesquisas podem ser feitas nas mais diversas fontes, como atlas, mapas temáticos, arquivos, revistas, jornais, fotos, reportagens, Internet, livros, enciclopédias, etc.

Os trabalhos de grupo determinam a capacidade de trabalhar de forma cooperada e organizada e a divisão de tarefas e papéis entre os membros do grupo são fundamentais. Vão se tornando exercício de discussão, argumentação, escuta de argumentação contrária e a resolução de conflitos, além do convívio com idéias diferentes das suas.

Nessas discussões o professor pode verificar a atuação de cada aluno e a maneira como expressa suas idéias, juízos e valores.

A seguir, sugiro algumas atividades possíveis de serem realizadas pelos alunos, com orientação do professor, a fim de, na prática comprovarem as teorias e os depoimentos, partindo da objetividade, da necessidade do momento, até como pré-requisito na compreensão da linguagem usada pelos depoentes. É necessário ter conhecimento de bom vocabulário geográfico e saber recorrer aos mais diferentes materiais de pesquisas, amplamente utilizados na escola.

## ATIVIDADES

### ATIVIDADE nº 01 –

Planta da sala de aula – escala:

- Combine com seus alunos um instrumento para medir o tamanho de tudo que haja dentro da sala-de-aula (régua, palmos, fita-métrica, trena, barbante);
- cada medida deve ser cuidadosamente anotada pelas equipes, conforme o instrumento de cada uma;
- dobre sempre ao meio, tantas vezes quantas forem necessárias, cada medida, para obter um tamanho proporcional à representação gráfica numa folha de papel-ofício (inicie pela medida maior);
- todas as outras medidas devem ser dobradas o mesmo número de vezes da primeira e cuidadosamente anotadas e desenhadas, formando a planta da sala-de-aula;
- compare as medidas de cada equipe e com os alunos, formule hipóteses e conclusões, registrando-as num texto comum. Explique a representação da escala numérica e da escala gráfica. Coloque legendas.

### ATIVIDADE nº 02

O ser humano é levado a fazer coisas motivado por sua necessidade imediata ou para obter lucro e ganho a médio e longo prazo. Assim sendo, isso não foi diferente com os primeiros habitantes brancos que ocuparam o espaço correspondente ao atual Bairro Cristo Rei. Faça uma hipótese do que possa ter motivado a ocupação desse espaço geográfico, como se você fosse um pioneiro.

### - ATIVIDADE nº 03

Observe o mapa atual do Bairro Cristo Rei; compare-o às plantas de loteamento das chácaras que existiam no local. Tente localizar algumas edificações citadas como ponto de referência, pelos depoentes;

### ATIVIDADE nº 04

Leia com atenção um depoimento qualquer; feche os olhos e imagine o espaço descrito: a casa, o jardim, as árvores do pomar, as verduras na horta. Numa folha de papel sulfite materialize esta visão, desenhando.

Você também leu nesse depoimento, sobre as brincadeiras e brinquedos da época em que o depoente era criança; compare-os com os brinquedos e brincadeiras atuais; faça uma listagem dos iguais e dos diferentes.

### ATIVIDADE nº 05

Nos depoimentos não aparece qualquer descrição do tipo de vestuário das pessoas de épocas passadas. Pesquise junto às pessoas de sua família, suas fotos antigas, como que se vestiam para irem em festa, baile, missa, enterro, aniversário, escola, trabalho...

Compare –as com as roupas atuais e levante hipóteses sobre as mudanças e o por quê isso aconteceu. Faça um painel com fotos, desenhos ilustrativos, algumas peças de roupas de época.

### ATIVIDADE nº 06

Em alguns depoimentos, há farta alusão às dificuldades de transporte coletivo em épocas passadas, para os moradores do Bairro Cristo Rei. Qual a causa dessa dificuldade e como foi resolvido tal problema? Desenhe pessoas se locomovendo em um dia de chuva, naquela época.

### ATIVIDADE nº 07

Algumas famílias faziam vinho para vender. De onde eles aprenderam tal ofício, que tecnologia usavam, por que pararam com tal atividade? Pesquise sobre

este assunto e escreva dois textos: um defendendo a produção caseira e outro defendendo a produção industrializada dos produtos. Promova com seus colegas um “fórum” de debates.

#### ATIVIDADES nº 08

Os terrenos eram chamados de chácaras. Lendo atentamente a enumeração delas feita pelo Senhor Ozires Klamas e, tomando por base os limites atuais do Bairro Cristo Rei, tente dispor cada uma delas onde o Sr. Ozires diz terem sido; levante hipóteses sobre o lugar e onde poderiam estar as casas dos donos do lugar.

#### ATIVIDADE nº 09

Você leu nos diversos depoimentos como eram as casas dos moradores do Bairro Cristo Rei. Faça com os seus colegas, réplicas dessas casas, em desenhos ou numa maquete, observando a localização de ruas e pontos referenciais.

#### ATIVIDADE nº 10

Os depoentes narraram algumas brincadeiras ao ar livre, que não podem mais serem feitas atualmente, como pular valetas com varas de bambu, sair a passeio com carrinhos de boneca, caçar animais, pescar nos rios e córregos do Bairro, passear de carroça. Faça desenhos dessas atividades e explique as causas das proibições.

#### ATIVIDADE nº 11

Utilizando o mapa da cidade de Curitiba, localize o Bairro Cristo Rei, determine quais são os limites deste bairro, conforme as delimitações que os depoentes disseram. Com esta observação, eles estavam certos ou errados? A que conclusão você chegou quanto a esta localização?

**ATIVIDADE nº 12**

O Bairro Cristo Rei está localizado na parte leste da cidade de Curitiba. Utilizando o mapa atual do Bairro, faça a Rosa-dos-Ventos / Pontos Cardeais, para indicar essa posição. Os bairros vizinhos são sempre os mesmos, ou mudam conforme o lado que se vire o mapa?

**ATIVIDADE nº 13**

Antigamente parece que os vizinhos eram mais amigos. Com os seus colegas levante hipóteses das causas das amizades daquele tempo e das atuais. Formem dois grupos, de acusação e de defesa de ambas as épocas no item “amizades”.

**ATIVIDADE nº 14**

Você leu que os pioneiros moradores do Bairro Cristo Rei eram imigrantes. Pegue um Mapa-múndi para localizar os países de origem desses nossos antepassados. Desenhe o percurso que eles fizeram para chegar aqui.

**ATIVIDADE nº 15**

Como você pensa que era este espaço territorial antes da chegada dos homens brancos para conquistar e se instalar aqui? Escreva um texto e desenhe sua idéia a respeito disso.

**ATIVIDADE nº 16**

Faça de conta que você é um ser nativo do lugar de antes da ocupação européia. Como você seria e como seria este lugar, a sua habitação, os seus costumes, o seu alimento? Faça um texto, desenhe e promova um debate com seus colegas sobre este assunto. Exponha os trabalhos no painel da classe.

### ATIVIDADE nº 17

Agora você é um desbravador destemido, cheio de sonhos e mora na Europa. Sabe que existe uma terra muito boa e que estão dando de presente a quem quiser, um grande pedaço de chão de mata-virgem nesse lugar, e que para receber tal presente é preciso morar no lugar. Só que fica na América do Sul, e lá, você sabe, está cheio de índios canibais, animais ferozes, perigos e não tem nada. Tudo é preciso criar. Você aceita o desafio. Arruma sua bagagem e vai. E agora? Descreva sua vida nesse lugar desconhecido, como um verdadeiro pioneiro. Faça textos e desenhos de sua epopéia.

### ATIVIDADE nº 18

Leia os relatos dos depoentes com muita atenção e destaque as observações feitas sobre as condições físicas do Bairro Cristo Rei, seus defeitos, o que as pessoas não gostam, suas reclamações. Observe as fotografias do bairro em que aparecem os lugares citados (você já conhece o Bairro Cristo Rei e sabe como ele é). Agora você é o Prefeito desta cidade de Curitiba, recebeu uma grande quantidade de dinheiro para ser aplicada em benfeitorias **SÓ** neste Bairro. Faça uma lista de, pelo menos 10 itens, de inovações ou necessidades desta região, argumente tais decisões, onde seriam feitas e para quais usuários. Use o mapa do Bairro para localizar tais benfeitorias.

### ATIVIDADE nº 19

As pessoas gostavam de freqüentar as festas de Igreja que eram feitas no Bairro Cristo Rei. Por certo você sabe como elas são ou eram. Se não sabe, pesquise junto a pessoas de sua família ou vizinhos sobre elas. Faça uma projeção mental através do tempo, e desenhe o que imaginou com os relatos que ouviu; descreva uma festa dessa como se você tivesse participado dela. Explique, também, por quê as festas eram tão importantes na vida das comunidades.

### ATIVIDADES nº 20

A Sociedade Morgenau foi e é muito importante para o desenvolvimento deste Bairro. Explique porque uma sociedade é importante para esse desenvolvimento. Promova um debate sobre este assunto.

### ATIVIDADE nº 21

O Cine Morgenau fez parte da vida social e cultural dos moradores deste bairro. Por que? Que tipo de filmes passava? Por que ele acabou fechando? O que a piazada costumava fazer antes da exibição da fita?

### ATIVIDADE nº 22

Antigamente este lugar tinha o nome de Bairro Cajuru. Explique o que provocou a mudança de nome, quando que isso aconteceu, quais as conseqüências dessa mudança, que confusões criou na população.

### ATIVIDADE nº 23

As fábricas são importantes para o desenvolvimento econômico de qualquer lugar. Mas, elas acarretam algumas perdas ao meio-ambiente. Aqui no Bairro Cristo Rei não foi diferente. Pelo que você já aprendeu e pelos depoimentos que leu, explique quais as vantagens e desvantagens que as fábricas citadas trouxeram para este lugar. Faça um debate com seus colegas dos prós e contras desses tipos de atividades.

### ATIVIDADE nº 24

Todo lugar acaba tendo seus tipos de rua, ou alguém que age de maneira diferente, ou ainda pessoas temidas, por alguma razão. Alguns depoentes falaram de indivíduos com essas características. Você conhece alguma nessa condição? Seus familiares comentam sobre pessoas diferentes? Pesquise sobre este assunto.

#### ATIVIDADE nº 25

No seu entender, para que foram feitos, pela Prefeitura, os Jardins Ambientais? Quais as causas do abandono em que se encontram? De quem é a responsabilidade da conservação dos aparelhos ali colocados? O que falta para um bom funcionamento desse lugar?

#### ATIVIDADE nº 26

Você leu nos depoimentos, que aqui no Bairro tinha rios, onde pescavam e nadavam. Onde eles estão? O que aconteceu com eles? Pode o ser humano modificar assim a Natureza? O que isto pode acarretar ao meio-ambiente?

#### ATIVIDADE nº 27

Quando chove muito, há alagamentos. Antigamente, também tudo ficava alagado, mas as águas logo eram absorvidas pelo solo. Por que atualmente isto não acontece mais e a enchente causa tanta desgraça? Forme painéis com fotos e desenhos dos maus-tratos que o homem promove no seu lugar de morada.

#### ATIVIDADE nº 28

Cada época tem suas características, suas modas, suas arquiteturas. Observando as casas, os prédios, as edificações do Bairro Cristo Rei, pode-se determinar a época em que foram construídos. Escolha dez tipos diferentes de edificações e faça, com a sua equipe, hipóteses sobre a época de cada uma.

#### ATIVIDADE nº 29

O Bairro Cristo Rei mostra diferentes formas de relevo natural. Observando a paisagem, determine quais são essas formas e onde elas estão localizadas, de que maneira foram aproveitadas pelos moradores, que modificações a natureza sofreu pela ação do homem.

### ATIVIDADE nº 30

Você e seus colegas de equipe são os responsáveis, agora, por determinar algumas mudanças radicais no Bairro Cristo Rei, todas visando apenas o uso pelas crianças e adolescentes; também a administração vai ficar ao encargo de vocês. Pense, imagine, escreva, desenhe, faça uma maquete das proposições de mudanças. Faça um relatório justificando cada mudança, cada lugar escolhido, a possibilidade de realizar tal empreendimento, qual o investimento necessário. Lembre também dos cuidados de preservação ambiental e dos equipamentos. Teçam um paralelo sobre suas proposições.

### ATIVIDADE nº 31

Você conhece a maneira que o lixo é cuidado no Bairro Cristo Rei; as pessoas acondicionam o lixo caseiro em sacos plásticos, para os resíduos de podas de árvores e matos, há caminhões da Prefeitura que recolhem. Mas, há pessoas que não têm cuidado algum, jogando em qualquer lugar os seus lixos. Observe a limpeza das ruas do Bairro, o quanto de educação estes moradores têm e relacione algumas atitudes que podem ser tomadas para melhorar esta questão. Justifique as propostas. Compare estas atitudes com as de moradores de outros bairros.

### ATIVIDADE nº 32

Leia os depoimentos. Neles você encontra referências sobre a rede de esgoto, de como eram escoadas as águas das casas e como eram as valetas e seus conteúdos. Faça uma pesquisa, em equipes, das redes de esgoto do lugar em que moram com a rede das proximidades do Colégio Elias Abrahão. Como é o esgoto deste colégio? Para onde vão os dejetos humanos deste Bairro tão nobre?

### ATIVIDADE nº 33

Lendo os depoimentos, observa-se que, mesmo tendo no Bairro um reservatório de água, as casas não recebiam este benefício. Por que? O que foi preciso fazer para a chegada da água encanada no Bairro? Levante hipóteses com sua equipe e promova um debate em classe sobre essas causas, faça um painel com desenhos das casas das pessoas-depoentes, que contaram dessa dificuldade.

### ATIVIDADE nº 34

O Bairro Cristo Rei é único, seja em Curitiba ou no mundo todo. Descreva o que o torna assim. Desenhe a sua visão deste lugar. Combine com seus colegas de cada um fazer uma quadra, e depois monte um painel gigante com eles. Também será único!

### ATIVIDADE nº 35

Com base nos depoimentos orais que já lemos tantas vezes, lembrando dos bairros que você conhece, proponho que, em equipe, criem um protótipo do bairro ideal, aquele que tudo tem para servir amplamente seus moradores. Sejam os arquitetos urbanos do futuro: do seu futuro. Dê asas à imaginação!

### ATIVIDADE nº 36

Observe as fotografias que estão neste trabalho. Nelas estão gravadas paisagens de diversos lugares do Bairro Cristo Rei. Há também algumas do mesmo lugar, mas de ângulos diferentes. Localize estes lugares, e diga o horário aproximado em que foram tiradas, observando as sombras. Lembre-se dos Pontos Cardeais.

### ATIVIDADE nº 37

Pegue o mapa do Bairro Cristo Rei; monte uma equipe, determine seus pontos referenciais, os pontos cardeais, criem as regras do jogo (como Batalha Naval ou Caça ao Tesouro, ou Os conquistadores atacam o Cristo Rei ou criem um nome), e divirtam-se.

### ATIVIDADE nº 38

Você e seus companheiros estão numa nave espacial retroativa no tempo. Ajustaram os instrumentos de vôo para o século XVIII. Chegam, descem, registram a paisagem em aparelhos fotográficos de última geração, retornam à nave e ao tempo presente. Compare as fotos daquele tempo com as atuais e registre as conclusões em relatórios.

### ATIVIDADE nº 39

Observe as fotos aéreas que o IPUCC mandou fazer de Curitiba, neste caso, são do bairro Cristo Rei e bairros vizinhos. Com seus colegas, identifiquem os seguintes lugares:

- a- o Rio Juvevê-Cajuruzinho;
- b- a Avenida Senador Souza Naves;
- c- o Colégio Estadual Professor Elias Abrahão;
- d- a estrada de ferro;
- e- a Sociedade Morgenau;
- f- a Igreja Cristo Rei;
- g- a Caixa d'água Alto da XV
- h- o Hospital Cajuru;
- i- a sua casa;
- j- a casa de algum parente ou conhecido seu;
- k- a Rua XV de Novembro

**ATIVIDADE nº 40**

Numa das fotos aérea, fornecida pelo IPPUCC, pode-se observar o Bairro Cristo Rei e alguns dos limites com os bairros vizinhos. Tente identificá-los:

- a- Botânico
- b- Capão da Imbúia
- c- Centro
- d- Alto da XV
- e- Jardim Social
- f- Cajuru

**ATIVIDADE nº 41**

Utilizando papel vegetal ou papel de seda, copie das fotos anteriores, esquematicamente, os bairros identificados e os pontos principais do Bairro Cristo Rei.

**ATIVIDADE nº 42**

Nesta foto aérea o Bairro Cristo Rei aparece bem pouco. Localize-o; encontre alguns pontos significativos e comente-os com seus colegas. Determine os Pontos Cardeais. Pelas sombras dos prédios tente saber a hora aproximada que a foto foi batida.

**ATIVIDADE nº 43**

Utilizando papel de seda ou papel vegetal faça sobre a foto aérea o trajeto que você faz para ir de sua casa até sua escola, para ir ao Centro da cidade, demarcando pontos de referência. Crie legenda.

**ATIVIDADE nº44**

Sobre a foto aérea, utilizando uma folha de papel vegetal ou de seda, faça a trajetória das ruas que aparecem, determinando quais são com o auxílio do mapa do Bairro Cristo Rei.

**ATIVIDADE nº45**

Utilize uma folha de papel de seda ou vegetal, escolha uma foto aérea, esquematicamente faça suas ruas, e alguns elementos com ícones especiais, legendando e titulando o trabalho.

**ATIVIDADE nº 46**

Forme equipes. Pesquisem em revistas e jornais alguns mapas de ruas, de indicações de endereço, de propaganda, afinal, o que vocês encontrarem. Recorte-os, cole-os em folhas de sulfite e analisem os elementos desses mapas, comparando-os. Analisem se os objetivos deles em informar correspondem. Justifiquem as conclusões a que chegaram.

**ATIVIDADE nº 47**

Selecione três fotos do Bairro Cristo Rei analisando o lugar, comparando as fotos e indo observar no local se correspondem à realidade. Registre as conclusões.

**ATIVIDADE nº 48**

Cada fotografia tem sua legenda e uma indicação de atividade. Com sua equipe, efetue-as.

**ATIVIDADE nº 49**

Tire fotos do Bairro Cristo Rei, juntamente com sua equipe de trabalho, excursionem pelo Bairro Cristo Rei, tirem fotos. Analise-as e confeccionem um grande painel expositivo, com as fotos legendadas e tudo que vocês escreveram sobre a pesquisa efetuada.

**ATIVIDADE nº 50.**

Muitos dos depoentes falaram das brincadeiras e brinquedos da época em que eles eram crianças ou adolescentes. Faça uma listagem com aquelas brincadeiras e com as atuais, compare-as, comente-as, procure saber mais sobre elas junto aos seus parentes; monte um painel expositivo com essa pesquisa.

**ATIVIDADE nº 51**

Os depoentes falaram também, sobre os tipos de profissões que tinham seus pais e parentes. Faça uma listagem com as profissões citadas e outra com as profissões atuais. Compare-as. Analise-as. Pesquise mais a respeito dessas mudanças.

**ATIVIDADE nº 52**

Analise os recortes de jornais aqui anexos; selecione aqueles que podem ser comprovados ainda nos dias atuais. Reescreva os artigos como se você fosse um repórter. Crie um jornal de classe para a divulgação desses trabalhos.

Enfim, os relatórios estão repletos de boas idéias para serem exploradas e pesquisadas. Cabe ao professor que usar deste trabalho, diversificar e adaptar às necessidades dos seus alunos as atividades aqui propostas, levando sempre em conta que a liberdade de ação é o melhor caminho para um aprendizado significativo e de grande proveito.

## CONCLUSÃO

Ler a vida das pessoas comuns, saber das suas dificuldades e de seus sonhos, ver e conhecer um espaço através dos olhos do passado, entender o como aconteceu pelas recordações de quem viveu, revelar histórias do cotidiano das pessoas, eis como começar a compreender o que somos, por que assim somos.

No Ensino Fundamental costuma-se fazer aulas extraclasse pelo bairro, com toda devida preparação e recomendações, visando o aproveitamento total de tais saídas, com roteiro previamente estabelecido e procurando passar pelos pontos principais, com o objetivo de reconhecer a paisagem local e saber utilizar essas observações em descrições, uma vez que a paisagem é visual, olfativa, sonora, tátil, gustativa, afetiva, vocativa de memórias. Aproveita-se para fazer a relação de orientação espacial e limites do espaço geográfico. Também o entendimento da função social da linguagem cartográfica, e dos processos históricos que permearam a ocupação e a criação do Bairro Cristo Rei.

Assim como nas demais áreas de conhecimento, o ensino da Geografia tem como objetivo conduzir o aluno a desenvolver a capacidade de observar, analisar, interpretar e pensar criticamente a realidade onde se situa. Através da leitura dos relatos orais, permitir que o aluno perceba a ocupação do espaço pelos homens e as transformações que este provoca para suprir suas necessidades; fazer com que o aluno sinta as diferenças entre a ocupação responsável e a depredação ambiental, levando-o a encontrar possíveis soluções para preservar o meio ambiente.

No princípio da ocupação espacial, as fazendas, os sítios e as chácaras, davam um visual rural ao espaço ocupado atualmente pelo Bairro Cristo Rei; com o passar do tempo, pela expansão populacional, o surgimento de fábricas trouxe a necessidade de novos tipos de moradias perto dos locais de trabalho dos operários, ocasionando nova estrutura ambiental; juntamente com novos

moradores, surgiu o comércio, os “negócios” pequenos para suprir as necessidades imediatas.

No povo brasileiro sempre esteve premente a necessidade religiosa e a construção de uma Igreja Católica era tão natural quanto plantar uva, verduras, legumes, frutas e flores; quando uma comunidade se une em torno de um ideal, a luta e o trabalho de todos em pouco tempo aparece; o mesmo aconteceu com relação à unificação de várias escolinhas num Grupo Escolar, na colocação de energia elétrica, no fornecimento de água encanada, na colocação de macadame e asfalto pelas ruas do bairro. As melhorias que aqui se vê, e muitos nem percebem, são frutos de trabalho, luta e perseverança dos seus moradores, desde os mais ilustres aos mais humildes. Todos juntos pelo bem comum.

Apresentar este trabalho aos professores do Colégio Estadual Professor Elias Abrahão, esta nova visão de ensinar e aprender Geografia, torna-se um desafio, uma esperança em novos caminhos.

## REFERÊNCIAS

- \* ALMEIDA, M. E. Como se trabalha com projetos. Revista TV Escola. São Paulo. 2.001.
- \* ALMEIDA, Rosângela Doin de. A propósito da questão teórico-metodológico sobre o ensino da Geografia. In: Prática de ensino em Geografia. Terra Livre oito; Ed. Marco Zero AGB. 1991.
- \* ALMEIDA, R. Doin de PASSINI, Elza Y. O Espaço Geográfico: ensino e representação. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 1998.
- \* ARAÚJO, Regina. E GUIMARÃES, R.B: Construindo a Geografia: Uma Janela Para o Mundo. Vol. 01, Moderna. São Paulo, 1999.
- \* AZEVEDO, Maria Ramos. Viva Vida – Estudos Sociais. FTD. São Paulo, 1996.
- \* BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia / Secretaria de Educação Fundamental. Vol 05. Brasília: MEC/ SEF, 1997.
- LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LEI 9394/96. Governo Federal. Brasília.
- Projetos de Trabalhos. Brasília: Ministério de Educação e do Desporto, Secretaria de Educação à Distância. 1998 (Cadernos da TV Escola. PCN na Escola três).
- \* BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. 3ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- \* CALLAI, Helena Copetti. (org) et all. O Ensino em Estudos Sociais. Coleção Ensino de 1º. Grau. Série Biblioteca do Professor; 15.
- \* CALLAI, Jaeme Luiz (org). Et all. Área de Estudos Sociais: Metodologia. Coleção Ensino de 1º. Grau: 08. Instituto de Ciências Sociais. Universidade de Ijuí. RS 2ª. ed. Livraria UNIJUÍ Editora: 1987
- \* CARVALHO, Alcione Luis P. Orientador. Ufpr. 2.000.

- \* CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos.(org) et all. Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Cap. 01: Apreensão e compreensão do espaço geográfico. Ed. Mediação; Porto Alegre. RS 2000.
- \* CIÊNCIA HOJE NA ESCOLA: Fundação Bradesco. Um: Céu e Terra; 7: Tempo e Espaço. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. 3ª. ed. Ed. Global Rio de Janeiro. 1999.
- \* CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. Cap III, in MINAYO: Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 16ª. ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 1994.
- \* CURITIBA, Prefeitura Municipal. Casa da Memória:  
\_\_\_\_\_ARQUITETURA, três. Curitiba: pasta CDMC;  
\_\_\_\_\_DECRETO No. 774 / 75: Bairros de Curitiba: relação descritiva, parte integrante do Decreto 774 / 75.  
\_\_\_\_\_Freguesia da Matriz. Curitiba.  
\_\_\_\_\_IPPUC.Cristo Rei: nosso bairro.  
\_\_\_\_\_OFICIO no. 188 / 76: 2 plantas de loteamento.  
\_\_\_\_\_PROGRAMA BAIRRO TOTAL: Administração Regional da Matriz – setor um abril; 1994
- \* FENIANOS, Eduardo Emílio.Coleção Bairros de Curitiba – Cristo Rei, a viagem da nau do tempo. Vol. 07. ed. UniverCidade, Curitiba Pr 1996.
- \* FREITAS, T.J.R. e MARIANO C.M. Olhares e Trilhas. Descobrimo a Cartografia – uma experiência nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Nº 01, v.01. Uberlândia, MG. 2.000.
- \* GALLIANO, A.Guilherme. O Método Científico: Teoria e Prática. Ed.Harbra Ltda. São Paulo. 1986.
- \* GARCIA, Hélio e GARAVELLO, Tito M. Geografia Geral. Coleção Novos Tempos. Scipione.São Paulo. 1998
- \* GENTILE, Paola e BENCINI, Roberta. Para aprender (e desenvolver) competências. IN REVISTA NOVA ESCOLA. Ed Abril. Set 2000; ano XV. Nº 135. p 12 a 17.

- \* GOLDENSTEIN, Lea e ROSSINI, Rosa Éster. O Bairro Industrial do Jaguaré, São Paulo. In: Boletim Paulista de Geografia. Art. 2ª. Associação dos Geógrafos Brasileiros. Seção Regional de São Paulo. Maio de 1972. No. 47. Ed. IMPRES. SP. 1972.
- \* HANNOUN, Hubert. El Nino Conquista el Médico: las actividades exploradoras en la escuela primária. Ed. Kapelusz. Buenos Aires. 1997.
- \* KOLODY, Helena. Agenda Poética. Homenagem à poeta paranaense. Imprensa Oficial do Estado do Paraná. 2.000.
- \* LEMOS, Maria da Conceição. Geografia em Questão. vol. 02. Dimensão: Belo Horizonte. MG. 1998.
- \* LISTA TELEFÔNICA GUIA-MAIS: Planta-Índice –págs. 7 /8: mapa bairro Cristo Rei. Ano: 2.001.
- \* LUCCI, Elian Alabi. Geografia: homem e espaço. Saraiva. São Paulo. 2000.
- \* MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). Pesquisa Social: Teoria, método e Criatividade. 16ª. ed. Petrópolis, RJ. : Vozes, 1994.
- \* MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. São Paulo. Loyola. 2ª. ed. 1998.
- \* MORAES, Antonio Carlos Robert. Geografia Crítica: a valorização do espaço. Ed Hucitc; São Paulo. 1984
- \* NIDELCOFF, Maria Thereza. A Escola e a Compreensão da Realidade. Capítulos: Os homens de nossa comunidade e Os homens de outros lugares. Ed. Brasiliense. São Paulo. 1980.
- \* PERIÓDICOS: Escola Aberta. Maio/ Abril 1987: História e Geografia: ação dos homens na construção da realidade.
- \_\_\_\_\_ Fala Professor: As Transformações no Mundo da Educação. Geografia, Ensino e Responsabilidade Social. 4º. Encontro Nacional de Ensino de Geografia. Contribuições Científicas: Resumos Curitiba – Pr. , 18 a 23 de julho 1999. Ed. AGB.
- \_\_\_\_\_ Revista Geográfica e Ensino. Vol. 01, Março/1982. Semestral.
- \_\_\_\_\_ Revista Nova Escola nº 149: ZENTI, Luciana: Um espaço para brincar e aprender. Jan / Fev. 2002.

\_\_\_\_\_ Revista Nova Escola. Nº 135: p.12 e 16. GENTILE, Paola e BENCINI, Roberta: Para aprender (e desenvolver) competências. Setembro 2000.

\* PROINFO: Projetos e Ambientes Inovadores / Secretaria de Educação à distância. Brasília Ministério da Educação, SEED, 2000.

\* SCARLATO, Francisco Capuano e FURLAN, Sueli Ângelo. Pensando a Geografia em Verso e Reverso. Ed.Nacional.São Paulo: 2000.

\* SANTOS, Vânia Maria Nunes dos. Escola, cidadania e novas tecnologias: o sensoriamento remoto no ensino (Coleção Comunicar). Paulinas. São Paulo: 2002.

\* SEED: Geografia. Lições de Professor II; Cadernos de Ensino Fundamental. 5º. Ano. 1991.

\*SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. S. Histórias do Cotidiano Paranaense. Letraviva. Curitiba. Pr. 1996.

\*SCHÄFFER, Neiva Otero (org.), et all. Ensinar e Aprender Geografia. Associação dos Geógrafos Brasileiros-Seção Porto Alegre. 1998.

\*THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-Ação. (Coleção Temas Básicos de Pesquisa-ação). Cap. III: Área de Aplicação. 9ª. Ed. Cortez: Autores Associados. 2000.

\*THOMPSON, Augusto. Manual de Orientação para Preparo de Monografia. 3ª. Ed. Forense Universitária. Rio de Janeiro. 2000.

\*UFPR. Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas. Normas para apresentação de documentos científicos. Ed.UFPR. Curitiba Pr. 2000.

\_\_\_\_\_ Vol. 2 – Teses, Dissertações, Monografias e Trabalhos Acadêmicos.

\_\_\_\_\_ Vol 6 – Referências.

\_\_\_\_\_ Vol 7 – Citações e Notas de Rodapé.

\*VESENTINI, José Willian. O Ensino da Geografia no Século XXI. Ática. São Paulo. 1995.

## DEPOIMENTOS ORAIS

“Se interrogas o passado, mente o cristal da memória para torna-lo feliz”.

**Helena Kolody.**

Universidade Federal do Paraná.

Regina Edna Loss

### Questões sobre o Bairro Cristo Rei

**Por favor**, responda as perguntas da forma que achar melhor. Pode ser como um questionário, ou como um relato, sem se importar com seqüência lógica dos fatos; o que eu preciso são de suas lembranças do bairro Cristo Rei, de quando aqui veio morar. **Agradeço** desde já a sua valiosa colaboração, pois sem ela eu não posso desenvolver este trabalho de monografia.

Muito obrigado!

- 1- Seus dados pessoais: nome completo, idade, endereço, estado civil, profissão, descendência, nacionalidade...
- 2- Há quanto tempo mora no bairro Cristo Rei? Quais os motivos que ocasionaram a mudança de sua família para este bairro?
- 3- Como era o bairro quando aqui chegou?
- 4- Como era a sua casa e a de seus vizinhos? (tipos de construção, de que material eram feitas, tamanho delas, altura, quantos cômodos tinham, o banheiro era dentro ou fora de casa, tipo de fogão, chaminé, paiol, galinheiro...).
- 5- Que melhorias havia neste bairro? (água encanada, luz elétrica, iluminação pública, esgoto, transporte coletivo, calçamento, comércio, escolas, médico, dentista...).
- 6- O que era considerado chique no Bairro Cristo Rei?

7- O quintal era plantado? Que tipos de plantas? Havia jardim na sua casa? Tinha criação de animais?

8-Havia animais selvagens ou domésticos andando por aí sapos, lebres, cobras, raposas, passarinhos, corujas, gavião, morcegos, cabras, cavalos, gado, aves diversas...e como esses animais eram tratados pelos moradores da região?

9- Que tipos de edificações havia no bairro Cristo Rei, o que eram e onde ficavam? Ainda existem e o que são atualmente?

10- Qual era o tamanho deste bairro, até onde ia? Aponte algumas referências de delimitação que eram usadas na época. de onde até onde ia o bairro Cristo Rei?

11-Quando as pessoas falavam de onde moravam, qual era o ponto de referência? como se referiam a ele?

12- As pessoas confundiam o bairro Cristo Rei com outros? Quais? O que e como falavam do lugar?

13- Qual era a opinião dos não moradores deste bairro sobre este lugar?

14- Havia fábricas no bairro? O que fabricavam? Que tipos de mão-de-obra eram utilizadas? Onde moravam os operários? Eles eram de Curitiba ou de outras cidades?

15- No bairro, havia outros tipos de serviços e trabalhos para a população aqui moradora?

16- Quais eram as escolas do bairro? Eram perto do quê? Onde ficavam? O que foi feito delas?

17- Quais eram as religiões dos habitantes deste bairro? Onde iam prestar seus cultos e louvores? Quais eram e onde ficavam esses lugares das diferentes manifestações religiosas?

18- Nessas igrejas / templos, havia festas ou comemorações, para todo o povo do lugar? Como eram, quem organizava, o que tinha de bom?

19- De que brincavam as crianças do bairro? Que brincadeiras costumavam ter com os vizinhos e amigos?

20- Onde as famílias iam passear quando podiam? Passeavam pelo bairro? Quando queriam fazer piquenique, aonde iam?

21- Havia alguma pessoa especial ou diferente que todos conheciam, da qual gostavam ou não e o que ela fazia? (gente de rua, sortista, deficiente mental, benzedeira, vendedor de...).

22--O que havia no bairro Cristo Rei e não tem mais, mas que era muito bom, e que você sente falta?

Obrigada pela inestimável colaboração.

Regina Edna Loss

---

## Depoimento oral nº 01 - MARINA SATOE MIYAO BONACIM

(abril/2002)

Meu nome é MARINA SATOE MIYAO BONACIM, tenho 49 anos, sou casada e sou professora das séries iniciais no Colégio Estadual Prof. Elias Abrahão, do bairro Cristo Rei em Curitiba. Sou de descendência japonesa, nasci na cidade de Andirá, no norte velho do Paraná, logo, sou brasileira.

Moro no Bairro Cristo Rei desde que aqui cheguei, em 1976, vinda do interior do Paraná, recém-casada e cheia de sonhos a serem concretizados. Deparei-me com uma grande cidade, porém calma e acolhedora, principalmente neste bairro, aonde vim morar. As ruas com pouco movimento. O espaço onde hoje é o Jardim Ambiental I, era um matagal onde os canos da adutora de água passavam a céu aberto. Havia um trecho por onde eu passava para ir trabalhar, que era de terra e quando chovia, o problema se agravava, pois ficava com os sapatos cheios de barro. Logo que cheguei em Curitiba fui lecionar no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, neste mesmo Bairro, para a turma da pré-escola; ali trabalhei até julho de 1978. A partir desta data acompanhei meu esposo, que é engenheiro, em seus trabalhos em obras pelo Brasil de norte a sul.

Na época de 1976 conheci a Fábrica de Móveis Cimo, o Cine Morgenau, enfim, este era um bairro muito bom, por isso o escolhi, pela sua tranqüilidade, que me fazia lembrar a minha pacata cidade do interior, Andirá.

Moro na rua do Herval, e por aqui passava um riozinho onde mais tarde foi feito o encanamento. Antes havia uma pequena ponte para os carros entrarem no pátio do prédio onde moro. Até hoje há uma parte não encanada, ao lado da linha férrea e quando chove, os canos não conseguem dar vazão a tanta água, que transborda, e inunda a casa ao lado da linha, na Rua do Herval.

Aos poucos o Bairro Cristo Rei foi crescendo. A Prefeitura inaugurou o Jardim Ambiental I, trecho da Avenida Sete de Setembro, que compreende entre as Ruas José de Alencar até a Avenida Senador Souza Naves. Transformou-se de um amontoado de canos e matos em uma linda rua de lazer, com quadras de Basquete, Tênis, patinação, tanques de areia... Ali os professores de Educação

Física, contratados pela Prefeitura, começaram a atuar com adultos e crianças, promovendo aulas, competições, além de ter um local de empréstimos, tanto de material esportivo, quanto de revistinhas para o entretenimento das crianças. Tornou-se local de encontro de pais e crianças, que nas manhãs ou tardes levavam seus filhos para brincar no parquinho, os jovens iam andar de bicicleta ou praticar algum esporte, várias pessoas começaram a por em prática suas caminhadas. O tempo foi passando e infelizmente, hoje, esse espaço não é mais o mesmo, não se vê crianças brincando nele, pois, desde que foi dito que o projeto da Prefeitura era demolir a área de lazer para torna-la uma Via Rápida, os professores não mais vieram e a área foi ocupada por drogados e desocupados.

Da janela do apartamento onde moro, vejo a linha do trem. Acostumei-me com o barulho dele e nem acordo quando ele passa de madrugada. Também vejo a ciclovia que nos leva a várias partes da Cidade.

Confundia-se muito o Bairro Cristo Rei com o Bairro Cajuru em virtude dos nomes que se davam às Instituições, como o Colégio Cajuru (hoje o Colégio Bom Jesus) e o Hospital Cajuru, que estão localizados no Bairro Cristo Rei.

Há em nosso bairro muitas casas de madeira com seus mais variados e criativos LAMBRIQUIS, que me fazem lembrar o passado. Perto do Colégio Estadual Professor Elias Abrahão, temos uma casa que foi tombada pelo Patrimônio Histórico. Em nosso Bairro há a harmonia de conviver com o novo e o antigo.

Este Bairro foi o berço de uma personagem muito famosa, Poty Lazzarotto, artista plástico, que deixou estampados, em vários lugares da cidade, maravilhosas obras de arte, sejam em painéis azulejados, sejam em esculturas, sejam em murais de baixo relevo ou em alto relevo. Aqui perto, numa praça ao lado da linha do trem, onde ele parava para pegar passageiros, há um painel em homenagem ao trabalhador da estrada de ferro, o Guarda-freios; também ao lado da Caixa d'Água, na ponta leste deste Bairro, há um mural enorme do Poty, contando, em magníficas pinturas azulejadas, a história da água, desde a criação do mundo por Deus.

Outro personagem famoso deste Bairro é um ator que atua na Rede Globo, o Licurgo Espíndola Araújo, que foi aluno do Colégio Estadual Elias Abrahão e cujos pais continuam morando perto do Colégio, na Avenida Souza Naves.

Nosso Bairro conta, atualmente, com vários estabelecimentos comerciais. Infelizmente, com a abertura de novos Super e Hiper Mercados, algumas casas antigas tiveram que fechar suas portas, pois, as concorrências não as deixaram prosseguir nesse ramo.

Atualmente sinto saudades da tranqüilidade que tínhamos dos anos de 1976 até 1995. Daí para cá os tempos mudaram, mas o Bairro Cristo Rei continua belo.

Depoimento oral Nº 02 - MARISTER TREZUB RICCIO

( abril/2002)

Chamo-me MARISTER TREZUB RICCIO, tenho 45 anos, nasci no dia 31 de julho de 1957 e sou moradora deste Bairro desde então. Sou professora do Ensino Fundamental da Rede Estadual de Ensino há 24 anos, possuo nível superior.

Desde que consigo recordar, o Bairro Cristo Rei mudou e muito e tive o privilégio de presenciar esta mudança. Recordo-me que onde hoje é o Supermercado Extra, da XV, era uma chácara, onde havia uma plantação de bambus e cedros. Ali brincávamos muito de fazer “cabanas na mata”. Havia também um “olho d’água”, que o EXTRA aproveitou para fornecimento de água.

Minha rua, Rua Rinaldino de Quadros, era de macadame, hoje é asfaltada e considerada via de rápido acesso; o asfalto vinha somente até o Grupo Escolar Cristo Rei, hoje Colégio Estadual Professor Elias Abrahão, onde trabalho. Neste colégio cursei todo o meu primário. Sinto-me orgulhosa de dar aulas nas salas onde já me sentei como aluna. Lembro-me de quase todas as minhas professoras. Fui muito feliz nesta escola

A casa onde moro é a mesma, tanto em estrutura como em local. São poucos os vizinhos que permaneceram, mas suas residências são originais.

Meus pais costumavam criar galinhas e coelhos, mas também tínhamos uma cabrita que fornecia-nos leite. Quando ela fugia, lá iam meus irmãos atrás dela até a linha férrea, que hoje é a Rua Padre Germano Maier.

A concentração maior de comércio era somente o Mercado Municipal, próximo ao Bairro. Perto de casa somente os armazéns de secos e molhados, que inclusive na minha residência meu pai tinha um.

Quando eu era menina, os únicos prédios maiores que conheci aqui no Bairro Cristo Rei, foram o Hospital Cajuru, o Colégio Cajuru e a Sociedade Morgenau. Só bem mais tarde é que foram surgindo os prédios residenciais.

Os limites do Bairro Cristo Rei sempre foram difíceis de se estabelecer, pois é um bairro pequeno; costumavam e costumam ainda confundi-lo com o Bairro Cajuru e também com o Bairro Alto da XV.

As indústrias que me recordo neste lugar, eram: Móveis Cimo, que pegava todo o quarteirão onde hoje é, em parte, o Super Mercado Pão de Açúcar; a fábrica de tacos PARK E TAC (não sei se era assim que se escrevia), inclusive meu pai e meu irmão mais velho trabalharam nas duas; havia também uma indústria de artefatos de cimento chamada Ceolin, se não me falha a memória. Lembro-me que até participei de uma festa de Natal no Móveis Cimo e ganhei uma boneca.

Meu bairro sempre foi muito bom, muito elogiado e seus moradores considerados “bairristas”. O ponto de referência para minha residência era e é o Colégio Cristo Rei. Agora citamos também o Supermercado Extra.

Antigamente possuíamos água encanada, mas o esgoto era valetas, onde até brincávamos de “pular valeta” com varas de bambu. Também descíamos os morros em pneus e cascas de coqueiros.

Como o asfalto só chegava até o Grupo Escolar, ali era o ponto final da linha de ônibus Lar das Meninas/ Mercês – Cajuru. Mais tarde surgiu o asfalto da Rua XV de Novembro e o ônibus Rua XV /Vicente Machado vinha até a Caixa d’água, onde era seu ponto final.

O Bairro Cristo Rei recebeu este nome devido à Igreja católica de Cristo Rei, que fica bem próxima de minha casa. Nesta Igreja fiz toda minha caminhada católica, desde o catecismo até o batizado de meus filhos.

Recordo-me que tínhamos muito medo de uma mulher deficiente, que o boato dizia que ela pegava as crianças para afogar no poço. Como éramos tolos... Ao lado da Escola havia uma mulher que criava gansos. Quando eles fugiam era um Deus nos acuda...

Passeávamos muito. A cada 15 dias meus pais nos levavam até Paranaguá de trem. Tínhamos parentes lá. Era uma festa! Por isso o trem é um marco importante até hoje. Sentirei falta do seu apito, se a Prefeitura tirar a linha aqui de perto.

Sinto muita falta das festas juninas e as da Igreja que fazíamos, da união com os vizinhos da rua. Hoje somos somente em 4 moradores antigos: ficou muito difícil conhecer todos na atualidade. Mas... tudo em nome do progresso...Meu bairro mudou muito, as crianças já não podem mais brincar de se esconder, de mãe-pegar, de futebol, de pular corda, de passa-anel... uma que não se interessam, outra que só podem brincar fechados, pois a rua tornou-se muito perigosa.

Mas, adoro meu bairro mesmo assim e o defendo com unhas e dentes quando alguém tenta trocar o seu nome. Espero, em Deus, que eu permaneça por aqui até o fim de meus dias, para poder contar aos meus netos o que tinha na rua, no bairro...

Depoimento oral Nº O3 - MARIA LÚCIA BOLECENHA SIMM

( abril/2002)

Meu nome é MARIA LÚCIA BOLECENHA SIMM, tenho 51 anos, sou casada, comerciante, moro na Rua Padre Germano Maier 297, Bairro Cristo Rei. Venho de uma família de italianos e eu sou brasileira: nasci em 1951 na Avenida Capanema, atual Avenida Presidente Affonso Camargo, esquina com rua Schiller, na casa dos meus avós maternos, que eram os proprietários deste terreno.

Na época, as casas eram na maioria, estilo bangalô de madeira; havia algumas residências de material e outras eram mistas, isto é, tijolos por fora e madeira por dentro. Algumas casas tinham o banheiro fora "casinhas"; o fogão geralmente era à lenha. Casas com banheira e as que não tinham banheiro interno usavam "tinhas" para o banho. Por aqui já tínhamos luz elétrica, iluminação pública, e água encanada. Algumas casas utilizavam água de poço. As ruas não eram asfaltadas, como a Avenida Guarani, atual Rua Souza Naves; a Rua Goethe, atual Rua Padre Germano Maier e outras tantas.

Prédios havia poucos: Hospital Cajuru, Colégio Nossa Senhora de Lourdes, "Cajuru", e o Grupo Escolar Cristo Rei. Não tinha no bairro consultórios médicos, mas já tinha dentistas. De comércio havia os armazéns do "Vanto", do "Grassi", do "Morona", do "Simm".

Os jardins das casas eram floridos, com copos-de-leite, hortênsia, rosas, cravos, margaridas... Nos quintais de algumas casas plantavam frutas e verduras; algumas pessoas criavam cabras, porcos, e alguns tinham cavalos.

O Bairro Cristo Rei limitava-se da Rua Ubaldino do Amaral até a Rua Nossa Senhora da Luz e da Rua XV de Novembro até a linha de trem, no Capanema.

As referências do Bairro Cristo Rei eram a Sociedade Morgenau, a Igreja Cristo Rei e o Cine Morgenau. O Bairro era confundido com o Bairro Cajuru, antigo nome deste bairro, que evoluiu muito e todos sempre se sentiram muito bem aqui.

Existiam algumas fábricas: a de Móveis Cimo, a Fábrica de Fósforos Mimosa. A mão-de-obra era do bairro e alguns vinham da região metropolitana, principalmente de Almirante Tamandaré e Rio Branco; vinham de trem. A maioria dos homens trabalhava na Rede Ferroviária Federal.

A religião predominante no Bairro, era a Católica, e a Igreja Cristo Rei era o centro religioso. Esta Igreja foi fundada pelo Padre Germano Maier, no terreno doado pelas Irmãs de São José, pois toda a área, da Avenida São José, até a Avenida Souza Naves pertencia às freiras.

As crianças brincavam nas ruas e campos de esconde-esconde, betes, pega-pega, futebol, etc... Havia festas na Igreja duas vezes ao ano: em agosto e em novembro. Era a coqueluche, todos se encontravam ali e se divertiam muito. Tinha churrasco, lanches, barracas de rifas, correio elegante... É das coisas que mais se tem saudades.

As famílias iam ao Cine Morgenau, que tinha seções nos finais de semana e nas quartas-feiras. Também iam passear no centro da cidade, em ônibus de linha. Fazíamos piqueniques às beiras dos rios em Pinhais e em São José.

Havia aqui no Bairro benzedeadas como a Dona Clara e a Dona Vitória, que benziam e curavam torções. Uma figura folclórica era a "Mulher das cabras" que morava na Rua José de Alencar com a Rua do Herval.

O Bairro Cristo Rei continua sendo muito agradável, mas temos saudades das festas de Igreja, do Cine Morgenau e do sossego que imperava.

## Depoimento oral Nº 04 - VERA LÚCIA D'ANDRÉA E ALMEIDA

(abril/2002)

Meu nome é VERA LÚCIA D'ANDRÉA E ALMEIDA; moro no Bairro Cristo Rei, na Rua Souza Naves, 655, há 20 anos. Sou professora e tenho descendência portuguesa e italiana. Meus avós paternos, Joanna Meirelles de Almeida e Juviano Ribas de Almeida, fundaram Piraquara e passaram metade da vida lá e depois vieram para Curitiba, pois meu bisavô Antônio Meirelles Sobrinho comprou para a família, todo o quarteirão que pegava a Rua Reinaldo Schafenberg de Quadros até a Rua 21 de Abril, Fernando Amaro e Atilio Bório. O Bairro era diferente e eu, na época, morava no Norte do Paraná, e quando vinha aqui passar férias, ficava fascinada, pois as ruas não tinham calçamento e o esgoto era a céu-aberto, exalando aquele cheiro característico, que até hoje me lembro bem. Quando chovia, os sapos saltavam aos nossos pés.

As casas eram a maioria de madeira, com telhado caído com aparador de chuva e aqueles enfeites de madeira, lambriquis, parecia renda. Eram grandes os cômodos das casas; a nossa tinha um sótão grande, o qual ainda guarda as minhas recordações de infância. O que me impressionava era a cozinha, enorme, com um grande fogão a lenha no centro e era abastecido por um homem com uma carroça que trazia a lenha cortadinha e amarrada em pequenos feixes. Este fogão tinha uma serpentina que passava por dentro e levava água quente para a casa toda e o banheiro também enorme, possuía uma banheira grande; muito mais tarde é que foi colocado chuveiro elétrico. A geladeira era abastecida por uma charrete que trazia barras de gelo. O pão e o leite também eram entregues às 5.00 horas da manhã por um senhor com charrete e cavalo com um sino que vinha anunciando. Muitos anos após é que foi aberta a primeira padaria na Rua Sete de Abril. As casas dos meus parentes tinham galinheiro, criavam galinhas e patos; tinha horta; não se comprava nada, nem frutas e nem legumes. Na casa de meus avós tinha parreira, macieira, pereira, amoreira, horta em que se plantava tudo. E uma grande jabuticabeira, que existe até hoje no pátio da antiga Fábrica de fitas

do Wensk, na Rua Ubaldino do Amaral, pois a casa, em 1987 foi demolida e como fazia divisa com a fábrica, foi vendido para eles.

A iluminação pública era fraca, com lâmpadas comuns. Prédios e casas grandes não eram muitos, pois somente em 1978 é que foi canalizado o rio que atravessa a Rua Souza Naves, para construir o Condomínio Cosmos, aonde eu moro. Foi um empreendimento arrojado para a época.

O ponto de referência que se tinha era a Igreja, que era pequena, bem típica de imigrantes. E quando resolveram fazer outra, eu mesma saía com rifas vendendo, simbolicamente, os tijolos para construir esta outra, moderna. Muito churrasco foi vendido, muita novena e procissões foram feitas. Tinha a capelinha que uma senhora levava nas casas e também angariava donativos. Minha irmã foi a primeira noiva a se casar na Igreja nova. Como era linda!

Escola, que eu me lembre, só a São Judas e o Cristo Rei.

Quando eu quero dar um ponto de referência do Bairro, ainda digo perto da linha do trem, que até hoje causa polêmicas com os seus acidentes e apito estridente. Muitas pessoas confundem o Bairro Cristo Rei com o Bairro Cajuru. Todos nós amávamos o Bairro Cristo rei, como eu o amo até hoje.

Havia uma Fábrica de Fósforos, que uma noite pegou fogo, o qual eu presenciei fascinada, da janela da casa de meus avós. Foi a primeira vez que eu via o Corpo de Bombeiros agindo.

Tinha uma Fábrica de fitas e os operários, homens e mulheres subiam e desciam a Rua Reinaldino, de bicicleta, todos os dias; ali, hoje, funciona a Cultura Francesa e o Centro Alemão, que dão fundos com a antiga casa de Vovó.

A religião do bairro era a Católica; não tinha o que hoje tem, centros espíritas, candomblé, etc...

As brincadeiras das crianças eram betes, amarelinha, futebol nos terrenos baldios, e as meninas, bonecas.

Íamos à Sociedade Morgenau e piquenique fazia lá no alto, onde hoje é o Supermercado Extra.

Sinto falta da comunidade unida, das festas da Igreja, das tardes dançantes...

Depoimento oral Nº 05 - ARACY DE OLIVEIRA RAVANELLI

( abril/2002)

Meu nome é ARACY DE OLIVEIRA RAVANELLI, tenho 77 anos e moro a 32 anos na Avenida São José, 700, bloco E, apartamento 27. Sou viúva e aposentada, sou brasileira.

Quando vim morar no Bairro Cristo Rei, foi porque compramos este apartamento em local tranqüilo, mas sem muitos recursos comerciais. Neste lugar aonde vim morar, já havia melhorias modernas, todos os recursos necessários, como água encanada, luz elétrica, iluminação pública boa transporte coletivo, calçamento nas ruas, médicos, dentistas, escolas.

As moradias eram consideradas muito chiques, bonitas, havia muitos jardins plantados, principalmente ao redor dos prédios. Quanto às edificações, as casas velhas foram demolidas para a construção de prédios de moradias, mas algumas ainda existem, menos os Móveis Cimo, que antigamente era o ponto de referência daqui. As pessoas confundiam este Bairro com o Bairro Cajuru, acho que por causa do Hospital, do Colégio das Irmãs. Também o achavam muito tranqüilo. Muitos eram trabalhadores das fábricas: Móvel Cimo e da Indústria de Fósforos.

Eu freqüentava a Igreja Cristo Rei e só conheci os que ali iam também.

Eu não tinha tempo para zanzar pelo Bairro, então não posso falar daquilo que não conheci.

## Depoimento oral Nº 06 - ROSANA PESSATTI

( abril/2002)

Meu nome é ROSANA PESSATTI, tenho 36 anos, sou professora, de descendência italiana, com nacionalidade brasileira, residente na Rua Atílio Bório 286, apartamento 03, Bairro Cristo Rei. Resido neste bairro há 15 anos. O que me fez morar aqui foi por ser um bairro desenvolvido, central, e com muitas lembranças de infância.

Quando aqui cheguei, este já era um bairro com progresso, porém, nestes anos percebemos seu desenvolvimento ainda maior, principalmente no aspecto de imóveis e transportes. Quando vim morar aqui, já havia muitos prédios, incluindo o que eu morava; e também já possuía uma boa infraestrutura: há 15 anos atrás o Bairro Cristo Rei comportava um bom comércio, escolas, consultórios, inclusive hospitais, água encanada e iluminação. Mas hoje, podemos perceber, principalmente shopping e restaurantes.

Há mais ou menos 30 anos o Bairro Cristo Rei só tinha residências, mas, hoje, o número de edifícios é grande. Havia muitos terrenos baldios como aquele ao lado da Igreja São Judas Tadeu, que hoje é o Colégio Decisivo. E até mesmo as valetas com campos, onde hoje temos os Jardins Ambientais.

Como pontos de referência, sempre foram indicados a Igreja de São Judas Tadeu, o Hospital Cajuru, a Sociedade Morgenau. Este Bairro era confundido e ainda o é com o Bairro Cajuru. O Cristo Rei nunca foi muito extenso e ainda não é, mas as referências de limites eram a Rua Ubaldino do Amaral e a Avenida Nossa Senhora da Luz, e sempre teve a fama de ser um Bairro muito bom.

Há mais de 50 anos, aqui havia a Fábrica de Fitas, em frente da Praça do Expedicionário, e que seu produto eram fitas. Usava da mão-de-obra feminina em maior número para tear, medir e enrolar as fitas nas peças. Os funcionários moravam no Bairro ou nos bairros vizinhos. Outra fábrica existente aqui, há mais de 30 anos, era a de móveis, chamada Móveis Cimo, onde hoje é o Supermercado Pão de Açúcar. O Bairro já possuía há muito tempo comércio, onde a população

poderia se empregar, como o Mercado Municipal, o Hospital Cajuru, a Clínica de Fraturas XV, etc. As escolas que aqui se encontravam eram as escolas públicas, como a de São Judas Tadeu e o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, hoje o Bom Jesus.

A religião predominante no bairro sempre foi mais a Católica e os moradores freqüentavam e freqüentam a Igreja São Judas Tadeu. Ali existiam festas e existem até hoje, não só festas, como almoços, procissões, bingos, etc.

A Fábrica de Móveis Cimo é que deixou muitas saudades em minha vida, pois meu pai lá trabalhava e eu e minhas irmãs íamos nas festas de Natal que a fábrica proporcionava aos seus funcionários e familiares.

Depoimento oral Nº 07 - ISAURA CROCETTI

(abril/2002)

Meu nome é ISAURA CROCETTI, tenho 80 anos, moro na Rua do Herval, no Bairro Cristo Rei; sou viúva e de profissão costureira. Sou descendente de italianos e de nacionalidade brasileira. Moro aqui no Cristo Rei há 80 anos. Minha avó veio da Itália e se mudou para o Cristo Rei, antigo Cajuru.

Aqui só havia um açougue, um armazém e a única igreja era a gruta do Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Não havia qualquer melhoria, a não ser luz elétrica.

A partir de 1918 o que era chique era ir na Sociedade Morgenau, fundada pelo meu avô, SÉGIO RICCETTI.

Minha avó criava porcos e galinhas. Por aqui só tinha muito sapo e eu sempre tive muito medo deles.

Não tinha nenhum edifício alto, naquela época, só casas baixas.

Havia uma fábrica de fósforos, chamada Mimosa. Era aqui perto de minha casa, ali, onde tem aqueles prédios altos, na Rua Souza Naves. Lugar para trabalhar, não tinha, só os ferroviários.

Por aqui não tinha escolas; só havia o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, que continua no mesmo lugar.

Que eu saiba, todos eram católicos e iam à Igreja do Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Não tinha festas, e se tinha, eu não ia.

As crianças brincavam de raia, bola, bolinha de búrico, boneca, nem sei mais.

Na minha família, ninguém passeava. Nos fins de semana, de tão cansados, todos ficavam em casa, limpando, arrumando, consertando. Era a gente mesmo que fazia tudo que precisava.

Depoimento oral Nº 08 - NESTOR DA LUZ FILHO

(abril/2002)

Meu nome é NESTOR DA LUZ FILHO, tenho 55 anos, sou casado de profissão cabeleireiro, de descendência portuguesa, sou brasileiro, moro na Rua Adão Sobocinski, 68, sob. 02 CEP 80050-480.

Há um ano e nove meses, era meu sonho construir uma casa considerada boa, e coincidentemente deu certo de ser no Bairro Cristo Rei, pelo motivo de já trabalhar aqui há muito tempo. Quando conheci este Bairro, isso no início dos anos 70, não tinha edifícios. A Avenida Castelo Branco, não tinha asfalto, e existia na época duas linhas de ônibus: o Cajuru, com ponto final na BR 116, ao lado da COTRASA, e a linha Capão da Imbuia, que se dividiam na Avenida Castelo Branco: Cajuru ia pela Avenida Souza Naves e o Capão da Imbuia pela Avenida São José. Não tinha na época, o comércio que temos hoje, como podemos ver, as residências se tornaram lojas, escritórios, restaurantes, etc.

Bom, quando conheci o Bairro Cristo Rei, as casas já eram relativamente boas, a maioria de alvenaria. Já existia água, luz, a maioria das ruas era calçadas, tinha o consultório do Dr. KOKICHI WATANABE, dentista, que por sinal, tenho no local o meu Salão de Cabeleireiro.

As escolas que tinha eram o Colégio Cajuru, hoje Colégio Bom Jesus e o Colégio Cristo Rei, que por sinal, eles hoje têm melhores condições de atendimento. Nesse tempo, chique era quem podia pagar colégio particular para os filhos, era freqüentar a Sociedade Morgenau, ir à praia nos finais de semana, coisas desse gênero.

Nas casas, tinha flores nos jardins, outros quintais com hortas plantadas; alguns criavam até galinhas; até os cachorros andavam soltos nas ruas. Animais havia não todos os imagináveis, mas existiam muitos nessa região. Havia os lenhadores que entregavam lenha com suas carrocinhas de cavalo; os pássaros têm até hoje, que são tratados pelos moradores. As edificações eram de alvenaria, tinha bastante de madeira, que são conservadas por alguns moradores.

O Bairro Cristo Rei era menor. Não vinha até a BR 116: pegava mais ou menos da Rua Padre Germano até a Rua Itupava, por aí. A rua Souza Naves até o Colégio. Dali para cá, já era considerado Bairro Cajuru. Quando as pessoas falavam de onde moravam, diziam assim: “Ah! Eu moro na rua Tal, perto do armazém do Fulano de Tal”, ou “... na Oficina do José, que é compadre de Fulano”.

As pessoas do Cristo Rei sempre foram muito definidas, conscientes e muito bairristas. Sempre tiveram orgulho do Cristo Rei e não o confundiam com qualquer outro. Isso, só os de fora.

A opinião dos não moradores sobre este Bairro era de boas impressões, pois desde que conheci o Bairro, (eu vim de Santa Catarina aprender a ser barbeiro), apesar de não conhecer bem as pessoas, todos se admiravam dos moradores, daquele pessoal, honrados e honestos, povo trabalhador; a maioria descendente de alemães e italianos.

Havia naquela época a Fábrica de Móveis Cimo, na Avenida São José, com sua loja própria e o seu grande depósito, ali onde hoje é o Pólo Shopping, com diversas modalidades de mão-de-obra. Seus funcionários, a maioria morava na periferia. Havia também os pequenos armazéns e oficinas.

As escolas que conheci, existem até hoje, a do Bom Jesus e a do Cristo Rei, porém, agora, temos mais opções de Jardins de Infância, escolas de línguas. (idiomas). Cresceram bastante essas atividades pela necessidade e o crescimento da população.

Que eu saiba tinha a religião Católica, o povo freqüentava a paróquia de São Judas Tadeu e quem era Protestante, deveriam ir para o Centro, pois até hoje não conheço aqui perto Igreja Luterana. Existe, a Igreja Hollynez, de japoneses cristãos. Havia a Igreja Assembléia de Deus na Avenida Nossa Senhora da Penha e em fins da década de 80, virou lar para crianças carentes.

Sempre teve as festas na Paróquia, com diversas atividades, como a quermesse, festa do padroeiro; quem organizava os eventos era o pároco com as equipes que o auxiliavam.

As crianças brincavam de todo tipo de brincadeiras: de mãe-pegas, rodacotia, de bonecas... Os meninos de jogar bola, subir em árvores, de colher frutas no pomar dos vizinhos, etc...

As famílias iam passear um vizinho na casa do outro, ou no Passeio Público; fazer piquenique era fácil, na época: ir até Pinhais já era festa, armavam as barracas e tudo bem!

Se havia alguma pessoa diferente, eu pessoalmente não posso afirmar, porque conheci o Bairro e o pessoal mais na questão profissional, mas havia a Dona Ana Piazzetta, que era benzedeira e a dona deste prédio em que tenho meu Salão.

No meu caso, posso afirmar que no Bairro Cristo Rei havia segurança pública. Nós, moradores e trabalhadores do bairro vivemos com medo e insegurança; muito apavorados com os assaltos e outros tipos de violências. Temos saudades e sentimos falta daquela tranquilidade de poder trabalhar até tarde, atender os clientes sem aquele pavor de ter que fechar as portas, e quando alguém bate, ter que espiar pela fresta e ver quem é, se não é um bandido... e em casa ter que fazer grade em todas as janelas e cadeado por todo lado.

Verdadeiramente, sentimos falta do sossego que tínhamos em tempos anteriores.

Depoimento oral Nº 09 - NORMA REGINA MARQUES BATISTA

(maio/2002)

Meu nome é NORMA REGINA MARQUES BATISTA. Tenho 45 anos, sou divorciada, comerciante, brasileira. Meu endereço é Avenida Souza Naves, 873, Cristo Rei, Curitiba, Paraná.

Moro neste Bairro há 45 anos: meus avós compraram alguns lotes na quadra onde moro, de um parente. Nasci na casa da esquina da Rua Padre Germano Maier com Avenida Souza Naves. Naquela época, a casa era de madeira, tipo chalé; as ruas não eram asfaltadas e a Rua Padre Germano Maier tinha outro nome, se não me engano, era Rua Goethe, e só mudou de nome depois da morte do padre, que construiu a igreja antiga, num acidente de carro.

As casas eram, a princípio, de madeira, altas, com vários cômodos, uma cozinha grande, com fogão a lenha. Havia dois banheiros, um dentro de casa e outro fora, tipo "casinha" Tínhamos criação de galinhas, patos e um parreiral de uvas muito grande, porque meu avô fabricava vinho, para consumo da casa. Havia um paiol para ferramentas, uma cozinha onde se fazia o vinho e um outro espaço reservado onde minha mãe ensinava corte e costura. Os terrenos eram separados por cerca de ripas.

Chique, naquela época, era o Colégio Nossa senhora de Lourdes, onde só a elite da época estudava e ir ao Cine Morgenau.

Havia alguns animais: sapos, pássaros, corujas, corvos, cavalos e outros animais domésticos.

Havia uma fábrica de fósforos desativada, onde muitos moradores do bairro tinham trabalhado. Ficava na Avenida Souza Naves, esquina com a Rua Schiller, onde hoje é um condomínio com quatro grandes edifícios. De resto, eram mesmo as casas dos moradores do Bairro.

Os limites que eu conhecia naquela época giravam em torno da Igreja até a Fábrica de Farinha Anaconda e até as margens da BR 116 e a rua XV. Os

pontos de referência eram e são até hoje, a Igreja Cristo Rei e a Sociedade Morgenau. Confundem este Bairro com o Cajuru.

Sou bairrista, só tenho boas recordações e não tenho do que reclamar. Por aqui sempre teve o Clube, a Escola Cristo Rei, e o Hospital Cajuru, que agora é o Pronto Socorro. Também o Colégio Nossa Senhora de Lourdes / Bom Jesus.

Nosso Bairro é, na grande maioria, católica. Na igreja Cristo Rei havia festas no pavilhão; tinha churrasco, bingo, festa junina; eram muito divertidas. Hoje já não é mais assim.

As crianças do bairro brincavam todas juntas, era muito divertido. Brincávamos de esconde-esconde, casinha, polícia e ladrão, amarelinha, caçador. Subíamos em árvores, andávamos de bicicleta e patinete. Não fazíamos passeios ou piqueniques pelo Bairro. Tenho saudades do Cine Morgenau, onde íamos na Matiné nos domingos.

Depoimento oral Nº 10 - ANTONIA DIRCE NAVARRO PORTELLA

(maio/2002)

Meu nome é ANTONIA DIRCE NAVARRO PORTELLA; nasci em 25/09/43. Sou professora regente no Ensino Especial, pedagoga com especialização nas áreas de DM (Deficiência Mental) e DV (Deficiência Visual), Cursos Adicionais, e trabalho no Colégio Estadual Professor Elias Abrahão. Moro há 25 anos no Bairro Cristo Rei. Naquela época, edifícios eram poucos e nas ruas das imediações só tinham casas baixas, muitas em madeira e que deram lugar aos edifícios que estão concentrados em maior número, na Rua Atilio Bório, na Rua Francisco Alves Guimarães, Rua do Herval, etc. e mesmo na Rua Schiller.

Eu morava no Centro, e a oportunidade chegou, adquirindo este imóvel ainda na planta. Então vim, para morar no que é meu. Desde que foi construído, este prédio não sofreu alterações. Naquela época, quando vim para cá, havia quintais, sim. Com árvores frutíferas: laranjas, mangas, pêssegos, abacates... Animais havia poucos, observei mais cavalos e até hoje tem morcegos.

Chique era freqüentar o Morgenau. Todos eram sócios, menos eu.

Não vi alterações nos limites do Bairro que continuam os mesmos: Bairro Hugo Lange, Bairro Jardim Social, Bairro Cajuru, Bairro Centro. Mas vi algumas confusões de pessoas entre Bairro Cajuru e bairro Cristo Rei; hoje, está delimitado, isto é, cabeças bem informadas.

Dizem que no meu terreno, antes, era uma fábrica de fósforos. Lembro-me de uma fábrica de bolachas, na Rua Marechal Deodoro esquina com Rua Schiller, onde embalavam o produto manualmente, homens e mulheres.

Minha filha foi aluna da Escola Estadual São Judas Tadeu, tinha boas referências; eu fui professora nessa escola, também. Meus estudos, fiz em São Paulo, de onde eu sou. Lá fiz toda a minha vida acadêmica.

Os moradores sempre falaram bem deste Bairro e como ponto de referência dizem ser perto da linha do trem ou então, perto da Igreja do Cristo Rei. Desde que aqui estou, nesta parte do Bairro acrescentaram -se poucas melhorias, pois a maioria já tinha, ou seja, água encanada, luz elétrica, iluminação pública,

esgoto, transporte coletivo, calçamento, comércio... Sinto saudades da linha do ônibus Cristo Rei que descia a AV. Souza Naves para o Centro. Era mais uma opção.

Havia a Igreja Cristo Rei, que sofreu grandes reformas durante o passar do tempo. Sempre vi um pessoal mais idoso freqüentando a Igreja: hoje os adeptos se misturam aos jovens. Havia eventos como os que têm hoje.

Gostava de participar de papos ao ar livre e as crianças brincavam de futebol (sempre), e preencher álbuns de figurinhas (era moda); Meus filhos brincavam nos arredores, criando brinquedos com sucata. Cheguei a ver coisas lindas criadas pelas crianças e amigos. Quando podiam, as pessoas iam ao Passeio Público. Sim, era o mais freqüentado.

O trem teve grande importância, trazendo materiais (calcário, cimento) retirados da Região de Almirante Tamandaré, para a Estação Rodoferroviária.

Aqui no Bairro sinto falta de um açougue bom, que nunca se criou nesta região nossa, (Adoro entrar em casas de carnes; aqui, sou frustrada). Vejo algumas mudanças que não permanecem por muito tempo, que são os restaurantes (abrem e fecham). É uma pena, pois tentam, mas não são de boa qualidade e não duram muito.

## Depoimento oral nº 11- MARIA CRISTINA STALLIVIERE DA COSTA

(maio/2002)

Meu nome é MARIA CRISTINA STALLIVIERE DE OLIVEIRA DA COSTA, tenho 44 anos. Moro na Rua do Herval 435, apartamento 28. Sou divorciada, tenho dois filhos. Milena com 19 anos e Daniel com 17. Sou Professora de Arte-educação no Colégio Decisivo Cristo rei. Descendo de imigrantes italianos, portugueses, espanhóis, e africanos. Sou brasileira, mas carrego essas raças comigo.

Vim morar no Bairro Cristo Rei em 1973, fiquei por aqui mais sete anos. Casei-me e fui morar no Rio Grande do Sul, lá ficando por cinco anos. Me separei e voltei para o Bairro, e estou aqui até hoje. Mudei para este Bairro para ficar próximo de meus pais que ainda moram aqui. Em 1973 o Bairro Cristo Rei era bem diferente de agora. Não existiam prédios altos, algumas ruas não eram calçadas, as crianças brincavam bem mais soltas.

Este prédio não era cercado e nem calçado; tinha muito mato em volta; não havia canalização de esgoto, eram valetas com água escorrendo e com mau cheiro. A Rua do Herval não era pavimentada, nem tinha calçada. As casas em volta eram as mesmas de hoje, somente algumas foram demolidas para dar lugar a prédios ou novas casas. O trem passava do mesmo jeito que hoje, somente a mais o trem de passageiros, que trazia os trabalhadores de Rio Branco pela manhã e os levava à noite para casa. O Bairro possuía pouca coisa, se comparado a hoje, somente existia padaria, igreja, farmácia (não a mesma de hoje), luz elétrica, água encanada, iluminação pública e transporte coletivo. Havia muita lama na região. Existiam sapos, muitos ratos e muita aranha. Hoje, só não tem os sapos.

Chique, mesmo, foi a inauguração do Jardim Ambiental I, em 1976, o que se tornou uma atração do Bairro.

Algumas construções desapareceram para dar lugar a outras, como a Fábrica de Fósforos, que hoje tem quatro prédios de 25 andares cada um, em seu

lugar; o prédio dos Móveis Cimo, que se tornou um centro comercial; um depósito, que se tornou o Polloshop. Surgiram agências de Bancos e outros postos comerciais. O Moinho Anaconda já existia, somente foi restaurado e ampliado; o Mercado Municipal também passou por algumas modificações. O Colégio onde trabalho foi construído e o Colégio das freiras, antigo Nossa Senhora de Lourdes, foi ampliado e se tornou Colégio Bom Jesus. Também o Hospital Cajuru passou por algumas reformas.

A delimitação do Bairro é mais ou menos assim: pra lá da linha do trem que passa para Paranaguá é o antigo Bairro Capanema, hoje Bairro Jardim Botânico, e para o outro lado não há uma separação entre o Bairro Cristo Rei e o Bairro Alto da Rua XV. O ponto de referência do Bairro é a Igreja do Cristo Rei. Creio que o Bairro era e é bem apreciado por todas as pessoas que moram ou passam por aqui.

Havia algumas fábricas: de móveis e de fósforos, e os trabalhadores vinham de outros bairros e de Rio Branco, município vizinho. Não me lembro de outros tipos de serviços bons para os moradores deste Bairro.

Existia o Grupo Escolar, hoje com outro nome e o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, também com novo nome.

A maioria dos moradores era católica, e todos freqüentavam a Igreja do Cristo Rei. Creio que existiam as mesmas festas que existem hoje, como festas juninas, bingos, festas de grupos jovens e alguns churrascos beneficentes. Tudo organizado por pessoas da Congregação.

As crianças brincavam mais soltas, sem muita preocupação e proibições; os brinquedos eram os mesmos de agora (bicicleta, bola e patins), acrescentados os de soltar pipa, jogar bolinhas de gude, subir mais em árvores.

As pessoas caminhavam pelo Bairro e quando queriam ver coisas novas, tinham que ir ao Centro da Cidade. Não se fazia piquenique por aqui, somente em locais mais retirados.

Gente diferente, havia e ele ainda anda por aqui, é um carregador de caixas e coisas que podem ser recicladas, chama-se Zé; algumas pessoas o chamam de Zé do Lixo. Ele é excepcional, mas tem uma excelente memória, pois

toda vez que o vejo, ele pergunta como estou, como vai minha família; é muito atencioso.

Neste Bairro havia mais segurança e no Jardim Ambiental as pessoas podiam sentar e ficar apreciando o dia, conversando e conhecendo outras pessoas. Hoje fica difícil fazer isso: as pessoas não têm mais tempo e nem coragem de ficar lá, sentados.

## Documento oral nº 12 - MARCELO EMÍLIO LOSS

(maio/2002)

Meu nome é MARCELO EMÍLIO LOSS, nas. 25/10/1972, 30 anos. Hoje resido à Rua Evaristo da Veiga, 1094 / 01, no Boqueirão. Nasci em Curitiba, descendente de alemães na maior parte e em outra parte de italianos. Meus pais são Iroldo Braulio Loss e Regina Edna Loss. Sou Administrador Logístico, 3º Grau Incompleto, trabalhando na VW-Audi, em São José dos Pinhais. Morei no Cristo Rei por 22 anos.

De quando cheguei, minhas recordações são bem vagas. Mas ainda lembro que não havia muitos prédios onde eu morava. Os que existiam não passavam de quatro andares. Lembro que em algumas ruas não havia asfalto, calçadas e que existiam muitos terrenos baldios. Quando fui morar no bairro tinha oito anos de idade. Na época, minha família passava por dificuldades financeiras, e meu avô era proprietário de um apartamento por lá, que ficou sem inquilinos no ano de 1980 e assim nos mudamos. Como morava em um conjunto residencial, a faixa econômica dos moradores não era muito desigual. A maioria era de classe média; morava em apartamento, lembro dos quintais de alguns vizinhos. Em muitos havia mata nativa. O que eu conhecia, havia pouca plantação.

Havia muitos cães e gatos pela rua. Com relação às aves, havia os que são facilmente encontrados em Curitiba: Pardais, Sabiás, Bem-Te-Vis, João-de-Barro...

Era chique frisar bem que morava no Cristo Rei. Era muito confundido com o Cajuru; próximo ao Centro e tranqüilo; difícil alguém falar mal do Bairro.

Como morava em apartamento, pouco saía para a rua, mas na minha imaginação, o bairro era do Jardim Ambiental até o extinto bar Toca da Onça, na Av. Castelo Branco.

Havia a fábrica de Móveis Cimo, porém quando fomos morar no bairro, já não funcionava mais. Víamos muitas pessoas que trabalhavam no Hospital Cajuru ou no INPS que ficava em frente a minha casa.

Estudei no Colégio N. Sra. de Lourdes, ou Colégio Cajuru, como era conhecido. Este colégio pertence hoje ao Colégio Bom Jesus. Era de ensino tradicional que com o tempo foi mudando; lembro-me da maioria dos professores, mas não existe nenhum motivo especial para me recordar deles.

Sempre usei como referência o Hospital Cajuru.

No tempo que eu morei no bairro, muitas mudanças aconteceram. Quase todas as ruas foram asfaltadas, surgiram muitos pontos de comércio, novas linhas de ônibus, as ruas ganharam calçadas, uma favela que existia no bairro foi retirada de lá.

Havia a Igreja Cristo Rei. Não era muito freqüentador, mas a minha 1ª Comunhão e Crisma foram realizadas lá. Não lembro de muitas festas.

As brincadeiras comuns para a época, cidade e idades. Brincadeiras tradicionais, como esconder, pega, jogo de betes, futebol, até as mais modernas, como partidas acirradas de videogame.

Na época das férias, se não fosse para a praia, freqüentávamos a Sociedade Marginal, que éramos sócios.

Lembro-me que o trem passava toda noite. Na época de estudante primário, na hora que o trem passava, já era hora de estar dormindo.

Lembro-me que as coisas eram mais simples, havia pouco trânsito no local e apesar de existir um hospital e um posto do INPS na região, após um certo horário, só víamos pela rua habitantes do bairro.

Sinto muita falta do bairro, não do conjunto que morava. Na região que eu estou hoje, nem TV a cabo existe, coisa que existia no Cristo Rei desde que existe em Curitiba.

## Depoimento oral nº 13 - ELISA CONSUELO LOSS

(maio/2002)

Meu nome é ELISA CONSUELO LOSS , tenho 26 anos , moro na Rua Evaristo da Veiga 1094 , sobrado 01 , Hauer ; solteira , Administradora . Descendente de alemães e italianos. Brasileira, nascida em Curitiba.

Morei no Bairro Cristo Rei de janeiro de 1980 até fevereiro de 2002. Fui para o Bairro ainda pequena, mas foi lá onde cresci e conhecia tudo muito bem, de um lado a outro. Em minhas recordações, há pouco sobre as mudanças de forma drástica, mas lembro de casas, prédios e comércio surgindo, aos poucos. Na realidade, para mim, eram coisas que em nada interferiam (ao menos diretamente), em minha vida. Lembro-me dos grandes prédios surgindo na Avenida São José e adjacências.

Para mim, a vida era o Condomínio, o Colégio e, como passeio, os lugares aonde a família ia, além da casa da avó materna, que ficava próxima. Tudo parecia muito natural, afinal, eu crescia e a cidade também. Mas, recordo-me dos finais de semana silenciosos, com poucos carros, o Sol, andar nos parques, jogar bola no prédio, brincar de boneca, andar de bicicleta, pega-pega, guardião da bola, caçador, betes, festas de aniversários idos à Igreja a pé, sentar no genuflexório porque era macio e o Padre era sem graça, muito sério; muito mais divertido era olhar as imagens, apagar as velas após cantar uns silenciosos parabéns com a irmã. Olhar o bosque do Colégio com orvalho, a gruta envolta em bruma, cantar os hinos com a Irmã Nely, as aulas de Religião; a eterna rixa com os meninos.

Morei no Conjunto Residencial São José, com tijolinhos à vista, garagem mostrando os carros, grama, cancha de areia, pátio, carros, muita criança. O apartamento tinha três quartos, sala, cozinha, área de serviço, um banheiro, muita escada, o “poço”; as lajotas vermelhas do corredor, horrorosas...

No Bairro Cristo Rei sempre teve luz elétrica, água encanada, boa iluminação pública, Distrito Policial próximo, trilho do trem... (gosto de ver o trem passar, até hoje).

Não sei ao certo o que era considerado chique, mas as pessoas eram muitas bem apessoadas e educadas. Acho que o Colégio Cajuru foi quem deu ar de superioridade ao Bairro...

No prédio não havia quintal, só jardins onde brincávamos e depois, mais crescidas, adolescentes, passávamos a noite.

Bichos havia sapos e rãs no início, eu acho, passarinhos, sempre teve muito, que me recorde. As edificações das quais me lembro, são a Igreja Cristo Rei, o Clube Morgenau, o Colégio Cristo Rei (hoje Colégio Estadual Prof. Elias Abrahão), Colégio Nossa Senhora de Lourdes (hoje Colégio Bom Jesus), o Hospital Cajuru, um grande galpão que depois se transformou em Supermercado Parati, uma fábrica que parecia mal-assombrada e hoje é um Centro Comercial, poucas praças: Nações, Ucrânia...

Limites? De um lado eu sei que era a Avenida Affonso Camargo, de outro, próximo, a Avenida Marechal Humberto. Pra mim, só isso estava bom. Não tinha muita noção de limites. Quando eu dava algum ponto de referência para a minha casa, eu me referia ao Hospital Cajuru e a Rodoferroviária, às vezes, ao Colégio Nossa Senhora de Lourdes.

Sim, as pessoas sempre confundiam o Bairro Cristo Rei com outros, até parecia que ele não existia! Também chamavam-no de Cajuru e Capanema. Achavam que era um lugar perdido no mapa, mas, bonito, um “bairro nobre”.

Lembro-me que havia pequenos mercados, pequena farmácia, lojas, idem, pré-escolas, escolas grandes: o Colégio Nossa Senhora de Lourdes (“a melhor”), o Colégio Decisivo, (o mais novo, no estilo do Colégio Positivo), e o Colégio Cristo Rei. Ficavam próximas, com uma ou duas quadras de distância. O Colégio Nossa Senhora de Lourdes foi comprado pela Associação Franciscana e hoje é o Colégio Bom Jesus. O Decisivo parece continuar o mesmo; e o Cristo Rei é o Colégio Elias Abrahão.

No Bairro, a grande maioria, era da Religião Católica. Aos poucos, conheci pessoas de outras religiões, como Adventistas, Evangélicos, Espíritas. No Bairro havia a Igreja Cristo Rei, aonde freqüentávamos, a Capela do Colégio (enorme e linda), um Centro Espírita, pra cima da cancha de futebol, quase na Avenida Souza Naves. Todas as festas da Igreja e do Centro Espírita, quando tinha, eram abertas à comunidade; só as do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, não.

Meus pais, geralmente nos levavam para conhecer, a pé, o Bairro, cada pedaço, e mais além dos limites, para saber mais sobre o local onde morávamos e, claro, para passear. Lembro-me de um piquenique no Bosque do Papa, bem longe. Aliás, achei o tal evento muito esquisito, muito estranho. Íamos muito fazer churrasco no sítio do meu avô, em Campina Grande do Sul, lá sim, era bom: a gente dormia, acampava, montava casinha de bonecas, corria por toda parte, subia nas árvores, jogava pedrinhas no laguinho, comia lá fora. Uma farra, tudo muito livre. Íamos também para a Praia de Matinhos, passar as férias.

Pelo Bairro, de forma geral, sempre apareciam figuras estranhas às quais estávamos acostumados, mas nenhuma em especial, que me lembre.

Sinto falta da calma aos domingos. Podia atravessar tranqüilamente as ruas do Bairro.

## Depoimento oral nº 14 - ORLANDO LUIZ DE MIRANDA

(maio/2002)

Meu nome é ORLANDO LUIZ DE MIRANDA, tenho 52 anos, moro na Rua Schiller 295, no Bairro Cristo Rei. Sou casado. Encarregado de Gerenciamento de Resíduos na Volkswagem Audi . Sou filho de Yolanda Ricetti de Miranda e Aristides Teixeira de Miranda, neto de José Ricetti e Maria Júlia Ricetti, bisneto de Sérgio Ricetti e Vitória Ricetti. Nascido em Rio Negro, Paraná. Moro no Bairro Cristo Rei desde 1958 – 44 anos. Quando meus pais casaram, fixaram residência em Rio Negro, Pr. Meu pai trabalhava no 2<sup>o</sup>. Batalhão Ferroviário; quando da extinção deste em 1958, voltaram para Curitiba, onde passaram a residir na Rua do Herval, 454, terreno de propriedade de José Ricetti, meu avô. Meu pai foi transferido para o Colégio Militar de Curitiba.

No Bairro Cristo Rei não havia grandes edificações. Na época, existia a Fábrica de fósforos Mimosa, Na Av. Souza Naves, entre a linha do trem e a Rua Atilio Bório. Hoje, no local existe o Conjunto Residencial Cosmos. Do outro lado da rua, entre a Souza Naves e a rua do Herval, ficavam as residências chamadas de “Casas da Fábrica”. A nossa residência era em frente a essas casas. Outra grande fábrica era Móveis Cimo, hoje Supermercado Pão-de-Açúcar. Ainda existe o Moinho Anaconda, o Colégio Cajuru, com o nome de Colégio Bom Jesus / Nossa Senhora de Lourdes, e a Sociedade Operária Beneficente Vila Morgenau, hoje a atual Sociedade Morgenau. Salientamos o fato de que no local onde hoje residimos, na Rua do Herval, esquina com a Rua Schiller, em 05 de fevereiro de 1918, foi fundada a União Beneficente e Recreativa Vila Morgenau, tendo como Primeiro Presidente e Fundador o meu avô SÉRGIO RICETTI.

Nossa casa era uma “meia-água” de madeira, com quatro peças, banheiro para o lado de fora (casinha); fogão à lenha, chaminé, paiol e galinheiro. Morávamos ao lado da casa da Prima Isaura Crossetti , prima-irmã da minha mãe , neta de Sérgio Ricetti , que ainda reside no mesmo local ; a casa da prima Isaura permanece como antes .

Em 1958 já contávamos com água encanada, luz elétrica, iluminação pública, esgoto, transporte coletivo – linha Cajuru / Souza Naves - a Rua do Herval era ensaiada, com valetas a céu-aberto. De comércio, tinha o Armazém Simm, mais conhecido como Armazém do Zilo, que ficava na esquina da Rua do Herval com Rua Padre Germano Maier, local onde funciona até os dias de hoje. Eu estudava no Grupo Escolar Cristo Rei, hoje Colégio Estadual Professor Elias Abrahão. O Hospital e Pronto Socorro Cajuru, atualmente bastante modificado e melhorado.

Foi considerado “chique” a construção da nova Igreja, pelo fato de ela ter o formato de um barco. Diferente, arrojado, inovador.

O quintal da nossa casa era plantado com hortaliças, não havia jardim, tínhamos criação de galinhas, e um cachorro chamado Rex. Pelas redondezas havia muitos cachorros e gatos e muitos animais selvagens, como sapos, cobras, ratos... Cavalos e cabras vinham tomar água no rio; a nossa rua era cruzada pelo rio, que hoje é canalizado e muito poluído, mas, naquela época, nós brincávamos nele e até pescávamos lambaris.

Em minha lembrança, o Bairro Cristo Rei era limitado pelas ruas XV de Novembro, Rua José de Alencar, Avenida Affonso Camargo e Avenida Nossa Senhora da Luz. E quando quero dar um ponto de referência daqui, digo que fica perto do Bairro Cajuru ou do Hospital Cajuru.

Aqui no Bairro, havia a Fábrica de Móveis Cimo, a Fábrica de Fósforos Mimosa, o Moinho de Trigo Anaconda. Na fábrica de fósforos, a maioria dos funcionários morava em frente a ela, em casas da própria fábrica; o lugar era alagadiço e quando chovia era um banhado só; alguns operários moravam em Almirante Tamandaré e Colombo, pois o trem de passageiros, que fazia esta linha, tinha ponto de parada na esquina da Rua Souza Naves, em frente da fábrica. .

Eu me lembro de duas escolas: o Grupo Escolar Cristo Rei, perto da Sociedade Morgenau, hoje com o nome de Colégio Estadual Professor Elias Abrahão, e o Colégio Cajuru, hoje com o nome de Colégio Bom Jesus, perto do Hospital Cajuru.

A maioria dos moradores era da religião Católica e iam à Igreja deste Bairro, a Igreja Cristo Rei. Ali era comum ter festas, onde comparecia boa parte da população do bairro; uma festa que me lembro, é a Festa do Padroeiro, São Judas Tadeu, no dia 28 de outubro.

As brincadeiras mais comuns da criançada eram: soltar pipa, brincar de pular com bambu os canos que passavam nos fundos das casas da Fábrica de Fósforos. Gostávamos, também, de nadar e pescar no rio que passava pelo Bairro.

Uma personagem que todos conheciam era a “Velha das Cabritas”, que morava na esquina da Avenida Souza Naves, com Rua José de Alencar, ela, mesmo com sua idade avançada, cuidava de suas cabritas e passeava com elas pelo bairro. Pelo que sei, morreu com 104 anos. Tenho, também, uma vaga lembrança da “Benzedeira Dona Clara”, que morava na Rua Schiller.

Sinto falta do Cine Morgenau, que ficava na Rua Schiller, esquina com Rua Francisco Alves Guimarães. Era a distração, dos mais novos aos mais velhos moradores, nas tardes de domingo.

## Depoimento oral nº 15 - TARCÍSIO TREZUB

(maio/2002)

Meu nome é TARCÍSIO TREZUB, tenho 54 anos, moro na Rua Presidente Rodrigo Otávio, 288, ap. 22. Sou casado, vendedor técnico, descendente de italianos, por parte de mãe e de ucranios por parte de pai. Há 54 anos moro no Bairro Cristo Rei: nasci aqui. Era um bairro normal, como qualquer outro. Minha casa era de dois pavimentos, e no sótão, ficavam os quartos; embaixo, todas as outras dependências da casa. E assim eram todas as casas dos vizinhos: de madeira com sótão. Havia plantação de verduras, frutas, paiol, galinheiro e chiqueiro, fogão à lenha, com chaminé. Mais tarde meu pai passou a casa de madeira para os fundos do terreno, macaqueando com roletes de madeira, ela foi arrastada até lá. No lugar, meu pai construiu uma casa de alvenaria, grande, com quatro quartos, sala, cozinha, banheiro dentro de casa. Nosso fogão tinha uma serpentina, para aquecer a água para o banho, principalmente no inverno, que naquela época era muito rigoroso, mais que agora.

Junto com a casa, na frente, meu pai construiu um armazém de secos e molhados e um açougue, que tinha o meu nome: Armazém São Tarcísio, em homenagem a São Tarcísio, pois eu tive meningite, e minha mãe prometeu essa homenagem ao Santo se eu sarasse completamente.

Em frente de casa morava um sapateiro, "seu Osvaldo", muito amigo da criançada do Bairro, e ele permitiu que se construísse um campo de futebol no seu terreno para as crianças jogarem bola, porque assim a criançada ficava toda dentro da casa dele, e ele controlava todos os amiguinhos do seu sobrinho, cuidando de todos. Ele conversava muito com a gente. Também o "Seu Osvaldo" tinha quatro ou cinco macacos sagüis, que andavam soltos por toda parte, na casa e nas árvores.

Naquela época havia muitas árvores frutíferas: pêra, maçã, laranjas, caquis, e na época das frutas, nós subíamos nas árvores, pegava as frutas, e também as vendíamos.

Outra residência muito famosa era a da Dona LILIA, que existe até hoje, ali no meio da quadra da Rua Reinaldino, e na época da Páscoa, no domingo de Páscoa, a criançada ia à Missa das 7:00 horas da manhã, e na volta, se reunia em frente do portão da casa dela, que ela abria para nós procurarmos os ovos de galinha, pintados por todos os vizinhos para essa ocasião; todos ajudavam; à noite ela escondia os ovos no jardim, que era enorme, e um deles era diferenciado: dentro dele tinha dinheiro! Era uma maneira de reunir as crianças na casa dela no dia de Páscoa.

Um dia antes, no Sábado de Aleluia, era costume fazer bonecos de Judas. Era a malhação de Judas, um boneco que ficava pendurado nos postes e ao meio-dia de sábado começávamos bater nele com ripas, botava fogo, ele acabava caindo, uma criança puxava pela corda e as outras iam atrás batendo. Numa comemoração dessas, eu fui parar no Pronto Socorro, pois me acertaram uma ripada na cabeça.

A primeira vez que assistimos televisão, foi justamente na casa de Dona Lília. Ela abria suas portas para a criançada das 6:00 às 7:00 horas da noite, para assistir os desenhos animados; ela oferecia, pra gente, pipoca, suco de limão, às vezes um refresco de capilé e bolo; Capilé, agora, é chamado de groselha.

Existia, também, na Rua Rinaldino de Quadros, esquina com Rua Pres. Rodrigo Otávio, uma casa bem antiga, onde morava uma família cuja filha era deficiente mental chamada Mirtes, e seu pai era o “seu Chiqueto”, o qual sempre usava um chapéu pequeno e ralo e um cachimbo feito de bambu. Diziam que ele catava comida de macumbas para comer. A Mirtes costumava assustar minha mãe, quando esta fazia tricô, sentada perto da janela que dava para a rua, vindo até ali e falava alto “Bom dia, Dona Emília”, com voz muito grossa.

O Bairro Cristo Rei Sempre foi de boas águas, e por toda parte afloravam olhos d'água. Lá para o alto do morro tinha um terreno de mata pequena, com essas vertentes, onde morava o “Almirante Tamandaré” um homem velho, com barbas compridas, e um capote preto; dificilmente passávamos por ali, de medo dele, mas acho que ele não fazia mal a ninguém,

Eu tinha um amigo chamado Cândido Martins e um dia ele me convidou para andar de bicicleta; como eu não tinha, ele me emprestou a do seu irmão, e lá fomos nós. O pai dele nos cercou, de carro, ali na rua onde hoje é o Mercado Municipal, e só não nos bateu por que estávamos no meio da rua, e não ficava bem, pois ele era vereador de Curitiba, e nos mandou de volta para casa. Depois, eu fiquei sabendo que ele queria ir comigo, de bicicleta, até a casa da avó dele, que ficava em Ponta Grossa.

Antigamente, neste bairro, tinha poucas melhorias; as ruas eram de macadame, com valetas, e esgoto a céu-aberto; calçadas não existiam: cada um fazia como queria em frente da sua casa, e tinha que fazer pontes sobre as valetas para entrar em casa.

Luz, tinha, mas pouco nas ruas. Condução era pouca, também. A gente tinha uma linha de ônibus, que chamávamos de lotação; o ponto final era na Rua Guarani, (Rua Souza Naves) em frente o Grupo Escolar Cristo Rei; era a linha Cristo Rei/Lar das Meninas-Mercês. Havia, também, a linha Barigui, mas ela vinha só até a Rua Sete de Abril, esquina com a Rua Marechal Deodoro, e era muito longe aqui de casa. Depois que asfaltaram a Rua 15 de Novembro até a Caixa D'água, aí veio a Linha Rua 15 / Rua Vicente Machado. Então a condução melhorou muito para nós.

Comércio tinha algum. Meu pai tinha um armazém de secos e molhados com açougue, e a maioria do pessoal do bairro comprava com ele.

Médico nós tínhamos no Pronto Socorro Cajuru; dentista tinha na própria escola, para atender aos alunos.

Chique era a Sociedade Morgenau. O pessoal que era sócio era chique. Meu pai era pobre e nós não podíamos pagar. Onde hoje são as piscinas, onde eu era jogador de futebol até os 17 anos.

Existia, também, uma sociedade chamada "Pé-de-bicho", ali no fim da Rua Reinaldino, onde hoje é uma estofaria. Ali, há 37 anos, num baile de Carnaval, eu conheci a minha esposa: ela com 14 anos e eu com 17 anos.

Minha casa tinha um quintal enorme plantado com árvores frutíferas. Nós tínhamos criação de porcos, um grande galinheiro, muitos cachorros. Lembro de

um, especialmente, um guapeca, que nos protegia de qualquer pessoa estranha. Seu nome era Banzé. Havia boiadeiros, que levavam os bois para algum lugar, pela Rua Reinaldino. Havia muita cabra, éguas e vacas das quais a gente usava o leite; também tinha muitos cavalos; outro bicho tinha também e nós caçávamos: raposas, passarinhos, aranhas-caranguejeiras (essas nós pegávamos e levávamos para o laboratório do Colégio Estadual do Paraná para aumentar a nota de Ciências). As raposas vinham nos galinheiros comer ovos e pintinhos e nós tínhamos que caçá-las com setras. Também fazíamos guerra, quando chovia, com pelotas de barro mole, para não machucar muito. Aquele que era acertado ficava marcado e saía da brincadeira.

Onde está, agora, o Supermercado Extra, havia um matagal de bambu, e havia uma espécie de árvore chamada “pau-de-bugre”, e quando passávamos perto dela, a gente tinha que cumprimentá-la, pois se não o fizesse, ficava com o corpo todo empipocado, cheio de bolhas. Ali íamos caçar. Perto da Rua Ângelo Lopes havia muitos cedros, nos quais nós amarrávamos cipós de Pinhais, com um apoio de pau na ponta, para sentar; subíamos na árvore e nos atirávamos lá de cima, feito Tarzan; às vezes despencava um piá, mas como tinha um banhado, a gente quase não se machucava. Também subíamos nos barrancos, para descer dentro de pneus de caminhão. Outra brincadeira gostosa era ir à barroca, perto da casa do “Alemão”, onde ele jogava restos da grama cortada do seu imenso jardim, e mergulhar naquela maciez.

Onde hoje é o Supermercado Extra, havia uma vertente de água. Quando a Prefeitura manilhou, nós provocamos um desmoronamento, entupindo esses canos. Choveu e formou-se um lago, onde nós íamos nadar. Também pegávamos as pontes de casas vizinhas e com elas fazíamos jangadas e remávamos por todo o “lago”. Nesse mesmo lago havia muita rã, as quais nós caçávamos para vender no Hotel Luiz XV. Eles pagavam bem: cada 10 rãs era o equivalente a R\$ 50,00 de hoje. A gente ficava a noite toda para ganhar esse dinheiro, que ajudava muito no orçamento.

Existia, também, a chácara da Família Poplade, que cultivava uvas dentro de barracões de vidro e nós entrávamos lá para comer uvas e o dono nem se

incomodava, pois os filhos deles estavam sempre junto conosco fazendo malandragem. Também nós gostávamos de pular o muro do colégio das freiras para roubar frutas, verduras e milho verde. Ninguém precisava, mas era muito divertido. Uma aventura!

Aqui no Bairro Cristo Rei tinha duas turmas: a de cima a nossa, e a de baixo, dos outros; a gente sempre fazia guerra de arco-e-flecha de paina e de pelotas de barro, com estilingue. Nunca ninguém ficou ferido de verdade.

Aqui no Cristo Rei havia uma boa fauna: gaviões, corujas de buraco, muito urubu, que ficavam nos cedros, e morcegos. Também muitas cabras, cavalos e éguas, bois e vacas. Seus donos vendiam o leite para as famílias do lugar e de fora. Naquela época o leite não era vendido em saquinhos.

O pão era feito em casa, em fornos fora de casa; minha mãe era quem fazia os nossos.

Por aqui sempre houve gente marcante: um sorveteiro de carrinho puxado a cavalo, vendendo “dolé”, ele vinha apitando... Era muito divertido. Passavam boiadeiros conduzindo as boiadas, que os levavam para algum lugar, subindo a Rua Reinaldino...Muitos outros... Ainda hoje mora na Rua Reinaldino de Quadros, esquina com Rua Rodrigo Otávio, a Dona Emilinha, uma benzedeira, que punha no lugar o que a gente deslocava nos jogos e brincadeiras: perna, braço, pé, pescoço, punho, e o pagamento era em cerveja; ela tem mais ou menos uns 90 anos, lúcida, sempre tomando sua cervejinha...

Havia edificações grandes: o Pronto Socorro, a Sociedade Morgenau, a Fábrica de Fitas, uma vila enorme, na Rua Souza Naves, logo abaixo do grupo; o Colégio Cajuru, que vinha até a Rua Souza Naves, depois as Irmãs venderam e construíram casas bonitas. Tinha o Móvel Cimo, com um terreno enorme, com depósito de toras e tábuas prontas; ali a gente brincava muito nas montanhas de serragem, escorregando por elas. Os operários tocavam fogo nessas montanhas de serragem e nós íamos lá, à noite, jogava a serragem com fogo para cima: era muito bonito. Na Rua Rodrigo Otávio, perto do grupo, havia uma fábrica de tacos, chamada Parctac.

O Bairro Cristo Rei era grande, começava na Rua Ubaldino do Amaral, indo até a BR 116, na Igreja Nossa Senhora de Fátima; do Pronto Socorro até a Rua Itupava. Esse quadrado todo era o Cristo Rei.

O maior ponto de referência era a Caixa d'Água na Rua XV. Todo mundo conhecia a Caixa d'Água, e ali, nós, a piaçada ia tomar banho nas piscinas, que eram o reservatório de água da cidade. Uma farra, e nunca ninguém se afogou lá.

Existia também um mato da Velha CETE, perto do Hospital Cajuru, onde a gente ia caçar, pegar cipó, mas, nunca muito perto da casa dela, de quem a gente tinha muito medo. Nesse mato um menino, IACHO, disse ter sido atacado por um Lobisomem; tal história rendeu até uma reportagem no Jornal Tribuna do Paraná, com retrato falado e tudo! Ele inventou isso para justificar o estrago que fez na bicicleta emprestada...

Um dia, um menino derrubou um poste de luz, ao encostar sua bicicleta para ir jogar bola. Foi um desespero, pois tinha que pagar quem causasse dano ao patrimônio público. Depois soubemos que a própria Companhia de Força e Luz havia serrado o poste.

A principal fábrica que havia no Bairro era Móvel Cimo. Ali os operários faziam de tudo: desde o desmanche das toras até o móvel acabado. Não eram móveis populares, era só coisa chique, para gente rica e para exportação.

A Fábrica de Fitas também era grande; era lá na Ubaldino, esquina com a Reinaldino. Minha mãe trabalhou ali. Existia, também, a Fábrica GEOLIN, de tanques, pias, muros de cimento. O Cristo de Guaratuba foram eles que fizeram. Eu vi as formas dessa estátua lá na fábrica.

Havia a Fábrica de Brinquedos Castor, onde meu pai trabalhou. Ele levava para casa as peças, e na oficina toda a piaçada ajudava a montar os brinquedos. Meu pai anotava o que cada um fazia e depois, no fim do mês, cada um recebia conforme sua produção. Esse dinheiro ajudava no orçamento e a gente podia ir ao Cinema, passear... Toda domingo a gente fazia troca de gibis.

Havia um rio que passava perto da Fábrica de Fósforos, e quando a gente ia pescar, primeiro entrava no rio para que as "sanguessugas" grudassem nas nossas pernas, aí, elas viravam iscas nos anzóis, para a pescaria.

Isso aconteceu entre os anos de 1948 e 1965.

Havia só a Igreja do Cristo rei, de madeira, onde faziam muitas festas, quermesses com barraquinhas, sistema de autofalantes, onde nós oferecíamos músicas para as moças bonitas. As festas eram organizadas pelo sacerdote e membros da Igreja.

Onde hoje tem um Posto de Gasolina, na Rua Padre Germano Maier, esquina com a Rua Souza Naves, havia um parque de diversões, um dos primeiros que apareceu por aqui, com roda-gigante, chapéu mexicano, furacão. As crianças se divertiam ali, nos finais de semana.

Além das brincadeiras que já citei, as crianças também brincavam de esconde-esconde, jogar pião, bolinha-de-gude, e havia o Torneio de Futebol, pois eram quatro times e quatro campos. Fazíamos “vaquinha” para pagar os troféus: as mães faziam sucos e bolos, que nós vendíamos para pagar as despesas.

Os piqueniques eram aos domingos, depois da Missa. A gente ia a pé lá pros lados do Tarumã; às vezes a gente pegava um vagonete da Estrada de Ferro, e ia até Pinhais; também íamos passar o dia no Aeroporto de Afonso Pena, em São José dos Pinhais, ver subir e descer os aviões. Isso, sim, era uma coisa do outro mundo.

No Bairro Cristo Rei não tem mais é liberdade de ir e vir sossegado. Antes a gente ficava na rua até tarde; no inverno fazia-se fogueiras no meio da rua, em frente da casa, os vizinhos vinham, assavam pinhões e batata-doce, enquanto esperava para ver balões caindo e correr atrás deles, pegá-los, para soltá-los novamente. Antigamente o Cristo Rei era um bairro familiar, onde todos os moradores se conheciam. Mudou muito e pelas próprias circunstâncias de vida, cada morador fica na sua casa.

A desgraça, aqui, é o uso de drogas.

## Depoimento oral nº 16 - ROGÉRIO ALBERTI DOS SANTOS

(junho/2002)

Meu nome é ROGÉRIO ALBERTI DOS SANTOS, tenho 56 anos, moro na Rua Prefeito Ângelo Lopes 578 (antiga Rua Presidente Abranches, 238). Sou casado, aposentado, descendo de italiano, português e russo e moro no mesmo endereço desde que nasci. Sou o primeiro filho e tenho só uma irmã. Meus pais casaram na Igreja Cristo Rei, que na época era recém-construída.

Conforme contava meu pai, aqui era um lugar de chácaras; o terreno que ele comprou e construiu a casa fazia parte de uma delas. No começo a rua não tinha pavimentação, era só grama. As casas eram de madeira ou somente à frente de material; as de alvenaria eram poucas. Tinham, em média, três quartos, sala, cozinha, banheiro. A lavanderia consistia de um tanque de alvenaria e a tábua de lavar, que ficava do lado externo da casa. O fogão era a lenha e chaminé; em algumas casas ainda tinha um forno externo para assar pão. No quintal plantavam-se árvores frutíferas e horta com verduras e legumes. Também tinha paiol para armazenar lenha e as ferramentas de uso domiciliar. Era costume criar galinhas, patos, marrecos, gansos, coelhos e até cabras, para ter o leite.

Quando a nossa casa foi construída, não tinha água encanada. Meu pai fez uma canalização de um tambor até a cozinha, para que minha mãe tivesse água na torneira; à tarde, quando chegava do trabalho, ele pegava um balde e ia buscar água em uma nascente que ficava na esquina e enchia o tambor. Existia luz elétrica, mas iluminação pública veio bem depois. Apesar de morar perto da Caixa d'água, só existia uma canalização que passava enterrada em todos os terrenos da região, até o Colégio das Freiras, (assim era chamado o Colégio Cajuru). O esgoto funcionou, por muito tempo, passando pela fossa séptica, pelo poço morto e seguindo para a valeta da rua.

O transporte era feito com carroças, bicicletas e, se quisesse pegar ônibus, tinha que caminhar até a Rua Ubaldino do Amaral, esquina da Rua XV de Novembro, onde era o ponto final da linha que ia até em frente da Igreja Catedral,

na Praça Tiradentes. Mais tarde criaram uma linha que vinha até em frente à Igreja Cristo Rei.

As ruas com calçamento eram a Rua Goethe (hoje Rua Padre Germano Maier) e Rua Guarani (hoje Av. Souza Naves), essas tinham macadame.

O comércio era feito pelos armazéns que vendiam desde secos e molhados, até armarinho, ferragens e tintas. Por bares, e pelos ambulantes (mascates que andavam com enormes malas, vendendo roupas de cama, mesa e banho).

A escola “Grupo Escolar Cristo Rei” surgiu quando eu estava na idade de entrar no Jardim da Infância, (sou da primeira turma). O Colégio Cajuru era somente para meninas de famílias abastadas, as quais chegavam com ônibus escolar exclusivo da escola; não era para a vila operária.

O chique, no Bairro, era o baile das debutantes da Sociedade Morgenau, (antigamente chamava-se Sociedade Operária Beneficente e Recreativa Villa Morgenau). Morgenau era também o nome do Cinema que existiu por muitos anos, na Rua Schiller, esquina com a rua Francisco Alves Guimarães. Era comum, entre a garotada, a troca de gibis, antes de cada sessão do cinema.

O serviço médico era no Instituto de Medicina, que ficava na rua Ubaldino do Amaral. Dentista lembro somente o da Escola. Outros profissionais, somente no Centro da Cidade. O Hospital Cajuru era exclusivo para os funcionários da Rede Ferroviária Paraná –Santa Catarina.

Existiam animais selvagens, pois havia muito mais mato próximo às residências; era comum aparecer raposas, sapos, lagartos e cobras. A maior mata ficava onde hoje é o Supermercado Extra. Os pássaros eram em menor número, porque os meninos os caçavam com cetras (bodoque ou estilingues). Hoje existem muitos mais pássaros que naquela época.

As grandes construções eram: a Fábrica de Móveis, a Igreja Cristo Rei, a Sociedade Morgenau, e a Caixa d’água, que eram também os pontos de referência do Bairro. O Cristo Rei era um bairro operário, longe do Centro, e tinha muito mato, e as pessoas o confundiam com os Bairros Alto da XV e com o Bairro Cajuru.

A maior fábrica no bairro era o Móveis Cimo; tinha também a Fábrica de Fósforos Mimosa, que era na Av. Souza Naves, esquina com o trilho, onde é hoje, um conjunto residencial. Mais tarde construíram uma fábrica de tacos, chamada Parquetac. A mão-de-obra era do bairro mesmo, mas tinha funcionários de outras regiões. Para os moradores do bairro, os empregos eram nas fábricas, na Rede Ferroviária, no Departamento de Águas e Esgotos (Sanepar), na Companhia de Força e Luz (Copel), e no Correio.

A religião predominante era a Católica. As festas para a comunidade eram organizadas pelos Marianos e Filhas de Maria. Nas quermesses sempre havia o churrasco com salada e pão; roleta, rifas e o som tradicional, com o Serviço de Autofalante, dedicando músicas e dando recados.

As brincadeiras das crianças eram conforme a época do ano: raia ou pandorga, pião de madeira com fieira, bolinhas de gude, tic – era uma argola que era jogada contra uma parede e deveriam deveria chegar uma mais perto da outra -, soltar balão nas festas juninas, jogar futebol...

Existia no Bairro a Dona Laura, a qual era muito conhecida por todos, assim como a Dona Rosa, que consertava nervo torcido.

Meu nome é NESTOR GASTÃO POPLADE, tenho 76 anos, moro desde que nasci na Rua Fernando Amaro, 1274, no Bairro Cristo Rei. Sou casado, aposentado, de pai e mãe brasileiros, mas descendentes de italianos e franceses.

Onde está esta casa, naquele tempo era uma chácara, tinha uma casa de madeira, muito grande, onde moravam duas famílias, era casa geminada. De um lado, na nossa parte, tinha dois quartos, sala, cozinha, área e do outro lado era igual. O banheiro era fora de casa, chamado "casinha" ou latrina. O banho era tomado dentro de casa, em bacia; água encanada não tinha, era de poço e a nossa água era fantástica!

Aqui, naquela época, chamava-se Bairro Cajuru; muitas chácaras com plantação, verduras, quase todas. Comprávamos em armazém apenas arroz, açúcar, sal, café, farinha, óleo, fósforos, outras coisas também, mas o resto, se tirava da plantação da chácara. Tínhamos, também, um grande jardim, com muitas flores.

Havia muitos animais: cachorro, gatos, criava galinhas, porcos, coelhos, cabras, vaca leiteira. Tinha sapos, muita cobra, raposas, que a gente matava a tiro, porque elas comiam as galinhas. Passarinhos, hoje tem mais do que naquele tempo: sabiá, João-de-barro, rolinha-paruru. Eu tenho no meu pinheiro uma criação de gaviões, todo ano sai três ou quatro filhotes. Os bichos que eram de ninguém, eram perseguidos pela molecada, com estilingues, mas meu avô corria com eles daqui, alegando "Faça isso em você e vê se não dói! O bicho e a árvore sentem a mesma coisa!" Ele não admitia que se estragasse nada. Ele tinha grande amor pela Natureza.

No Bairro Cristo Rei, ainda existem muitas casas daquele tempo, construções com mais de 50 anos. O tamanho do Bairro é meio grande, tem 147 hectares, mas o Bairro Cajuru é muito maior: vai até Pinhais e até o Centro. A limitação do Bairro Cristo Rei, desde que foi fundado, vai da Rua Ubaldino do Amaral, Rua Itupava, Perimetral Av. Castelo Branco, e a Estrada de Ferro.

Quando a gente queria dar um ponto de referência, indicava a Igreja Cristo Rei, fundada em 1937, então, ela todo mundo conhecia. Também indicava a Sociedade Morgenau, fundada em 1918 e era muito conhecido. E também o Bloco Esportivo Morgenau, que mais tarde foi fundido com o Clube Social; hoje, onde era o campo de futebol, é a Sede Esportiva.

O povo, antigamente, dizia, quando queria se referir ao Bairro: “Lá onde é a chácara do Poplade”, pois aqui existe desde 1886, isso por causa das uvas de mesa. As pessoas vinham do Centro da cidade para comprar uvas e comer muitas aqui mesmo. Nós tínhamos um revendedor de nossas uvas, na Praça Tiradentes, a Sorveteria Damasco, do Sr. Sain Abbi.

Não se podia confundir este Bairro com nenhum outro, justamente por causa da Igreja, e também pelo Colégio Cajual, fundado em 1899, famoso, na época. Sei que muitos ex-moradores querem voltar para o bairro, por ser sossegado, creio que é por causa das ruas fechadas, o que torna o bairro calmo.

Fábricas havia a de Fósforos Mimosa, na Rua Guarani (Av. Souza Naves) BOGADO era o dono. Ali, agora, tem quatro prédios muito grandes, e eles têm dois poços artesianos com mais de 200 metros de profundidade, que fornece excelente água para o Conjunto. Tinha a Fábrica de Fitas, que deu trabalho para muita gente. Os operários moravam no próprio bairro, em casas de madeira; gente da periferia também tinha.

Escolas existiam. Quando eu era criança, a escolinha onde eu fui até o terceiro ano primário era a da Dona Amélia, na Rua XV, esquina com a Rua Rodrigo Otávio. Hoje ela não existe mais. Também havia outra na Rua Schiller, mas não sei mais nada dela. Depois eu fui estudar no Colégio Santa Maria, ali na Praça Santos Andrade.

A religião predominante era a Católica. Quando não se tinha a Igreja do Bairro, até 1937, assistíamos Missa na Capela do Colégio Cajuru. Ali era a nossa Igreja.

Claro que existia outras seitas e credos. Hoje tem Templos Espíritas, a Igreja Quadrangular, Casa Maçônica, e outros lugares em que o povo vai. Mas, naquela época, nasceram outras Paróquias, Igrejas Católicas, desmembradas da

Igreja Cristo Rei, pela necessidade da população: Igreja Sagrados Corações, Igreja Nossa Senhora de Fátima, Igreja Nossa senhora de Guadalupe, Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, que eu me lembro, agora.

As festas mais importantes, na Igreja Cristo Rei, eram duas por ano: uma na segunda quinzena de julho, pelo Padroeiro e em fins de outubro, dia 28, dia de São Judas Tadeu. Eram grandes. O pátio da Igreja ficava totalmente cheio, era muito grande a participação. Com o passar dos tempos, foram desaparecendo essas festas populares, em mais ou menos 1975, quando o novo prédio da paróquia foi inaugurado. Fazíamos bingos, com prêmios bonitos e as arrecadações ajudaram na construção da Igreja. Existia uma comissão de festas para as organizar; primeiro foram às pessoas mais velhas, depois vieram os mais jovens. Eu fiz parte dessa comissão por muitos anos. Todos trabalhavam e ajudavam a Igreja: a Congregação Mariana e as Filhas de Maria.

As crianças brincavam de muitas coisas, eram muito variadas: bolinha-de-gude, tic, pião, pipa, soltar balão e pegar balão; subir nas árvores e cair delas, também. Era muito divertido.

Na minha família era normal passear na casa dos parentes e os piqueniques eram feitos aqui na chácara, pois o parente vinha muito aqui, ou então íamos na mata perto da Caixa D'Água. Levávamos lanche e ia comer lá. Naquela época, nos passeios, ia toda a família: pai, mãe, filhos, tios, primos, avós, vizinhos. Ia todo mundo, todos juntos a pé. Para ir à cidade, íamos também de charrete ou trole, ou carroça, ou ia a pé mesmo. Quando chovia era uma tragédia! O Rio Taca (Rio Juvevê) transbordava e só dava passagem pela Rua XV (Rua São Paulo), onde tinha ponte. No ano de 1937/38, eu ganhei de meu pai uma bicicleta e levava meu irmão na garupa, para a escola, no Colégio Santa Maria. Quando chovia, da Rua Ubaldino do Amaral até a nossa casa, tinha que trazer a bicicleta nas costas, de tanto barro e não conseguia andar. É, a nossa vida era assim...

Ônibus, não tinha. Quando apareceu, ia só até a Rua XV, perto do Hospital Instituto de Medicina, era o ponto final, e não ia adiante, porque era só barro. Depois, quando colocaram macadame nas ruas, vieram os lotações e os

ônibus grandes até a Caixa D'água. Hoje é uma felicidade: a cada passo tem pontos de ônibus com várias linhas, bastante ônibus e não é preciso ir de carro para o centro.

Pessoas especiais, assim diferentes, não me lembro. Sei que tinha benzedeiras, a Dona Maria Polenta, a Dona Angelina...

Nós fazíamos o pão em casa. Difícilmente ele era comprado pronto. Mais tarde tinha o PORCIDES de carrocinha, que entregava o pão de madrugada e nunca o pão foi roubado. Havia vendedores de rua, os mascates, que vendiam diversas coisas e também vinham às carrocinhas de Santa felicidade, com verduras, legumes, frutas, que faziam uma cantilena anunciando suas mercadorias; tinha também as carrocinhas de lenha, porque os fogões eram a lenha. Depois veio a eletricidade, a água encanada, não tinha. Os canos que desciam pela Rua Sete de Setembro levavam a água lá para o Alto de São Francisco, que depois era distribuída pela cidade. Aqui no Cristo Rei, a água só chegou, encanada, muitos anos depois. Foi no primeiro mandato do Governador Moisés Lupion, é que conseguiram instalar a água. E muito tempo depois, é que foi posto o esgoto. Aqui era tudo despejado nas fossas e poço morto.

Falei anteriormente que não havia roubos, nem de pão, mas hoje a coisa está mudada, roubam tudo. Se deixar o carro na rua, já vem alguém para quebrar os vidros e roubar o que tem dentro. O que não tem mais é tranquilidade; antes a gente podia voltar tarde para casa, sem o perigo de assalto. Houve um tempo atrás, que estavam assaltando em pleno dia, agora parou um pouco. É terrível. O que eu sinto aqui é a falta de segurança. As pessoas entram na casa da gente, é preciso manter tudo trancado com grades; é preciso cuidado.

Depoimento oral nº 18 - ARAMIS CHAIN  
(junho/2002)

Meu nome é ARAMIS CHAIN. Sou proprietário da Livraria do Chain. Nasci em Curitiba, no dia 16 de novembro de 1943, no lugar em que fica a junção dos Bairros Capanema /Cristo Rei. Toda minha vida é no Cristo Rei, local que é de uma importância fundamental na minha vida, lembrança de minha infância, adolescência e juventude, e conhecimento. Lembrar os bingos da Igreja Cristo Rei aos domingos. Íamos à Missa na Igreja do Cristo Rei embora nós tenhamos muitas religiões em casa, é fantástico, conviver com todos aqueles antepassados e filhos de imigrantes. Tudo isso lembra muito bem Curitiba

Nesse dia às seis horas da manhã eu nasci de parteira, acredito que naquele tempo todos nasciam de parteira. Havia uma mulher chamada Dona Ana, que fazia esse trabalho, e todos nascemos bem; não precisava de Ministério da Saúde, das Secretarias, havia uma responsabilidade para com a saúde. Porque os imigrantes trouxeram seus conhecimentos, suas tecnologias, mesmo sem ter diplomas, isso tornava a comunidade mais unida porque um ajudava o outro; lembro bem que um sempre esperava o outro, se um precisava, se tinha uma precisão, um sempre ajudava o outro.

Quase todos eram funcionários da Estrada de Ferro Rio Grande/São Paulo. Nós acompanhávamos da janela de minha casa, o trem e o trabalho do “guarda-freio”, (aquele indivíduo que transferia os trilhos para o lado direito ou lado esquerdo, quando vinham os comboios de trens e era no horário certo, para que eles se desviassem, cada um pegava um dos lados dos trilhos e não se batessem de frente). Era uma função muito importante e não podia haver erro! Eles usavam um tipo de calçado, chamado “alpargata” e quando uma Fábrica fez este tipo de chinelo, nós o chamávamos de “chinelos de guarda-freios”. Eram as “Alpargatas Roda”.

Lembro-me do Bairro Cristo Rei, que teve basicamente o seu início por causa da Igreja que tem esse nome, e outra coisa fundamental foi a Instituição

Colégio das Freiras, o Colégio Cajuru, as irmãs que vieram da França, e se instalaram no bairro.

Meu pai era comerciante e emigrante, como todos os que moram aqui; eu tenho descendência austro-húngara por parte de mãe, e do lado paterno, meu pai era libanês e todos eles depois que cresceram financeiramente, fizeram as suas versões de como eram e contavam histórias mirabolantes, criaram castelos em nossas mentes, de como era sua vida no país de origem, (chefes de tribo, donos de terras, nobres, famílias ricas), mas eu tenho certeza que a maioria de todos os imigrantes “vieram com uma mão na frente e outra atrás”, e aqui no Brasil foram acolhidos. Esta é a nossa Terra, e foi muito bom. Não há melhor Terra, nem poderia ter havido melhor acolhimento para todos estes povos, que chegaram aqui no Brasil: europeus, asiáticos, africanos. Alguns chegaram antes, outros vieram depois, ao Paraná, em Curitiba. “Paraná, Terra de todas as gentes”, palavras de Wilson Martins \*. Essa gente chegada de toda parte, e muitos moravam no Bairro Cristo Rei, tornando-o um bairro diferente de todo o Brasil, numa mistura de gente, onde todos se confraternizavam, e se chamavam por suas origens étnicas: “Negão”, “Polaco”, “Alemão”, “Italiano”, “Japa”, sem dizerem que era preconceito, ou discriminação, essa burrice criada para acabar com a comunidade, descaracterizando suas origens, suas etnias, seus costumes, seus hábitos, tornando pejorativo um costume tão nosso...

Na venda do meu pai, nós vendíamos de tudo, desde cereais até frutas e verduras, e os levávamos de carroça aos fregueses. Era na Av. Capanema, número 111, rua essa que se chama, agora, Av. Affonso Camargo. Todas as crianças trabalhavam, ajudando seus pais, eu também. A brincadeira que nós tínhamos era jogar bola, tomar banho no Rio Ivo, sujo, onde desaguavam os esgotos; aquela região chamava-se “cobrafite”, ali na Rodoferroviária; as ruas todas eram de chão batido, algumas tinham macadame; eu acompanhei a colocação de asfalto, onde os operários trabalhavam com grandes máquinas, que faziam um baita barulho, não eram elétricas e era muito bonito quando passavam o asfalto. Eu gostava de ficar com os operários, que eram da Prefeitura e levavam marmitta com suas refeições.

Ali pela frente de minha casa, todos os domingos, as freiras passavam com as alunas internas, aquela fila comprida de moças lindas, aquelas beldades, que saíam do Colégio Cajual. Eu costumava sair com meus pais, aos domingos, mas, antes, eu esperava pelo desfile. Era um belo desfile de mais ou menos 300 metros de moças, pois elas iam passear, possivelmente até o Passeio Público, e depois eu voltava correndo, para vê-las na volta, lá por 5/6 horas da tarde. Era muita gente, elas vinham de todo o interior do Paraná e de outros Estados, para estudar nesse conceituado Colégio, e ali eram formadas as futuras “Damas” do Paraná.

Aos domingos era um charme ir a Igreja Cristo Rei, assistir a Missa. A gente se arrumava todo. Sábado, então, era dia de tomar banho, não o meio banho, mas de todo corpo, tinha que lavar bem atrás das orelhas, trocar toda a roupa, era banho de canjiquinha, em bacias, não havia chuveiros, naquela época.

Lembro de algumas famílias que eram nossos vizinhos, os Piazzetta, os Garbui, os Cazzeta, Casa Trigos, eram pessoas que sempre se comunicavam.

Meu pai jogava “Boche” ali na Sociedade Morgenau, junto com os amigos e eu ia com ele, vê-lo jogar.

Havia um código de ética respeitado pelos negociantes, as pesagens eram corretas, não precisava fazer aferimentos de balanças; havia também um código de ética pelas pessoas; cada família sabia como educar e castigar seus filhos. Se um pai fosse chamado na escola do filho, dependendo do que ele tinha feito, a surra era certa e muito grande. Não havia isso de culpar a escola, o professor. Os pais respeitavam os professores. A escola dava instrução, conhecimento; era o aspecto cultural e a formação intelectual da criança. A educação, quem dava era a família. Os professores eram considerados muito importantes na sociedade.

É muito bom lembrar a figura maravilhosa de Poty Lazzarotto, que era nosso vizinho aqui no Bairro, meu amigo. O Poty, com aquele carro e cavalo, que ele desenhava, é a lembrança de meu pai. Ele e seu irmão, o Joãozinho, aqui do Cartório Cajuru, eles iam lá na estufa de bananas do meu pai, eles iam ajudar. Meu pai chamava-se Ussein Chain e ele era muito conhecido na região, ele

recebia caminhões com cereais de toda região de Santa Catarina, e depois distribuía aos compradores, de carroça; sabe, nessa época começou a aparecer o óleo de soja, que foi trazido do Japão, nas primeiras imigrações daquele povo.

O tamanho do Bairro, que eu me lembre, ele se estendia ali dos trilhos, atrás do Hospital Cajuru, ia até quase a Rua XV, e na Av Nossa Senhora da Luz. Depois era o Bairro Cajuru, por onde eu andava com carroça, vendendo os nossos produtos.

O Hospital Cajuru foi construído com o dinheiro dos empregados e dos funcionários da Estrada de Ferro, que, por serem descendentes dos imigrantes, tinham visão de responsabilidade com a saúde; meu avô trabalhou ali, ele era mestre de pintura na Estrada de Ferro.

Tenho saudade da vergonha na cara que as pessoas tinham, naquela época. Havia punição aos malandros, as pessoas se respeitavam mais. As crianças aprendiam que era necessário cuidar das obrigações antes da diversão; primeiro trabalhar e depois comer, cuidar dos animais e depois usar o serviço deles.

Aqui no Bairro Cristo Rei havia os poteiros, onde a gente levava os animais para comer as alfafas plantadas, era mais barato que dar espigas de milho para eles, e alimentava muito bem. Eles eram bonitos e fofos.

Eu gostava de ir, aos domingos, no Cine Morgenau, ou Cine Maia, (esse era o nome dos proprietários do cinema) assistir aos bang-bang, diziam que a gente saia cheio de pólvora. . . Também víamos os filmes de “Tom Mix”, filme de “O Gordo e o Magro”, “Tarzan”, “Os Três Patetas”.

Brincávamos de bola de búrico, rodar pneus desgastados, de mãe, de 31 (esconder), com as latas vazias de óleo de caminhão que eram redondas, as colocávamos uma trás da outra, amarradas, e eram puxadas; fazíamos trabalhos manuais com serrinha, eram tabuas para cortar o pão.

Nós levávamos nossa merenda para a escola, eram fatias de pão caseiro com banha. Não havia essa porcariada que comem agora. Em casa a gente tomava chá com leite; aos domingos a gente tinha direito de ganhar Gasosa Cini, que delícia! Jogava bafo e bola de búrico e disputava bala de ovos da

Todeschini! Aos domingos nós tínhamos uma refeição especial: macarrão, galinha, maionese, e salada de frutas e um manjar com bananas embaixo; tinha também um pudim. Não fazíamos piqueniques, porque o trabalho era diário. Mas nós, quando saíamos de bicicleta, levávamos cestas com comida e íamos bem longe para comer.

A sorveteria de Dona Neca, perto do viaduto do Mercado Municipal, era o ponto de encontro de todos para tomar o sorvete da Dona Neca. Faziam filas! Eram da Família Monteiro.

Saia-se muito nas ruas, descalços. E isso não era sinal de pobreza, mas de simplicidade; todos podiam sair sem sapatos. As roupas também eram remendadas e as mulheres tinham que entender de costura; não havia essa fartura e desperdício. As mulheres eram trabalhadoras, faziam de tudo, não tinham facilidades. Não se tinha nem geladeiras, aliás, quando se queria refrescar as bebidas, comprava-se barras de gelo “Cristal”, que eram entregues de carrocinha e caixas de ferro, envoltas em serragem, para não derreterem.

Lembrar as coisas do passado, aquilo que vivemos, é muito bom, para dar valor às conquistas do presente.

## Depoimento oral Nº 19 - CELESTIN PONTONI

(junho/2002)

Meu nome é CELESTIM PONTONI, tenho 86 anos, moro na Rua Reinaldino de Quadros, 1377 Bairro Cristo Rei, sou casado, de profissão electricista de bonde, descendente de italianos. Sou brasileiro. Eu morava no centro da cidade na Companhia de Força e Luz do Paraná, meu pai era feitor lá, e quando ele se aposentou, ele teve que sair de lá e como minha mãe herdou esta propriedade, então meu pai resolveu construir aqui. A casa foi construída em 1932. Aqui era um poteiro com passagem para uma só pessoa; ia lá pros lados do PIAZZETTA, que fica ali para cima. Minha casa era de madeira, com varanda; o tamanho era uma meia-água, com uma sala, o meu quarto e pro lada da frente ficava o quarto da minha mãe, tinha sala e uma saleta e tinha cozinha; o banheiro era uma tina alta para tomar banho em que primeiro meu pai tomava banho e depois era eu. E era dentro de casa o banho.

Tinha casinha fora de casa. Era um buraco no chão, com uma caixa embaixo, que quando ficava cheia, a gente tirava e enterrava no quintal. A água era de poço, que ainda está aqui debaixo de onde estamos agora.

O meu quintal era plantado com parreirais e não se saia para passear, e então a gente ficava plantando, pois este terreno é muito grande, com 90 metros de fundos. Fazia plantação de árvores frutíferas, com enxertos; e boa parte de cima tinha frutas, maçã, pêras, uvas, café, ameixa e perto da casa tinha verduras e não se comprava nada. Também tinha plantação de temperos, salsa, cebolinha, tomate, cebola... Com grande parte das uvas, meu pai fazia vinho. A vizinhança vinha de cestas buscar verduras. Nós tínhamos criação de galinhas e coelhos e a pele a gente tirava e mandava curtir no curtume e minha mãe usava para fazer trabalhos com elas e também era usada para o vestuário: detalhes nos vestidos, golas, chapeuzinhos, casacos. Outros animais nós não criávamos, mas tínhamos passarinhos. Animais selvagens tinha alguns, mas nós os tocávamos, dependendo do bicho nós matávamos, também.

Aqui era o Bairro Cajuru; quando as freiras resolveram doar um terreno para a construção da Igreja e essa Igreja recebeu o nome de Cristo Rei depois o Bairro, então se chamou Cristo Rei, por causa da Igreja. Nós escolhemos esse nome. Todos gostamos da troca do nome. E Cajuru ficou mais para lá. Os limites do Cristo Rei, isso foi feito depois, porque era chamado Cajuru. Ele começava na linha da Estrada de Ferro Rio Branco, que passa ai, e ia até o Bacacheri, e conforme o lugar ia mudando de nome, mas era Cajuru tudo isso aí, ali para cima ia até a Av. Nossa Senhora da Luz.

Era considerada chique a Rua em frente à Igreja que era a única que era macadamizada. Era a nossa rua chique. Porque, pra sair de casa quando chovia, a gente vinha de bonde até a rua Visconde de Guarapuava, pegava a linha da estrada de ferro e vinha por ela, até a Rua João Negrão, na Ponte Preta, e era onde tinha calçada, e daí, a gente não sujava os sapatos, único lugar de se escapar de não ficar sujo de barro.

O Bairro Cristo Rei ficou muito famoso por causa da Igreja e das novenas, e em vez de ir para o Centro para ir à Igreja, todos gostavam de vir aqui, isso levantou muito o estado da Vila, então começou a aparecer a estrada de macadame, na Rua XV, na Rua Marechal Deodoro, e isso forçou a Prefeitura a melhorar e deixar mais chique e mais bonito. Fizeram bastantes casas.

As festas, como um casamento, eu era sócio-conselheiro da Sociedade Morgenau, eles me cediam o salão e eu fazia a festa lá. As filhas quando casaram, fiz lá as festas, mas também fazíamos festas em casa. Tinha gente que fazia o almoço ou a janta da festa. Minha "patroa" gostava de fazer bolo e nós fazíamos nossas festas.

Não tinha quase outras religiões e com os que não éramos católicos, nós nunca se estranhámos, porque cada um respeitava o outro. Minhas filhas, quando chegou, a hora de irem para a escola, minha mulher foi falar com as freiras para elas estudarem lá. Ficaram na parte separada do Colégio, num barracão de caridade, e o ensino que elas davam para as crianças pobres era muito fraco, e quando minha mulher foi reclamar que elas não sabiam quase nada, a Freira disse: "Para filha de operário está bom saber ler um pouco e fazer contas". Minha

mulher tirou as duas imediatamente do Colégio Cajuru colocou no Grupo Escolar República do Uruguai, pois a outra escola era só no Grupo Escolar Conselheiro Zacarias. Lá foi ótimo, aprendia de tudo, era forte, ganhava material e não pagava nada; era longe, era tudo campo para atravessar, levava uma hora para chegar.

As crianças brincavam com brinquedos comprados por mim, remo, bicicleta, patinete, mas também pulavam corda, caracol, brincava de pega-mãe, esconde, casinha...

Um dia eu deixei de ser eletricitista de bonde e abri uma firma de eletricitista, junto com meu irmão e deu certo, pois nós trabalhávamos em prédios e residências. A gente ia de bicicleta, trabalhar. Foi assim que me aprumei e pude dar bom estudo pras filhas, escola particular, boa vida. Deu para comprar carro, fazer casa na praia.

A esposa e eu gostávamos de ir muito ao cinema e de ir à Igreja, na Catedral. Pudemos fazer uma casa na Praia de Matinhos, e passeava bastante; nas férias eu revezava com meu cunhado no serviço e assim passava as férias. Também eu gostava muito de pescar nos rios daqui por perto. Quando eu não tinha carro, mas alguns amigos tinham e me levavam junto. Eram boas amizades; agora já não é mais assim; tem gente de todo tipo, e meus amigos, quase todos já morreram. Naquele tempo tinha união.

É bom agora, que hoje tem de tudo, aqui, não é preciso procurar nada, tem de tudo que a gente queira, tudo que é necessário. Eu gosto muito daqui.

## Depoimento oral nº 20 - LEDA PONTONI KLAMAS

(junho/2002)

Meu nome é LEDA PONTONI KLAMAS, tenho 62 anos, casada, do lar, moro na Rua Reinaldino S. Quadros, 1367, descendência italiana por parte de pai, russo e português do lado de minha mãe. Sou brasileira. Desde que nasci moro neste Bairro do Cristo Rei.

Quando eu era pequena, não tinha quase ruas abertas, havia poucas construções grandes, havia mais campos. Houve a construção do Grupo Escolar, da Fabrica Moveis Cimo, uma fábrica grande. A Sociedade Morgenau, o Colégio Cajuru, a Igreja, o Bloco Esportivo Morgenau. A maioria das casas era de madeira, grande. A nossa era grande, sem água encanada, banheiro fora de casa, água do poço, tinha que ter bacia para se lavar de manhã, lavar a louça também em bacia e a roupa se lavava no tanque.

Chique eram as poucas casas de material, ter geladeira, ter televisão. Eu tinha uma tia que tinha geladeira e a gente ficava olhando para a geladeira dela.

O quintal era plantado. Os homens cuidavam das verduras e legumes e das árvores frutíferas, e as mulheres cuidavam dos jardins, semeando, mudando as flores conforme a estação do ano. Os jardins estavam sempre floridos. Minha nona tinha muitas flores.

Edificações importantes, pois, para mim, a mais bonita era a casa da Família Giraldidi, na Av. Souza Naves. Era grande tipo sobrado e se via de longe! Ainda existe.

Prédio grande era a Sociedade Morgenau e a Igreja Cristo Rei.

Eu era pequena e no tempo de escola, eu delimitava o Bairro lá de cima, desde a Rua Ubaldino do Amaral, Rua Itupava, Av Nossa Senhora da Luz e a Avenida São José. O tamanho era grande, bem grande. Depois já ficava Capanema. Na minha idéia era isso que eu considerava o Bairro. A maior parte do Bairro era campo. Tinha bastantes árvores. A Igreja era o ponto de referência,

também a Sociedade Morgenau, o Pronto Socorro, a Caixa d'Água, o Colégio Cajuru. A gente fazia piquenique lá na Caixa d'Água, porque tinha bastantes árvores e era muito gostoso lá.

As pessoas confundiam aqui com o Bairro Cajuru, mas nós sabíamos que era Cristo Rei; desde o tempo do Colégio Estadual, onde eu estudava o Ginásio, eu sempre disse que era Bairro Cristo Rei. As pessoas de fora o achavam bom, gostavam do bairro e achavam muito chique morar aqui.

As fabricas importantes foram: Moveis Cimo. A primeira a ser construída foi a Fábrica Mimosa de Fósforos; Fábrica de Tacos Parquetac, Fábrica de Fitas, e a Fábrica Ceollin, de cimento armado, que fazia muros, vasos, tanques. Todas elas deram muito trabalho ao povo que morava aqui no Bairro, principalmente para aqueles que não tinham muito estudo. Os operários iam de bicicleta porque não tinha condução ou moravam por perto. Aqui no Bairro tinha costureiras, bordadeiras, a Dona Celina era cozinheira, Dona Angelina fazia bolos e tortas. Dona Julieta também fazia bolos pra fora.

Tinha muita vaca solta e tinha que cuidar e desviar, quando tinham filhotes elas corriam atrás da gente. Gansos, da Dona Rosa, também eles não deixavam a gente passar, gritavam e corriam atrás da gente. A gente vinha cansada, na hora do almoço, e tinha que dar uma volta enorme por causa deles. Os Taraskiewski tinham muitas vacas.

Escola tinha o Colégio Cajuru, mas elas atendiam, num barracão à parte, os pobres do lugar, como caridade, e elas diziam que para quem ia ser operário, bastava saber ler, escrever e fazer algumas contas. O Grupo foi feito bem depois (1953), e eu já estava no Colégio Estadual do Paraná; no primário, eu ia no Grupo Zacarias, tinha o Grupo Escolar República do Uruguai, a Escolinha da Dona Carola, onde meu marido estudou.

Outra religião não me lembro, acho que não tinha; sei que tinha lá pros lados da Rua Fernando Amaro, um Centro Espírita, mas não conheci ninguém de lá. Tinha pessoas que não eram de nada.

As festas da Igreja Cristo Rei eram muito boas. Era quermesse. Minha mãe tinha barraquinha, ela fazia tainha recheada e assada para vender na

barraquinha; os homens temperavam a carne e assavam o churrasco; tinha barraquinha que vendia cuque de banana, ai que delícia, que saudades! ... Tortas e bolos, os doces eram ótimos! ...Tinha barracas de pescaria, argolam, (para as crianças), bingo, bordados, rifas. Essas festas eram organizadas pelas Congregações e pelo Padre. Fechava a Rua Goethe, de tanta gente.(atual Rua Padre Germano Maier).

Quando eu era pequena, as crianças brincavam na rua, de tudo. Brincávamos gurus e meninas todos juntos, com bola, de se esconder, de 31, betes, de mãe, de matar, pular corda, caracol, todas as tardes a gente brincava, geralmente era em frente da casa da Marister, era campo e tinha espaço. Ali a gente brincava bastante. Em casa, a brincadeira era de boneca, de casinha, de comidinha, cada uma tinha seu fogãozinho. Quando chovia, batia peteca dentro de casa, tinha até lugar para isso e o Nono achava ruim. À noite, os pais jogavam junto baralho, junto com a Nona. Nós tínhamos bastantes brinquedos, carrinho de bonecas, pianinho. Ouvíamos muito rádio. Toda tarde, depois que fazia a lição, eu gostava de ouvir a Rádio Emissora Paranaense, Programa Peça e Ouça, que a gente pedia música, e ouvia, mas, aí eu já tinha 14 anos. Ouvia, também a Rádio Clube Paranaense. Ia também na Matinê, e fazia muito piquenique e minha mãe levava toda a vizinhança junta. Ela preparava litros de suco de laranja, levava bolacha e pão caseiro, porque todo mundo fazia pão em casa, era muito chique quem comprava o pão de padreiro, como era gostoso, e aquele cheirinho era especial, isso era muito chique.

Nós tínhamos carrinho de mão e colocávamos dentro as bonecas vestidas e ia passear pelo Bairro, e as vizinhas também colocavam suas bonecas nos carrinho de mão. Tinha uma menina que não tinha boneca, então ela levava o Cachorro. Coitada, nem sei por que ela não tinha boneca, mas afinal, naquele tempo, não era tão comum ter boneca. A gente passeava muito, ia pescar com o Pai, ia aos jogos de Futebol com ele. O Pai gostava muito de futebol.Ia às festas da Igreja, e no Bloco Morgenau, todo domingo tinha jogo.

Tinha um sorveteiro que vinha de carrinho a cavalo, ele tocava uma corneta de chifre; era um sorvete muito gostoso, e quando nossas gargantas estavam

inflamadas, a Mãe nos fechava em casa só pra não correr atrás do Mustafá, o sorveteiro. Tinha o Tamandaré, um baixinho, barbudo, que andava com um saco nas costas; quando ele vinha, a gente não saía na rua, e quando encontrava com ele na rua, a gente corria e entrava na casa do vizinho mais próxima, de tanto medo que se tinha dele. Tinha um entregador de lenha, que vinha de carroça, o padeiro também vinha de carroça, e as compras do mês que eram feitas lá perto da Ponte Preta, também vinha de carroça, e depois, quando iam embora, levavam a gente até um pedaço, só para passear de carroça.

Sinto falta das amizades, a gente conhecia todos os vizinhos, agora, não se conhece o vizinho do lado: é muita gente, e se mudam muito.

## Depoimento oral Nº 21 - OZIRES KLAMAS

(junho/2002)

Eu vou apenas falar das grandes propriedades que havia aqui no Bairro Cristo Rei, quando eu era pequeno.

- 1- A Chácara dos Murrari era grande, bonita, fazia divisa com o Rio Tarca, atual Rio Juvevê, ficava entre a Rua José de Alencar, Rua Guarani (atual Av. Souza Naves), Rua Atilio Bório e Rua Reynaldino Schaffemberg de Quadros. O dono era o Coronel Dimas.
- 2- A Chácara do Coronel Garcez do Nascimento, ao lado da Rua Reynaldino de Quadros, ali fizeram a Clínica Mens Sana.
- 3- Campo de Futebol Atlanta, que ficava entre a Rua Reynaldino de Quadros e Rua Almirante Tamandaré.
- 4- A Chácara de Dona Lindáura e “Seu” Arcênio Pinto, que ficava entre a Rua José de Alencar, Rua do Herval, Rua Visconde de Guarapuava.
- 5- A Chácara do “Alemão Branco” Heisler, que ficava entre a Rua Marechal Deodoro (Rua Guarani), Rua José de Alencar, Rua Fernando Amaro e Rua Almirante Tamandaré.
- 6- A Chácara da Família Ceolin, (avós de dona Leda Pontoni Klamas), muito grande e bonita, que ia da Rua XV de Novembro até a Rua Souza Naves, (antiga Rua Guarani), e ficava entre as chácaras dos Poplade, do Ribeiro, dos Piazzetta e dos Pontoni.

- 7- Entre as Chácaras dos Pontoni e dos Tiepollo, havia uma estradinha doada, para a saída das chácaras para a Rua Guarani. Depois essa estradinha ficou a Av. São José.
  
- 8- Daqui da Rua Guarani, lá pros lados das Freiras, na Av. São José era o mato do CT (chefe do tráfego da estrada de ferro); a criançada dizia que era mal assombrado aquele lugar. Ali, mais tarde, construíram a Fábrica de Móvel Cimo. O lugar pertencia à Dona Josephine Herweck.

Dessas, eu lembro bem, pois por todas elas eu e meus companheiros de infância, brincamos, caçamos, corremos, roubamos muitas frutas, fomos felizes...

## Depoimento oral Nº 22 - TEREZINHA DUBIEL DE CASTRO

(junho/2002)

Meu nome é TEREZINHA DUBIEL DE CASTRO, tenho 61 anos, moro na Rua Fernando Amaro, 838, Bairro Alto da XV. Sou casada, de descendência polonesa; sou brasileira, nasci nesta casa, neste bairro, isto é, naquele tempo ele era parte do Bairro Cristo Rei, cuja única rua aberta era a Rua Padre Germano Maier, que se chamava Rua Goethe, e era aberta, também, a Rua XV de Novembro.

A minha casa era boa, grande, mista, isto é, alvenaria por fora e de madeira por dentro. As casas dos vizinhos eram de madeira.

A maioria criava galinhas, porcos, vacas. As casas tinham fogão a lenha, paiol, não tinha água encanada, (só poço) e nas ruas tinha valetas. Nas casas havia fossa como esgoto, e se chamava poço morto; não havia muros, só cerca de madeira, todas as casas tinham sótão.

Os quintais eram plantados com verduras, frutas, feijão, batata e os jardins eram lindos, cheios de flores, o ano todo.

No Bairro tinha algumas fábricas, como a Fábrica de Fósforos Mimosa, a Fábrica de Bolachas e de Balas Aurora, o Curtume na Rua Itupava. Os operários eram, na maioria, moradores do próprio bairro, mas muitos vinham de trem das cidades vizinhas. Aqui por perto não tinha outros tipos de serviços para seus moradores, a não ser nas chácaras.

Olha, considerado muito chique, aqui no Bairro, era a casa do Gerente da Fábrica Fiat-Lux.

Aqui no Bairro Cristo Rei havia muitos tipos de animais: aqueles considerados selvagens e os domésticos. Às vezes matavam cobra. Sapo tinha bastante. Muito morcego. E tinha raposas, que comiam os ovos e os pintinhos; quem tinha criação fazia arapucas para pegar esses animais.

As edificações que havia naquela época e que ainda existem, são: o prédio do Curtume, hoje é o Colégio Positivo; o prédio da Fábrica de Bolachas

Aurora, hoje funciona ali a loja Curitiba Pneus e na Fábrica de Fitas, agora é uma escola chamado Instituto Goethe.

Os limites do Bairro eram assim: desde a Rua Ubaldino do Amaral até a Caixa d'Água; da Avenida Capanema até a Rua Itupava. Como ponto de referência, dizíamos que morávamos perto da Igreja Cristo Rei ou, então, perto da Caixa d'Água. As outras pessoas confundiam este Bairro com o Alto da XV, e com o Bairro Caixa d'Água. Todos achavam que aqui era tranqüilo, e tinha muitas chácaras.

Escolas, que eu saiba, tinha o Colégio Cajuru e o Grupo Escolar Conselheiro Zacarias, lá no alto da Rua XV.

O povo deste bairro era católico e ia à Igreja Cristo Rei. No Colégio Cajuru tinha a Capela de Nossa Senhora de Lourdes. Havia festas na Igreja Cristo Rei e eram lindas! Tinha a festa de São Judas Tadeu. . Fechavam as ruas para fazer as festas. Era tudo enfeitado e quem organizava era o Padre Germano Maier e as Senhoras do Apostolado. As casas também eram enfeitadas para essas duas festas: a de São Judas Tadeu e a de Cristo Rei. Eu gostava muito dessas festas.

As crianças costumavam brincar de pular corda, de roubar frutas, de perna-de-pau, de balas Zequinha, de guerra de mamonas, de bola-de-gude, de tic. Piqueniques e passeios com a família, eu não fazia. Só ia com o Colégio. No Bairro não tinha aonde ir.

Aqui tinha um pedinte chamado "Pandareco", que os pais usavam para assustar as crianças. E tinha também o Padre Germano, que era muito querido por todos.

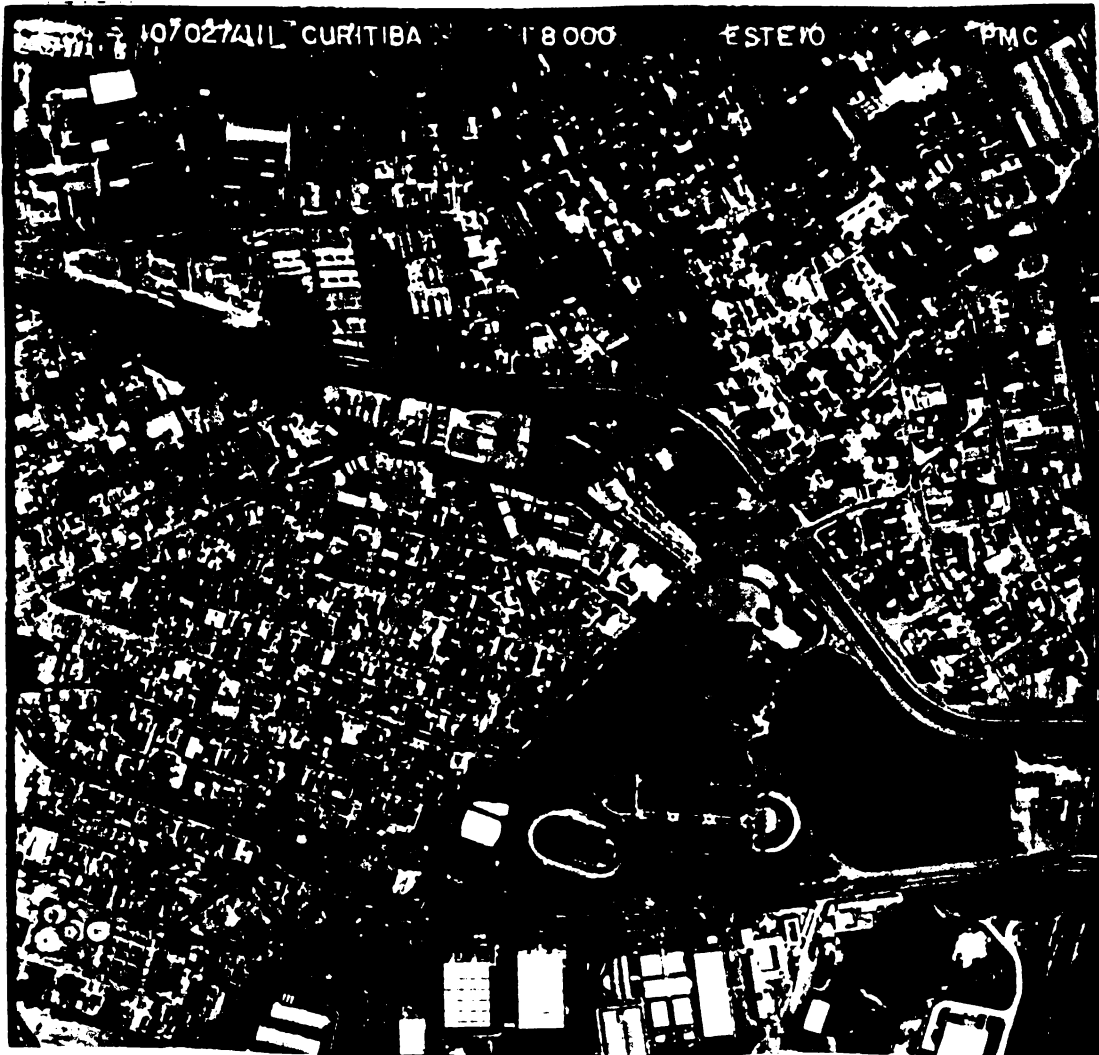
Eu sinto falta das enchentes dos rios, em que eu tomava banho e passeava de barco feito por um vizinho, especialmente para duas crianças. Este bairro era tranqüilo e seguro. Havia muitos moradores fixos, (proprietários), o que hoje já não oferece segurança e tranqüilidade e os vizinhos são poucos que conhecemos. Tinha também o Cine Morgenau, que hoje já não existe mais e o lugar onde a gente ia dançar era a Sociedade Morgenau, que existe até hoje. Antes de ser Bairro Cristo Rei, aqui era chamado Bairro Vila Morgenau.

# ANEXOS

## Lista de Anexos

Foto 1 – Fotografia aérea	121
Foto 2 – Fotografia aérea	122
Foto 3 – Fotografia aérea	123
Foto 4 – Fotografia aérea	124
Foto 5 - Fotografia aérea	125
Foto 6 - Fotografia aérea	126
Foto 7 - Limite Sul- Av. Affonso Camargo	127
Foto 8 - Jardim Ambiental	128
Foto 9 - Casas de madeira	129
Foto 10 – Edifícios residenciais	130
Foto 11 – Linha férrea	131
Foto 12 – Armazém ZIMM	132
Foto 13 – Ônibus Expresso	133
Foto 14 – Estação Tubo	134
Foto 15 – Capela São José	135
Foto 16 – Fundos da Igreja Cristo Rei	136
Foto 17 – Fachada do Col. Est. Prof. Elias Abrahão	137
Foto 18 – Fundos do Col. Est. Prof. Elias Abrahão	138
Foto 19 – Painel azulejado “Água”	139
Foto 20 – Painel “Guardador de Freios”	140
Foto 21 – Painel Vitral na Igreja Cristo Rei	141
Foto 22 _ Caixa d’água	142
Foto 23 – Avenida Nossa Senhora da Penha	143
Foto 24 – Pátio do Supermercado Pão-de-Açúcar	144
Foto 25 – Sociedade Morgenau	145
Recortes de jornais	146
Mapa Bairro Cristo Rei – IPPUC	183
Planta da Vila Morgenau	185
Planta da Vila Poplade	186
Mapa do bairro Cristo Rei	187

-FOTO Nº 01



FONTE: 10/ 027 / JII CURITIBA 1:8000 ESTEIO PMC

Foto aérea vista parcial do Bairro Cristo Rei e Botânico, região Leste de Curitiba. Nela podemos ver claramente a Avenida Pres. Affonso Camargo. Juntamente com sua equipe de trabalho encontre edificações conhecidas e localize o Colégio E. P. E. Abraão. Com o auxílio de papel vegetal ou de seda copie as ruas do bairro Cristo Rei. Legende o seu trabalho.

FOTO Nº 02



FONTE: 09A / 016 / I10 CURITIBA 1:8. 000 ESTEIO PMC.

Foto aérea vista parcial de alguns bairros vizinhos do Cristo Rei: Centro, Alto da XV, Alto da Glória, Botânico. Com auxílio de papel vegetal ou de seda delimite-os. Legende.

FOTO Nº 03



FONTE: 09A / 018 / II0 CURITIBA 1: 8.000 ESTEIO PMC

Foto aérea do Bairro Cristo Rei e Alto da XV. Foto que permite visão ampla do Colégio Est. P. Elias Abrahão. Localize todos os pontos possíveis de reconhecimento, copiando-os com papel vegetal; marque os limites destes bairros. Legende.

FOTO Nº 04



FONTE: 10 / 029 / KII CURITIBA 1:8. 000 ESTEIO PMC.

Foto aérea da confluência dos bairros: Cristo Rei, Capão da Imbuía, Cajuru, Botânico. Descubra os nomes das rodovias que os delimitam. Localize edificações significativas destes locais. Copie e legendre.

FOTO nº 05



Fonte: 10 / 025 / J 11 CURITIBA 1:8. 000 ESTEIO PMC.

Foto aérea dos limites dos bairros: Cristo Rei, Centro, Botânico, Rebouças. Estabeleça esses limites, Faça a Rosa-dos-ventos. Determine as edificações desses locais. Copie no papel de seda ou vegetal, esquematicamente a planta, pelas ruas. Legende

FOTO Nº 06



FONTE: 09A/ 020/ J10 CURITIBA 1:8. 000 ESTEIO PMC.

Foto aérea dos bairros Cristo Rei, Cajuru, Tarumã/ Jardim Social. Quais as principais ruas e rodovia delimitando tais bairros? Localize edificações. Copie, esquematicamente, suas descobertas. Use os pontos cardeais. Legende.

FOTO Nº 07



Fonte: LOSS R. E. Janeiro 2003 - Avenida Pres. Afonso Camargo, que delimita o bairro Cristo Rei, ao Sul.

Leia a foto, descobrindo hora aproximada, situação do trânsito, utilização da rua. Lendo os depoimentos, saberá um pouco da história desta importante rua para este bairro.

FOTO Nº 08



FONTE: LOSS R. E. Janeiro 2003 - Jardim Ambiental – aparelhos e canchas de esportes.

Descubra em que lugar no Bairro Cristo Rei este espaço está localizado, em que condição de uso se encontra, que possibilidades há de os moradores do lugar retomarem este benefício e o reativarem.

FOTO Nº 09



FORTE: LOSS R. E. Janeiro 2003 - Casa de madeira de Dona Isaura Crocetti (uma das depoentes), na Rua do Herval.

O progresso chega em toda parte. Também no bairro Cristo Rei, casas de madeira ou mesmo construções mais recentes dão lugar aos grandes edifícios de apartamentos e a outras finalidades. Pesquise com sua equipe, observe os diferentes tipos de construções que existem pelo bairro, convivendo harmoniosamente neste espaço de chão, comparando com as edificações desta foto.

FOTO Nº 10



**FONTE: LOSS, R. E. Janeiro 2003 – Conjunto de edifícios residenciais.**

Antigamente, neste espaço ocupado pelos conjuntos residenciais havia outras edificações. Descubra quais eram, quem ocupava o lugar, o que aconteceu. Formule hipóteses, crie histórias com suas descobertas.

FOTO Nº11



**FONTE:** LOSS, R.E. Janeiro 2003 – Linha férrea atravessando o bairro Cristo Rei. Ao fundo vê-se a casa de Orlando Luis de Miranda.

Leia o depoimento do Sr. Orlando e descubra os fatos importantes do bairro Cristo Rei que ali aconteceram em 1918. Você estava assistindo ao desenrolar desses acontecimentos. Descreva-os com detalhes.

FOTO Nº 12



FONTE: LOSS R. E. Janeiro 2003 - Armazém Zimm, nas esquinas das ruas Padre Germano Maier com Rua do Herval.

Há um depoimento que fala muito deste lugar. Leia-o, discuta a respeito com sua equipe; vá até o local, converse com os proprietários, saiba mais.

FOTO Nº 13



**FONTE: LOSS R. E. Janeiro 2003 - Avenida Pres. Affonso Camargo, direção leste/oeste; Canaleta do ônibus expresso.**

**O ônibus expresso é uma exclusividade de Curitiba. Pesquise e conte em uma palestra sobre o bairro Cristo Rei tudo que descobrir sobre o transporte coletivo que serve este bairro.**

FOTO Nº 14



**FONTE: LOSS R. E. Janeiro de 2003 – Estações-tubo na Av. Presidente Afonso Camargo (Sentido bairro – centro).**

O bairro Cristo Rei é fartamente servido pelo transporte coletivo. Na foto vê-se estações-tubo; comente sobre este serviço público integrado e as vantagens e desvantagens para os usuários. Como era este serviço de transporte coletivo nas lembranças dos depoentes?

FOTO Nº 15



**FONTE: LOSS R. E. Janeiro 2003 - Edifício da Capela de São José e Colégio N.S. de Lourdes na Avenida São José.**

Uma das primeiras edificações deste bairro. A maioria dos depoentes fala alguma coisa deste lugar. Releia os depoimentos e relacione aos pontos positivos e negativos sobre este local. Vá até o local e observe a beleza deste prédio de estilo francês.

FOTO Nº16



FONTE: LOSS R.E. Janeiro 2003 - Fundos da Igreja Cristo Rei.

Este prédio tem linhas arrojadas, no formato de um barco. Compare com fotos antigas deste local e conheça a história desta igreja e sua importância para este bairro. Descubra o por quê desta forma de construção.

FOTO Nº 17



**FONTE: LOSS R. E. Janeiro 2003 - Fachada do Colégio Estadual Profª Elias Abrahão.**

Conheça seu local de aprendizagem. Leia sobre sua história, encontre nos depoimentos a importância desta escola para este bairro e suas famílias. Entreviste ex-alunos. Faça um relatório sobre suas descobertas.

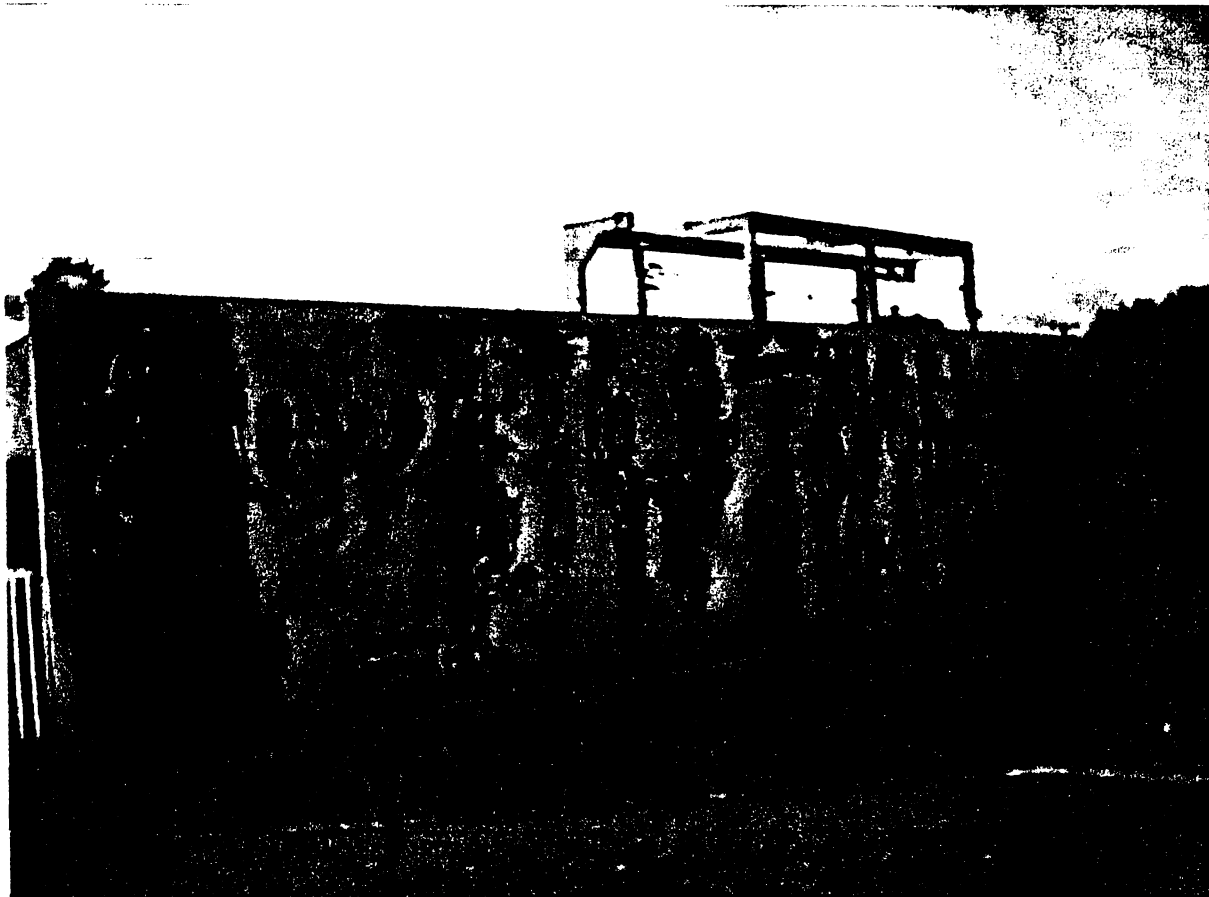
FOTO Nº 18



FONTE: LOSS R. E. Janeiro 2003 - Fundos do Colégio Estadual Prof<sup>º</sup> Elias Abrahão.

Dentro destes muros os alunos do Colégio aprendem, fazem amizades, jogam... você conhece bem este espaço. Procure saber o que os depoentes disseram sobre as escolas deste bairro.

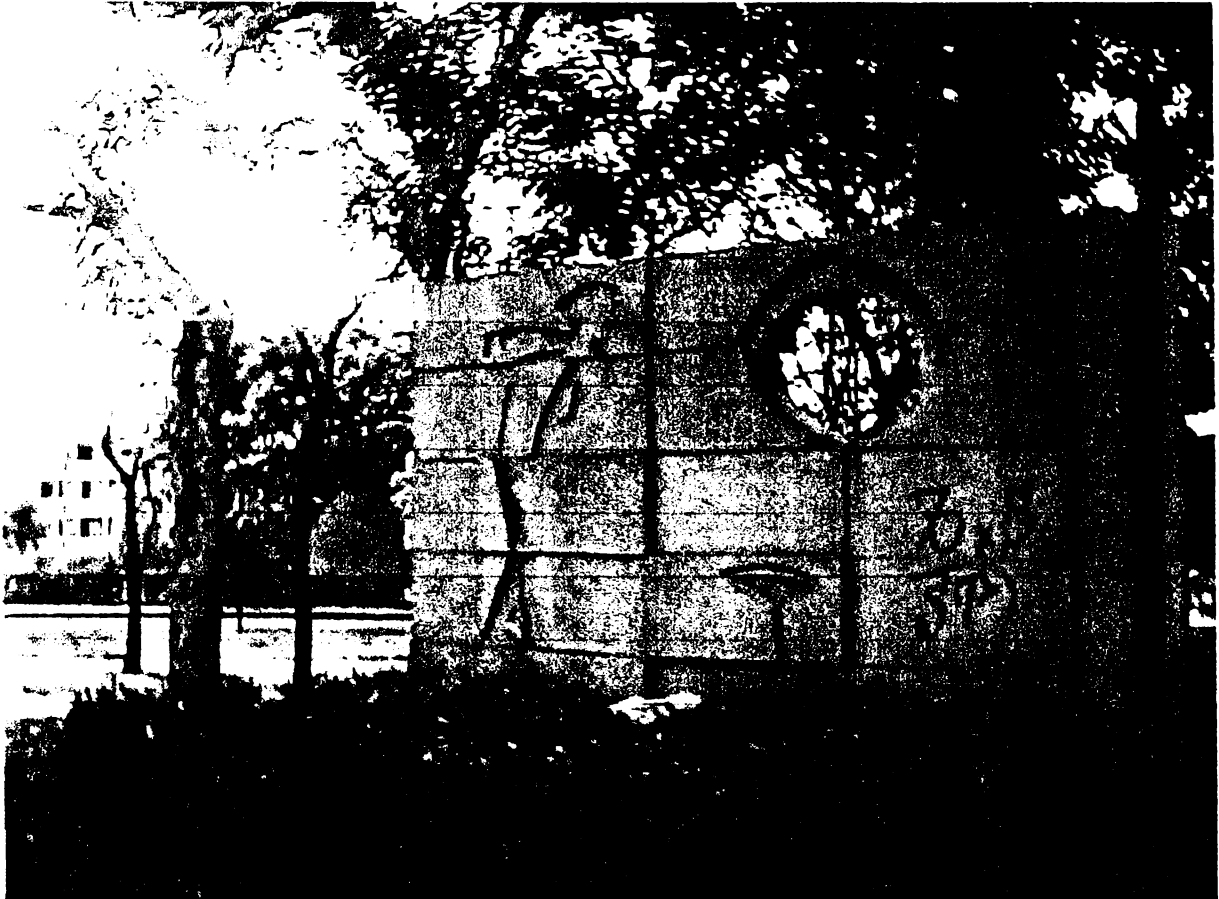
FOTO Nº 19



**FONTE: LOSS R. E. Janeiro 2003 - Painel alusivo à água de POTY LAZZAROTTO.**

Descubra onde se localiza este painel azulejado, assinado por tão importante artista paranaense, nascido e morador deste bairro. Pesquise sobre a vida dele. Você encontrará citações sobre ele nos depoimentos.

FOTO Nº20



FONTE: LOSS R. E. Janeiro 2003 - "O Guardador de Freios". Painel em cimento em alto e baixo relevo, do artista plástico paranaense POTY LAZZAROTTO.

Descubra onde fica este painel, a quem homenageia, por que está localizado nesse lugar. Procure na cidade de Curitiba outros trabalhos deste artista internacional.

FOTO Nº 21



FONTE: LOSS R. E. Janeiro 2003 - Vitral Religioso no Batistério da Igreja Cristo Rei. A autoria: POTY LAZZAROTTO

Este artista paranaense atuou em todas as frentes das artes plásticas. Além de conhecer também esta maravilha artística, procure saber das outras obras do POTY. Vale a pena! Enalteça os artistas locais. Conheça e forme um painel na sua escola com réplicas dos trabalhos dele.

FOTO Nº 22



FONTE: LOSS R.E. Janeiro 2003 – Caixa D'Água.

Leia nos depoimentos a importância deste reservatório de água para os moradores deste bairro. As lutas que tiveram para receber este benefício. Vá ao local, com sua equipe, para saber mais sobre seu funcionamento e história. Faça um relatório com suas descobertas.

FOTO Nº 23



FONTE: LOSS R. E. Janeiro-2003 Av.n.sra. da Penha.

Acredite, isto também é o bairro Cristo Rei! Abandono, mato, buracos, sem calçamento...Onde fica este lugar, num bairro tão valorizado? Arme-se de equipamento fotográfico e vá com sua equipe, em busca de aventura! Exponha suas fotos comparativas num grande painel.

FOTO Nº 24



FONTE: LOSSS. R. E. Janeiro 2003 Pátio do Supermercado Pão-de-Açúcar.

Este lugar já foi um grande pólo de criação artística e muito trabalho: a Fábrica de Móveis Cimo. Com o tempo ela fechou e suas dependências abrigam outras atividades. Com sua equipe investigue o que aconteceu com a fábrica e quem ocupa, atualmente, este espaço.

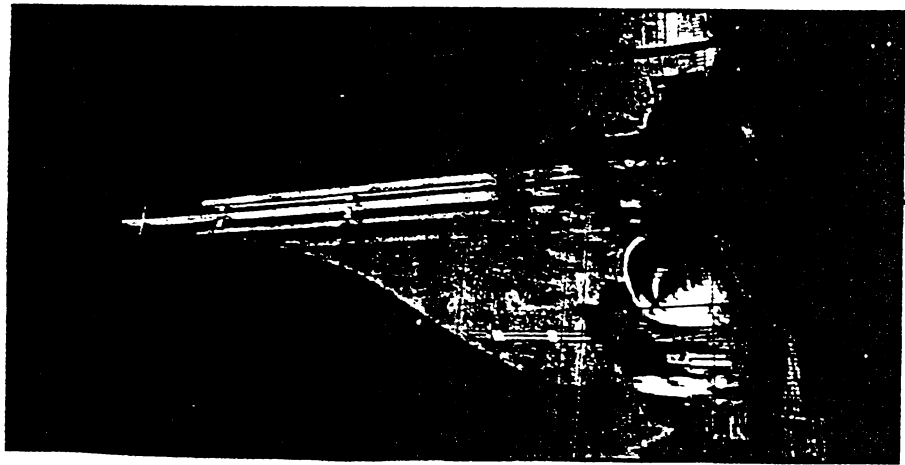
FOTO Nº 25



FONTE: LOSSS. R.E. Janeiro 2003- Sociedade Morgenau.

Quase todos os depoentes citaram a Sociedade Morgenau como ponto de referência no bairro Cristo Rei. Pesquise e faça uma exposição sobre tão importante local de cultura, lazer e encontros.

# CRISTO REI, UM BAIRRO JOVEM



Um dos pontos turísticos do Rio de Janeiro, o Cristo Rei, no bairro de Cristo Rei.

**C**omo a maioria dos bairros mais novos de Curitiba, o Cristo Rei tem sua história muito afilhada ao bairro de Curitiba. Foi criado por dois proprietários, como sendo "Cristo Rei". Por isso que muitos referem ao bairro Cristo Rei. É o caso do Café do Cristo Rei, o tradicional "Café do Cristo Rei", mas que está localizado no Cristo Rei. O mesmo acontece com o Pronto-Socorro Cristo Rei, que pertence ao bairro do Cristo Rei.

Para melhorar ainda mais a infraestrutura do bairro, foi criada a Rua Ubaldino do Amaral, Via de Acesso à Avenida P. S. da Luz, de Novembro. Bairro classe média alta, ele possui uma excelente infraestrutura comercial. Ruas arborizadas, trânsito tranquilo, com cicloviários, e neste bairro que está a Sociedade Moggi FM, que durante

## Sua forma lembra um barco

criada em 20 de junho de 1938, com a intenção de ser o bairro do Cristo Rei, ela é a mais antiga paróquia da arquidiocese. Hoje sua igreja é denominada de São Judas Tadeu, em referência ao santo padroeiro da paróquia.

Foi o padre germano Maier, o primeiro vigário da paróquia, quem iniciou a construção da igreja em 1938. A obra foi concluída pela Sociedade de Beneficência Cultural e Caritativa São Judas Tadeu.

Com o crescimento do bairro, a necessidade de um templo maior foi constatada. Uma outra, esta que ainda mantém a arquitetura original, chamada de São Judas Tadeu, foi construída em 1958. O projeto foi desenvolvido pelo arquiteto português João de Sá, que também foi responsável pela obra.

As obras foram a cargo de São Judas Tadeu, com o auxílio financeiro da Arquidiocese de Curitiba. Sua construção levou mais de dez anos para ser concluída.

A igreja de São Judas Tadeu é considerada uma das mais belas do Rio de Janeiro. Ela possui um belo altar e uma capela lateral. O interior é decorado com azulejos e pinturas. A igreja é um dos pontos turísticos do bairro.

## Vandalismo nas praças

Em uma das praças do bairro, houve um ato de vandalismo. Um grupo de pessoas destruiu uma das estátuas que decoram a praça. O ato foi denunciado às autoridades locais, que estão tomando providências para evitar novos casos.



com o ponteiro, estando se passando pelo bairro. Foi o primeiro ponto de partida para o bairro de Curitiba. Foi o primeiro ponto de partida para o bairro de Curitiba. Foi o primeiro ponto de partida para o bairro de Curitiba.

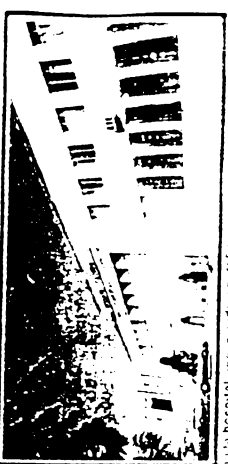
É neste bairro que está a Praça da Paz, inaugurada em 1954. Ela foi criada em homenagem a este povo que tanto fez por Curitiba. A Praça da Paz é um dos pontos turísticos do bairro. Ela é um dos pontos turísticos do bairro. Ela é um dos pontos turísticos do bairro.

Segundo fontes da Casa da Memória da Paz, a obra foi concluída em 1954. Ela é um dos pontos turísticos do bairro. Ela é um dos pontos turísticos do bairro. Ela é um dos pontos turísticos do bairro.

## Único heliponto da cidade

A Prefeitura de Curitiba possui um único heliponto na cidade. Ele está localizado no bairro de Curitiba. É o único heliponto da cidade. Ele é o único heliponto da cidade. Ele é o único heliponto da cidade.

O heliponto foi construído em 1954. Ele é um dos pontos turísticos do bairro. Ele é um dos pontos turísticos do bairro. Ele é um dos pontos turísticos do bairro.



O Hospital inaugurado em Curitiba, no bairro de Curitiba.

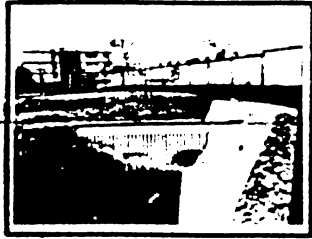
## Um colégio tradicional

Um dos colégios mais tradicionais do bairro é o Colégio São Judas Tadeu. Foi fundado em 1938. É um dos pontos turísticos do bairro. É um dos pontos turísticos do bairro. É um dos pontos turísticos do bairro.



O Colégio São Judas Tadeu, um dos pontos turísticos do bairro.

## Um colégio tradicional



A placa de bronze desapareceu.

vândalos. A placa de bronze que a identifica, e que trazia as informações sobre o homenageado, foi roubada. Só restou o pedestal.

### Souza Naves

cidade Morçenau. De muitas histórias, como todas as sociedades, ela também é um marco na vida política do Paraná. Conta-se que mais antigos que o senador Abílio de Souza Naves, quando era homenageado por um grupo de correligionários na disputa do governo do Paraná, em 1960, teve um enfarte e saiu morto do local.

Entre outros registros históricos, em 1939 o presidente Getúlio Vargas esteve nesta sociedade, acompanhado pelo interventor Mancel Ribas.

O primeiro presidente da Sociedade Morçenau, e também um de seus fundadores, foi Sérgio Basseti. Inicialmente ela funcionou em uma casa de madeira na Rua Schiller, com Herval. Em 1920 passou para a antiga Rua Guarani, que hoje tem o nome de Souza Naves.

Foi em 1951 que a atual sede foi construída. Hoje, sob o comando de seus presidentes, o Colégio oferece aulas para 150 alunos, e dispõe ainda para todos de muitas atividades, como a participação de um parque aquático, uma sede campestre no município de Piracurá, um buffet de temporada, os sábados, e bastante comemoração. Entre suas programações para a comunidade estão o Balaço e o Tor

Em 2 de junho de 1896 seis irmãs da Congregação das Religiosas de São José vieram da França com destino ao Brasil. Dom José Camargo Barros, o primeiro bispo do Paraná, convidou as seis a ocuparem a direção das Santas Casas de Curitiba e Paranaguá. Posteriormente, em 1º de janeiro de 1901, chegava ao Rio de Janeiro o vapor transatlântico "La Plati", que trazia aquela que seria a fundadora do Orfanato Cajuru, a reverenda Madre Leonie, juntamente com outras missionárias. Entre elas Mere Julia, que viria a ser diretora do Colégio de 1902 a 1962.

O Colégio N.S. de Lourdes é responsável pela formação de grande maioria de jovens de Curitiba e do interior do Paraná e Santa Catarina, na faixa de 30, 40, 50 e 60. Poucas foram as filhas de famílias tradicionais de Curitiba que não estudaram no Cajuru, que também possui o regime de internato e semi-internato.

Hoje o colégio continua em franca atividade. Do colégio apenas



Colégio Cajuru.

de meninas, tomou-se também para meninos e atende ao Jardim, I, II, III; ensino de 1º grau e oferece no 2º grau científico e magistério.

A gruta de N.S. de Lourdes que possui em seu magnífico pátio é muito visitada. É um local de paz e recolhimento.



Muitas pessoas visitam a gruta, onde os devotos rezam eoram.



o bairro do Cristo Rei – vizinho à rodovia – um dos bairros mais bem localizados da cidade.

Mas enquanto a Avenida BR-127 não chega, o bairro passa por uma mudança semelhante à que ocorre no Alto da XV e no Alto da Glória: muitas das residências, terras, localizadas no bairro estão virando escritórios e clínicas médicas. O Cristo Rei está ganhando uma conotação mais comercial”, afirma o diretor de vendas da imobiliária Gaivão, Gerson Carlos da Silva.

A divisão imobiliária da região, aliás, é um capítulo a parte. “Podemos dizer que é um bairro bem localizado e distribuído”, destaca Gerson Silva. As vias principais que cortam o Cristo Rei (como as avenidas Sete de Setembro, São José, Souza Neves, Afonso Camargo e Marechal Castelo Branco) concentram toda a infra-estrutura comercial, com lojas das mais diversas variedades. Já as ruas secundárias são mais tranquilas e reúnem casas e prédios de médio e alto padrão.

#### Qualidade de vida

As facilidades de acesso são outro atrativo da região. Sem grandes congestionamentos, o bairro reúne boas saídas para os quatro cantos da capital. O superintendente da imobiliária Apolar, Jean Michel Galiano, acrescenta à lista de atributos do Cristo Rei a qualidade de vida, principalmente pela proximidade com o parque Jardim Botânico. “É uma região muito interessante para se morar”, comenta.

Para quem não tem carro, existem boas opções de ônibus no Cristo Rei. O bairro faz parte do eixo Leste-Oeste do transpor-



O Cristo Rei é caracterizado por um perfil imobiliário eclético, que possui

### INDICADORES

	Cristo Rei	Curitiba
Área (hectares)	146,40	43.217,00
População total (2006)	3.325	1.686.648
Idade média da população (em anos)	31,08	29,33
Domicílios (2000)	6.175	242.212
Habitantes por domicílios (2000)	2,09	2,93
Média de área construída	104,40m <sup>2</sup>	65,74m <sup>2</sup>
Estabelecimentos comerciais (1999)	222	26.572
Indústrias (1999)	13	1.166
Prestadores de serviços (1999)	47	3.758
Nota de vendas (1998)	1.496	16.947
Veículos por habitante (1993)	0,57	0,50
Preços	4	18,1

→ Fonte: Prefeitura Municipal de Curitiba

te coletivo, que oferece várias opções com uma rápida ligação para o Centro. “A região é muito bem servida nesse quesito”, atesta o diretor da imobiliária LS Castro, Lindolfo Santos Castro.

Segundo ele, o Cristo Rei reúne uma boa “mistura” de residên-

cias. Por isso mesmo, o metro quadrado na região é valorizado, oscilando entre R\$ 750,00 e R\$ 950,00 para empreendimentos novos – dependendo da localização dentro do próprio bairro. Nos imóveis usados, é possível encontrar valores a partir de R\$ 450,00 o metro quadrado.

— SAMUEL ESTEVAN KEUNE

## HISTÓRIA

### Bairro teve vários nomes

Durante muitos anos, o atual Cristo Rei teve outros nomes. Atlas da Câmara Municipal e mapas do início do século XX determinam a localização como parte do bairro Caluza. Outro nome utilizado para identificar o Cristo Rei foi Vila Morgenau, que aparece na ata de fundação da Sociedade Morgenau, em 1913. Outros documentos da mesma época qualificavam a região como Casarima. A atual designação surgiu mais tarde, influenciada pela Igreja do Cristo Rei e pela linha de ônibus de mesmo nome, oficialmente, a denominação foi regulamentada em 1975, pelo Decreto 474, que instituiu a atual divisão de Curitiba.

# Neste bairro, tudo em ordem

Sua sede encontra-se no centro de Curitiba, o bairro de Cristo Rei, que muitas vezes é confundido com o próprio Catuaí, com quem faz divisa. É um dos que possui todos os equipamentos necessários para o bem-estar da vida repositiva. O bairro onde as residências são poucas, normalmente afastadas, arborizadas, luz, água, esgoto e telefones. Lá existem bancos, hospitais e outras instituições. Com uma área de apenas 47 hectares, possui uma das menores taxas de densidade demográfica do Brasil. Quando foi realizado o censo demográfico através do IBGE, possuía 1.176 habitantes, contra 2.163 que tinha em 1970.

O Cristo Rei realmente é confundido com o Catuaí. Quando uma pessoa residente em outro bairro vai até de local, muitas vezes diz que vai ao Catuaí, ou mesmo se referindo com pessoas

que vão ao Catuaí e dizem Cristo Rei. Para se poder tirar o bairro, considerá-lo como o seu próprio, é preciso ir até a Rua Almeida e Amaral e chegar à Avenida Nossa Senhora da Luz, sendo em um lado, como se diz, a Rua Almeida e Amaral e de outro a XV de Novembro. Contígua com os bairros do Catuaí, Tarumã, Capinema, Alto da Glória e centro da cidade.

Há menos de vinte anos, a maior parte do bairro de Cristo Rei era coberto por parreiras sendo que a maioria se transformou-se numa das mais belas áreas residenciais de Curitiba. O comércio é bom. Melhorou de educar anos para trás e o bairro conta com dois grandes estabelecimentos de ensino: o Colégio Nossa Senhora da Luz e a Escola Fundamental Cristo Rei. Há uma escola para a sede da tradicional Sociedade Morgenau e uma das primeiras escolas de esportes

de Curitiba, o Clube Morgenau, que funciona na 10ª andar.

No outro lado, mesmo o bairro sendo um dos melhores da cidade, a população tem dificuldade de fazer a dona Luíza Vieira de Almeida, residente na Rua Camões, próximo à Sociedade Morgenau, reclamar ao bairro nos últimos dez anos, quando são realizados debates, reuniões ou outras promoções naquela cidade. Na falta destas realizações, geralmente altas horas da madrugada, muitos jovens saem gritando e chutando portas de ferro. Outro problema que é reclamado é quanto a frequência de certos elementos no Jardim Ambiental existente no bairro. Tarde da noite, sempre são vistos maciçinhos e depredações dos equipamentos existentes naquela localidade.

## Velha controvérsia

Anda quanto a localização dos bairros Cristo Rei e Catuaí existem muitas controvérsias. O Colégio Nossa Senhora da Luz, conhecido como "O Catuaí", está no meio do caminho. Muitas pessoas dizem que vão ao Colégio Catuaí, no Cristo Rei. Mas, o que importa é o que representa este estabelecimento para a vida dos dois bairros. Numa data bem distante, no dia 23 de junho de 1894, seis irmãs da Congregação das Religiosas de São José partiram de Casa Mãe em Mariler na Savina, com destino ao Brasil. São José de Guarapari, o primeiro bispado do Paraná convidou as seis a ocuparem a direção das Santas Casas de Curitiba e Paranaguá.

Chegando em Paranaguá em 28 de junho do mesmo ano, foram logo recebidas no cargo destinado. Em contato imediato com a população, as irmãs da Casa de Santa Catarina a grande procura de jovens interessadas em seguir a vocação religiosa. Surgiu daí a necessidade de recrutar em suas irmãs da própria congregação a fim de dar-se início ao primeiro campo de evangelização. Vieram assim sucessivas através de todas as partes da Santa Casa.

O bispado Dom Caspary já tinha em mente fundar em sua cidade de São José na sua diocese com o intuito de continuar suas obras a esta congregação. Foi então adquirida, a pouca distância do centro, perto da via férrea uma elevação, um recanto magnífico. Era uma fazenda de 15 hectares, desconhecida e quase abandonada, na época única de uma nova fazenda de missionárias, que não tardou. Dia 17 de janeiro de 1901, chegava no Rio de Janeiro no vapor "Mansuetudo". Lá para cá, aquela que seria a fundadora do Orlatório Catuaí, a Reverenda Madre Luíza, juntamente com cinco outras missionárias, entre elas Mere Luíza, que viria a ser diretora do colégio de 1907 a 1962.

Entre dificuldades, o orfanato do Catuaí cresceu e se desenvolveu. Logo em seguida foi criado o noviciado Nossa Senhora de Lourdes, com algumas postulantes oriundas de vários Estados, como Santa Catarina, interior do Paraná e Minas Gerais que levavam no seu interior uma vida campestre e bem marcada. Surgiu no meio desta congregação em julho de 1902 a Casa Provisória, construída a custa de doações de cada uma das irmãs. Ao recebendo que chegou a Maria Augusta, padre Michel, cabia a tarefa de orientar e a fundadora. A Madre Luíza acumulava vários cargos, como a diretora, enfermeira, pedreira, carpinteira, jardineira e até cozinheira.

## O tradicional Cine

Um dos cinemas mais velhos de Curitiba, hoje talvez o mais antigo em funcionamento, é o Cine Alameda, situado no bairro Morgenau e durante muitos anos foi uma das melhores casas de recreação da cidade. Antes da época do cinema mudo, acompanhado pelo teatro, ficava em um prédio antigo, com arcos e lanternas, apresentando muitas dificuldades de manutenção. Na sua sede atual, inaugurada em 1936, o Cine Alameda, instalado na Rua Santa Catarina, mudou nos seus 40 anos de funcionamento.

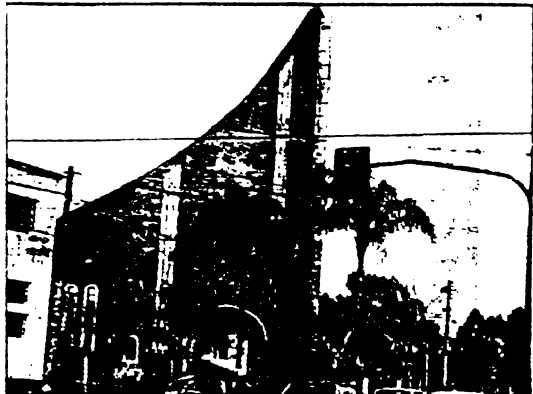
Muitas outras casas de espetáculos que foram criadas na época do cinema mudo não chegaram a ser usadas. Uma delas foi a "Cine Alameda", construída em 1910. A sua fundadora foi a Sr. Maria Augusta, mas para os seus proprietários não a usaram nem para o teatro, nem para o cinema. Foi abandonada e vendida para o Sr. Morgenau, que a doou para o município de Curitiba. A Sr. Augusta, que viveu em um campo de associados no bairro Morgenau. Desde sua fundação, em 1936, tornou-se uma das mais importantes do bairro. Na época de sua fundação, ela possuía uma sala de projeção, um bar e uma sala de recepção. Hoje, possui um salão de festas, uma sala de projeção, um bar e uma sala de recepção.

Na época de sua fundação, ela possuía uma sala de projeção, um bar e uma sala de recepção. Hoje, possui um salão de festas, uma sala de projeção, um bar e uma sala de recepção. Na época de sua fundação, ela possuía uma sala de projeção, um bar e uma sala de recepção. Hoje, possui um salão de festas, uma sala de projeção, um bar e uma sala de recepção.

Na época de sua fundação, ela possuía uma sala de projeção, um bar e uma sala de recepção. Hoje, possui um salão de festas, uma sala de projeção, um bar e uma sala de recepção. Na época de sua fundação, ela possuía uma sala de projeção, um bar e uma sala de recepção. Hoje, possui um salão de festas, uma sala de projeção, um bar e uma sala de recepção.

Na época de sua fundação, ela possuía uma sala de projeção, um bar e uma sala de recepção. Hoje, possui um salão de festas, uma sala de projeção, um bar e uma sala de recepção. Na época de sua fundação, ela possuía uma sala de projeção, um bar e uma sala de recepção. Hoje, possui um salão de festas, uma sala de projeção, um bar e uma sala de recepção.

## UMA IGREJA TRADICIONAL



A Igreja de São João das Taibas, uma tradição do bairro e de Curitiba.

## Religiosidade também presente

A religiosidade da população do Cristo Rei é baseada no grande e bonito templo da Igreja Católica existente no bairro. Hoje em dia, com a diversificação dos horários das missas, facilmente se vê frotas de agricultores nas portas das igrejas. Mas, no Cristo Rei é diferente. No domingo pela manhã, centenas de pessoas se dirigem para assistir à missa, num ato de fé que não ocorre em outros lugares. Embora o bairro seja um dos mais recentes de Curitiba, onde o progresso e o desenvolvimento chegaram na década de 20 anos, sua paróquia e suas atividades antigas da Arquidiocese da Curitiba.

Conheça o par. Paróquia do Cristo Rei, sua Igreja é denominada Santuário de São João das Taibas em virtude da devoção da população do bairro a esse apostolo. Os padres missionários, administradores da paróquia, logo que se estabeleceram não trataram apenas da assistência espiritual dos moradores do bairro. Procuraram situar a obra de seu fundador, São Vicente Pinheiro, na assistência social e na educação. Foi assim o Centro Social Cristo Rei que hoje, apesar de muitas pessoas.

## CONSTRUÇÃO

Em 20 de julho de 1936, no dia 20 deste mês completou 40 anos de existência a obra antiga, com um território pouco fértil, com poucas terras e muito trabalho. Sua construção era extensa e cobria as áreas que hoje são as paróquias de São João, Apóstolo, do Cordeiro, Nossa Senhora de Fátima, da BR 116, Tarumã e Nossa Senhora de Guadalupe, com sede na antiga Rua João Rinaldini. No dia 20 de julho de 1936, o templo da paróquia do Cristo Rei, construído em um terreno de 10 hectares, com um terreno de 10 hectares, com um terreno de 10 hectares.

## Morgenau, o ponto de encontro

Uma das mais antigas e tradicionais sociedades de bairro do bairro de Cristo Rei, a Sociedade Morgenau, fundada na Avenida Nossa Senhora da Luz, conhecida como a Rua Vitorino, foi fundada em 1918. Seu objetivo principal era a promoção da cultura e do bem-estar da comunidade. A sociedade foi fundada por um grupo de pessoas que se reuniam regularmente para discutir assuntos de interesse comum. A sociedade foi fundada por um grupo de pessoas que se reuniam regularmente para discutir assuntos de interesse comum.

Uma das mais antigas e tradicionais sociedades de bairro do bairro de Cristo Rei, a Sociedade Morgenau, fundada na Avenida Nossa Senhora da Luz, conhecida como a Rua Vitorino, foi fundada em 1918. Seu objetivo principal era a promoção da cultura e do bem-estar da comunidade. A sociedade foi fundada por um grupo de pessoas que se reuniam regularmente para discutir assuntos de interesse comum.

## MORTE DE SOUZA NAVES

Rebato foi a notícia da morte de um dos mais antigos moradores do bairro de Cristo Rei, o Sr. Souza Naves, que morreu em decorrência de uma doença prolongada. O Sr. Souza Naves foi um homem de grande caráter e foi muito querido por todos os que o conheceram. Ele nasceu em Curitiba em 1914 e faleceu em 1984. Sua família é muito conhecida e ele deixou muitos filhos e netos. Sua morte foi uma grande perda para a comunidade.

DIÁRIO DO PARANÁ

26/10/79

## *O matagal está invadindo também os bairros centrais*



Os problemas caminham dos bairros para o centro



O matagal na rua Reinoldino Schafenberg de Quadros.

A falta de manutenção das ruas é um problema que está caminhando dos bairros em direção ao centro da cidade. O matagal agora está sendo visto em todas as partes, como é o caso do Cristo Rei. Um dos exemplos mais gritantes é a rua Reinoldino Schafenberg de Quadros, onde existem belas residências e um nível de vida dos mais elevados. Esta rua está completamente tomada pelo matagal, que forma uma espécie de cinturão verde, mas de ervas daninhas, tirando o brilho do belo aspecto da região.

Foto: Carlos Costa.

Os moradores do Cristo Rei, um bairro também de alto estilo, estão solicitando das autoridades municipais um pouco mais de boa vontade. Que os vereadores também se preocupem com o bairro, para que possam justificar as promessas feitas durante a campanha eleitoral.

Além disso, os males do bairro também são os mesmos dos demais, como a falta de segurança, um policiamento mais extensivo principalmente à noite, quando a marçanã da cidade fica rondando as residências, a espera de uma chance de penetrar e roubar.

Matagal do Cristo Rei  
02/02/88

## CRISTO REI

### *Maconheiros ainda estão presentes no Ambiental II*



O matagal sempre presente.

As denúncias sobre a má utilização do Jardim Ambiental II, feitas pelo DIÁRIO DO PARANÁ, na semana passada, ainda não foram verificadas pela Prefeitura Municipal e demais autoridades responsáveis. Moças e rapazes do bairro do Cristo Rei, reclamaram-se de que não podem permanecer no Jardim Ambiental, devido a falta de segurança, pela presença de um grande número de maconheiros, que escolheu aquele local para fazer suas festinhas. O problema é grave, porque o Jardim Ambiental foi projetado e construído com outra finalidade, ou seja, a de proporcionar um pouco mais de lazer para a população que reside na região.

As reclamações sobre os problemas com as ruas do Cristo Rei também não foram ouvidas. O matagal, em determinadas áreas, os depósitos de lixo e a falta de segurança, continuam a intranquilizar a população deste bairro central, que abriga uma população de bom nível, e que precisa ter o tratamento que realmente merece.

A maioria das pessoas diz que o bairro é muito bom. Tem tudo o que é necessário para se ter uma vida normal. Mas a maioria afirma também que esses benefícios têm que ser preservados, e que não é só o centro da cidade que merece uma melhor atenção.

Portanto, o apelo da população é novamente renovado, e todos esperam que a Prefeitura, e seus departamentos, tratem deste assunto o mais rapidamente possível.

JORNAL DOS BARRETES

05 de março de 1977

## Cristo Rei

No bairro do Cristo Rei, próximo a fozes da praia do mesmo nome, a situação não anda das melhores. Além disso, que a entrada de ferro cruza o bairro e a puns moradores que não contra a fogueira depositam lixo as laterais da linha do trem, criando um sério e provocando assim uma grande produção de ratos que a cada dia está crescendo assustadoramente. Além disso, tem o mau cheiro que se produz e que pode até vir a causar doenças na população e os este sintomas característicos pode ser sentido de ser a mesma que se tem na mata do Cristo Rei e ratos e outros vários pebaes cujas suas da refonjeza.

No entanto, fomos informados por moradores da região que o serviço de coleta de lixo chega a passar pelo bairro até quatro vezes por semana e que a possibilidade de reclamar sobre a limpeza pública. Aí que parece muita gente ainda não aprendeu que não pode se jogar em qualquer lugar. Devemos ser os seus cursos de higiene nos bairros para que a população cooperasse com o serviço de limpeza pública e também que fossem a levada educada às suas casas. Queremos uma cidade limpa.

Novo de Crana

28 09 25

# CRISTO REI



## Os moradores são unidos, já possuem o navio da fé

Para conhecer o bairro Cristo Rei, é fácil basta sair de frente a estação Rodoferroviária, como ponto de referência, entrar na avenida Presidente Afonso Camargo e subir até a avenida, que muda de nome para Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, no cruzamento com a rua 15 de Novembro, tocar à esquerda e descer indo à rua Germano Mayer, entrar à esquerda até a rua Visconde de Guarapuava, quando chegar na rua José de Alencar, entrar à esquerda e "JFA" - então, voltar ao ponto de partida.

Se pretende fazer todo este trajeto novamente e começar pela rua José de Alencar, é obrigatório pela direita.

Não é exageração de se dizer "apressado" e sim toda delimitação do bairro que poucos conhecem pelo nome, chamam-no de Alto da Quinta, Baruru e até mesmo de Huo Lunai, esquecem que seu nome é oficialmente cadastrado pelo Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano do Curitiba como bairro **CRISTO REI**.

Em relação à sua área, com o número de moradores, pode ser considerado um bairro bem populoso, sua extensão é uma das

menores, 120 hectares, com uma população aproximada de seis mil habitantes que ocupam mais de um milhão de metros quadrados. Por ser nesta proporção reduzida de área, o bairro é organizado. Existe infra-estrutura, suas ruas são quase todas asfaltadas, as ruas não estão na conservação adequada.

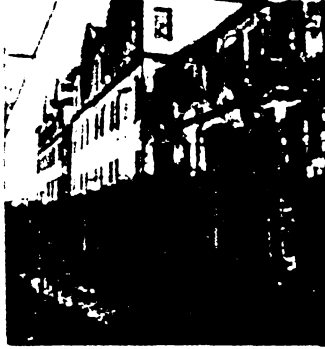
Embora pouco conhecido, é ocupado residencialmente por líderes empresariais, grandes comerciantes, altos funcionários públicos do Governo do Estado e da União, médicos, engenheiros e religiosos, um padrão elevado dos habitantes, chega a ser um bairro residencial independente, constituído de belas miradas e lindos edifícios.

Por ter moradias de estilos diferentes, também diferente é a igreja de São Lucas, Igreja que congrega os fiéis do bairro. Seu formato é de navio, fazendo lembrar uma grande arca, quem sabe a de Noé com a finalidade de abrigar as boas espécies humanas desta turbulência que anda assolando a humanidade. De outro modo a edificação denota melhor funcionalidade, a que se

propõe. Tem, embeza nas linhas arquitetônicas, um certo monumentalismo, porém não é

O bairro que era antigamente coberto por parrerais, transformou-se em menos de 20 anos numa zona residencial das mais belas. Os problemas, existem, como em qualquer bairro que acompanha o progresso, só que no Cristo Rei, os moradores são unidos e vivem em completa harmonia, quando aparece um problema, tentam resolvê-lo da melhor maneira, entre os próprios moradores, isto é, recorrem em grupo aos responsáveis pelo problema que lhes atinge. E





Conta atualmente com dois grandes estabelecimentos de ensino, o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, um dos marcos da história do ensino em Curitiba, e a Escola Fundamental Cristo Rei.

que é, atualmente, através de uma comissão formada entre os próprios moradores, e pelo atendimento das respectivas demandas, que eles atendem, finalmente, suas demandas.

As prioridades, neste caso, são: a) a melhoria do sistema de coleta de lixo; b) a melhoria do sistema de saneamento básico; c) a melhoria do sistema de transporte público; d) a melhoria do sistema de segurança pública; e) a melhoria do sistema de saúde.

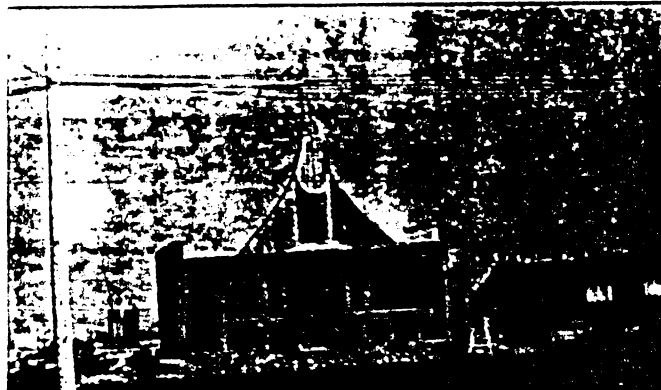
Quanto ao Mercado Antão, bastou chegar em Curitiba para novamente chamar unicamente a atenção para o problema de saneamento básico, que já havia sido tratado anteriormente. Apesar da empresa Nossa Senhora de Lourdes estar arretando o trabalho de saneamento, a Prefeitura Municipal, através do Departamento de Saneamento, tem feito um trabalho de melhoria do sistema de saneamento básico, tanto quanto a cobrir os buracos e a melhorar as condições de saneamento desta empresa.

Os moradores, perante a municipalidade, têm especificamente a nos fazer um atendimento normal, condente com a realidade, e a não ser que não possam.

O problema que acho insolvível no momento é este: o dos nossos ônibus coletivos.



O bairro Cristo Rei nasceu planejado. De loteamento feito pela Sociedade Brasileira Cultural e Caritativa São José, começaram as construções de moradias. Hoje, uma zona bem residencial.



O bairro conta com a Praça da Polónia, "dos poloneses e brasileiros em homenagem a Curitiba". Inaugurada em 15 de novembro de 1964. De Fórum Polónia, berço do genial Nicolau Copérnico.

CRISTO REI

# CRISTO REI



1900 - Cajuru. O edifício central e os demais edifícios.

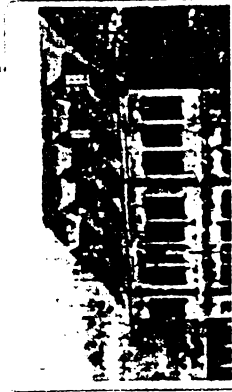


Vista das fundações, a casa e o cemitério de referência.

*Mãe Léonie: Uma vida e 16 fundações*

## As irmãs do Cajuru chegam no "La Plata" 1.º de janeiro de 1901

As irmãs do Cajuru chegaram ao "La Plata" em 1.º de janeiro de 1901. Elas vieram com a Mãe Léonie e com as irmãs de referência. Elas foram recebidas pelo Sr. ...



As irmãs do Cajuru chegaram ao "La Plata" em 1.º de janeiro de 1901. Elas vieram com a Mãe Léonie e com as irmãs de referência. Elas foram recebidas pelo Sr. ...



# Sociedade Morgenau: Jogos confraternizam gerações

Cristo Rei

Com o intuito de proporcionar aos seus membros e familiares um momento de recreio e confraternização, a Sociedade Morgenau realizou, no dia 10 de maio, uma série de jogos esportivos em seu campo de futebol, situado no bairro de Cristo Rei.

As partidas foram disputadas entre as equipes de futebol masculino e feminino, além de jogos de vôlei e basquete. A presença de familiares e amigos tornou o evento ainda mais agradável e confraternizador.

Os jogos foram realizados em um campo bem cuidado e cercado por uma grade de proteção. A organização foi feita com muita eficiência, proporcionando a todos um excelente momento de lazer e recreio.

Após os jogos, houve um churrasco e um momento de confraternização com todos os presentes. A Sociedade Morgenau agradece a todos que compareceram ao evento e se compromete a realizar outras atividades semelhantes no futuro.



A Comissão de Futebol da Sociedade prepara detalhes de jogos para esse esporte.



Alguns dos jogadores assistem ao primeiro lanceamento de futebol.



Formada por italianos, a Sociedade Morgenau é uma instituição a todos os brasileiros que vivem no bairro.



Professores assistem ao jogo que se disputa no futebol.



Uma reprodução de Portugal, nos bairros de Cristo Rei, foi o tema de uma exposição que se realizou no dia 10 de maio, no salão de festas da Sociedade Morgenau.

A exposição, que foi montada por um grupo de artistas locais, retratou a paisagem e a arquitetura de Portugal, com destaque para o estilo manuelino.

Os visitantes puderam apreciar uma série de pinturas e esculturas que retratavam a história e a cultura portuguesa. A exposição foi muito bem recebida e atraiu um grande número de pessoas.

A Sociedade Morgenau agradece a todos que participaram da exposição e se compromete a realizar outras atividades culturais no futuro.



Um momento de recreio no campo de futebol da Sociedade.



Os jogadores da comissão de futebol se reúnem para discutir o jogo.



Alguns dos jogadores assistem ao primeiro lanceamento de futebol.

vade cedo as moças se revelam boas atletas.

As partidas são disputadas exclusivamente com o maior respeito.

# Nela morreu Souza Naves durante uma homenagem

A Sociedade Morgenau, localizada na Avenida Beza Naves esquina com rua Campos, no bairro do Cristo Rei, é uma das mais antigas de Curitiba. Fundada por italiano em 1918, primeiramente em 1 de fevereiro com a denominação de União Recreativa e Recreativa converteu esse nome em 1923 quando passou a ser conhecida como Sociedade Recreativa e Recreativa da Morgenau em homenagem a seu fundador. Em 1948 passou a ser denominada simplesmente Sociedade Morgenau.

Fundada com a finalidade de assistir aos associados na enfermidade e no falecimento, seus objetivos são conservados até hoje, com uma assistência agora mais ampliada. Foi seu fundador e primeiro presidente Sérgio Ribas, sendo que de seus companheiros, apenas João Paulo Casagrande ainda vive. Inicialmente, desenvolveu em uma casa de rua de trás da rua Schiller com Herval. Por volta de 1920 mudou para a antiga rua Curuzú, hoje Avenida João de Deus, com rua Cláudia. Em 1951, que a sede foi construída em ma-

ria, sendo que em 1948 passou por uma remodelação e agora será inaugurada a obra.

A Sociedade mantém até recentemente o Boleo Esportivo Morgenau, de caráter profissional. Mas as despesas que se fazem para manter a mesma são obrigadas a suspender. Então a diretoria resolveu adquirir o Boleo e com o dinheiro construir um ginásio para atender mais seus associados. Com a extinção do Boleo a Sociedade ficou com uma área de 3 mil metros quadrados. A construída é de 1 mil e 400 metros quadrados. Na área livre agora será edificada um centro esportivo com a construção de uma cancha de pedras, basquete e outros jogos infantis e para adultos, uma pequena sede social com bosque e churrasqueiras.

Seu quadro associativo hoje é de 4.154 associados, mas pertencem a ela mais de 18 mil pessoas, entre associados e dependentes. Seu atual presidente, Nereu de Aguiar Pinho, tem como secretário, Emerson Tiradentes de Souza. Durante a sua gestão de fundação, já passaram pela

presidência do Clube, 14 cidadãos.

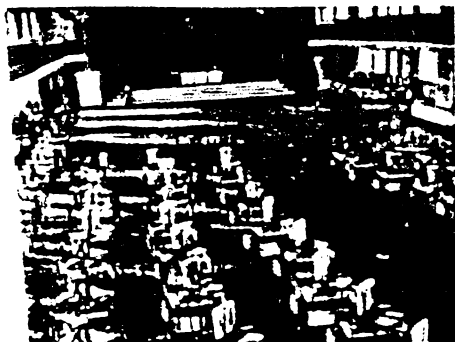
Emerson Tiradentes de Souza conta que a sede da sociedade está agora remodelada com a ampliação do local e outras melhorias. Foi então o maior de Curitiba, pois construído em 1923. Na carruagem deste ano 8 mil pessoas ocuparam o salão em uma só noite, ainda com falta de espaço. Desde os tempos que foi a Sociedade guarda, uma vez a secretaria do Clube existida para todos com muita vontade. E a sede de Beza de Curitiba, conquistada em 1954 por uma das moças da entidade.

Reduto de políticos da atualidade também o foi no passado. Emerson conta que nos salões do clube se viu o senador Souza Naves morto quando era homenageado por uma grande massa popular de operários na disputa do Governo do Estado. O presidente Getúlio Vargas já esteve também por volta de 1939, acompanhado pelo interventor de Paraná, Manoel Ribas. Governadores que o sucederam todos visitaram a Sociedade Morgenau. Prefeitos de Curitiba também frequentaram a Sociedade, principalmente pelo tempo que a

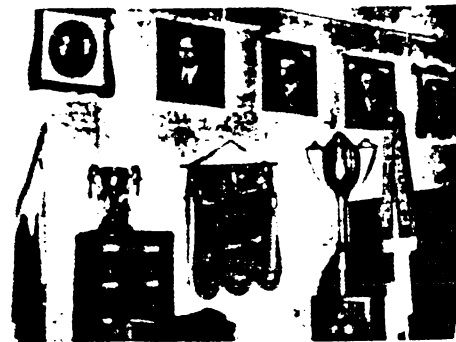
Sociedade oferece todas as 16 horas e domingos.

A Sociedade foi maior proponente para o progresso do bairro do Cristo Rei. Na sua fundação eram poucas as concessões, tudo ainda estava por conquistar, por isso foi no clube que nasceu o primeiro clube de Curitiba, hoje Clube Morgenau, localizado na rua Schiller, construído em 1918, mas antes, sede de esportistas do Paraná.

Se ela contribuiu para o progresso do bairro na época, continua hoje atendendo de no que se faz necessário. Atividades de esportes locais são feitas através da entidade. Quando uma iniciativa é tomada a Sociedade vai em auxílio. Assim foi com as instalações de um centro de bairro, para a criação da Paróquia do Cristo Rei para a Construção do Santuário de São João Teodoro, para o equipamento de rua e instalação de água e esgoto. A medida que o bairro vai crescendo a Sociedade Morgenau também vai se expandindo com a remodelação de sua sede social e a construção de um grande centro recreativo e social.



Salão da Sociedade e um dos salões de Curitiba, construído com escuria.



Entre ex-presidentes, bandeiras e flâmulas, a taça é Beza de Curitiba.

# CRISTO REI

*Cristo Rei continua precisando de ajuda*



Rua Fernando Amare: mata-gal e lixo.

Os moradores do bairro Cristo Rei continuam aguardando que a Prefeitura tome providências urgentes no sentido de melhorar a qualidade de vida no local. Inexplicavelmente, esse importante bairro da cidade está sendo relegado a um segundo plano por parte das autoridades municipais. Os problemas são de ordem geral e começam pela falta de segurança, principalmente para as crianças que frequentam as escolas.

Esse problema é dos mais graves, à que o bairro está se desestruturando rapidamente e os esforços de segurança não estão acompanhando esse progresso. A falta de um policiamento mais intenso está tornando insustentável a vida do bairro do Cristo Rei, que é formado por uma grande massa trabalhadora.

A comissão de moradores do bairro deverá visitar nos próximos dias as autoridades municipais para tentar resolver os seus problemas. Deverão entrar em contato inicialmente com os vereadores na Câmara Municipal para saber quais são as próximas ações. A esta sendo encaminhado esse caso com a intenção de apresentar sugestões aos representantes do povo no sentido de que suas reivindicações sejam finalmente ouvidas e atendidas pelo Prefeito Municipal.

Terios Andrade, morador no bairro, é de opinião de que medidas urgentes deverão ser tomadas por parte das autoridades.

Caso que no bairro existe um bom número de terrenos baldios local onde se agrupam marginais e desocupados, tomando-se em constante ameaças para os moradores do local. Esse problema tem de ser resolvido com urgência - disse. Caso contrário não teremos mais tranqüidade para enviar nossos filhos para as escolas, o que é mais importante.

Rosa Lucia dos Santos é mãe preocupada com a segurança dos seus filhos, exatamente pelo mesmo tipo de problema. Disse esperar que as autoridades tomem providências urgentes para que possa ficar tranqüila fazendo o serviço doméstico enquanto seu marido e seus filhos estão na escola e no trabalho.



Rua Schiller: esgoto e mata-gal.

## Rio será canalizado

A Prefeitura Municipal canalizará os dutos e construirá um duto de 200 metros de extensão de margem direita do rio Juazeiro, compreendendo a área da Favela Cosme e Damião e Atala Bônio.

As obras serão em concreto armado e compreenderão também a redução do córrego para um canal de três por dois metros de largura.

Os trabalhos que a Prefeitura desenvolverá naquele setor, com o nome marcado para dentro de dez dias, são parte integrante da canalização projetada para o rio Juazeiro no trecho compreendido entre as ruas Moraes Marcondes e Schuler, com aproximadamente 100 metros de extensão.

Enquanto isso, encontram-se em fase de conclusão os serviços relativos à canalização daquele curso d'água nas favelas das ruas Atala Bônio e Antônio Roliver na Região Nacional de Habitação, encontra-se em projeto que prevê a canalização do traço Leste, trecho que vai da rua Augusto Strasser até a quadra 100000. O IANH está analisando o projeto e, em seguida, a canalização. Atualmente as obras são concluídas.

### Cristo Rei





Cristo Rei



# O bairro é rico e central mas não ficou livre das favelas

Um bairro rico e central, com uma das melhores escolas do Rio de Janeiro, não conseguiu escapar da favelização. O bairro de Cristo Rei, situado no alto de um morro, é considerado um dos mais ricos e seguros da cidade. No entanto, a falta de planejamento urbano e a pressão imobiliária levaram à construção de favelas em áreas não destinadas para isso.



Favela construída em terreno não destinado para isso

Em Cristo Rei, a favela se desenvolveu em áreas não destinadas para isso, ocupando terrenos de propriedade particular. A falta de fiscalização e o crescimento desordenado da cidade contribuíram para a formação desta comunidade.

A favela de Cristo Rei é considerada uma das mais modernas e seguras da cidade. Apesar de ser uma favela, ela possui infraestrutura adequada, incluindo água encanada, esgoto e energia elétrica. Isso se deve ao alto valor imobiliário da região e ao cuidado dos proprietários.

Apesar de ser considerado um dos bairros mais ricos da cidade, Cristo Rei não conseguiu escapar da favelização. A falta de planejamento urbano e a pressão imobiliária levaram à construção de favelas em áreas não destinadas para isso.

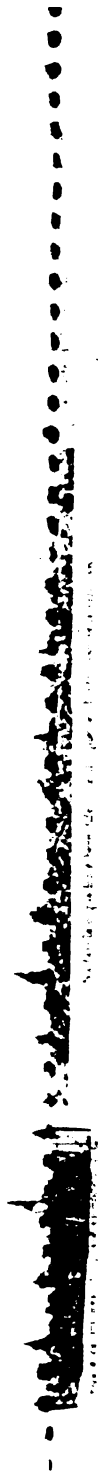


Favela de Cristo Rei



Favela de Cristo Rei

A favela de Cristo Rei é considerada uma das mais modernas e seguras da cidade. Apesar de ser uma favela, ela possui infraestrutura adequada, incluindo água encanada, esgoto e energia elétrica. Isso se deve ao alto valor imobiliário da região e ao cuidado dos proprietários.



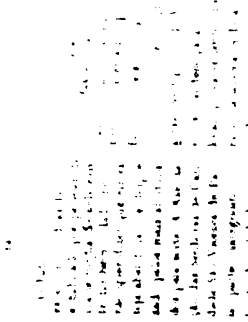
Em São Paulo, a favela de Santa Cruz, com suas ruas estreitas e casas de madeira.



Uma rua movimentada em São Paulo, com lojas e pessoas caminhando.



Um prédio de apartamentos em São Paulo, com varandas e janelas.



Um edifício histórico em São Paulo, com arquitetura clássica.



Uma mulher em uma rua movimentada em São Paulo.



Festa de São João em São Paulo, com muita gente e música.

# Outros problemas preocupam os moradores do Cristo Rei

Além da falta de saneamento básico, os moradores do Cristo Rei também se preocupam com a falta de serviços públicos e a insegurança pública. Segundo o presidente do Conselho Comunitário, João Carlos de Jesus, a situação é precária e precisa ser melhorada.

Um dos principais problemas é a falta de água potável. Muitas famílias não têm acesso a água encanada e precisam buscar água em locais distantes. Além disso, a falta de coleta de lixo gera problemas de higiene e saúde pública.

A insegurança também é uma grande preocupação. Há relatos de roubos e furtos frequentes na região, o que gera medo e desconfiança entre os moradores. A falta de iluminação pública e a ausência de policiamento regular agravam a situação.

Outros problemas incluem a falta de escolas e centros de saúde. Muitos moradores precisam viajar para outras partes da cidade para acessar esses serviços essenciais. A falta de transporte público adequado também dificulta o acesso a esses locais.

Apesar das dificuldades, os moradores do Cristo Rei não desistiram de lutar por melhorias. Eles continuam organizando comitês e realizando reuniões com as autoridades locais para cobrar ações e investimentos na região.



Um prédio de apartamentos em São Paulo, com varandas e janelas.



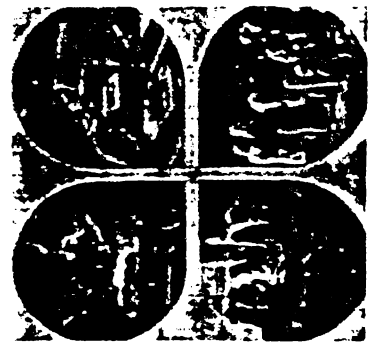
Um prédio de apartamentos em São Paulo, com varandas e janelas.



Um prédio de apartamentos em São Paulo, com varandas e janelas.



# O bairro é recente mas a paróquia foi criada em 36



Na Cua Paróquia da Igreja de Cristo Rei há 36 anos há um plano para futuro da paróquia.

Paróquia de Cristo Rei, criada em 1936, comemorou ontem o aniversário de 36 anos de sua criação. O padre João de Deus, pároco da paróquia, falou sobre a importância da paróquia para o bairro e sobre o plano para o futuro da paróquia.

Na ocasião, o padre João de Deus falou sobre a importância da paróquia para o bairro e sobre o plano para o futuro da paróquia. Ele mencionou que a paróquia foi criada em 1936 e que desde então tem sido um ponto de encontro para os fiéis do bairro.

O plano para o futuro da paróquia inclui a construção de uma nova igreja, a criação de mais grupos de oração e a realização de mais eventos comunitários. O padre João de Deus também mencionou que a paróquia tem sido muito ativa em trabalhos sociais e de caridade.



Uma igreja de Cristo Rei, localizada na paróquia de Cristo Rei, no bairro de São João.



Um momento da celebração eucarística na Cua Paróquia de Cristo Rei.

## Nos casos desesperados São



Em casos desesperados, os serviços sociais da paróquia de Cristo Rei oferecem apoio e assistência aos fiéis. O padre João de Deus mencionou que a paróquia tem sido muito ativa em trabalhos sociais e de caridade, especialmente em casos de necessidade imediata.

O padre João de Deus também mencionou que a paróquia tem sido muito ativa em trabalhos sociais e de caridade, especialmente em casos de necessidade imediata. Ele mencionou que a paróquia oferece apoio psicológico e financeiro para os fiéis em situação de vulnerabilidade.

Além disso, a paróquia também oferece cursos e atividades para os fiéis, visando a formação e o crescimento espiritual. O padre João de Deus mencionou que a paróquia tem sido muito ativa em trabalhos sociais e de caridade, especialmente em casos de necessidade imediata.

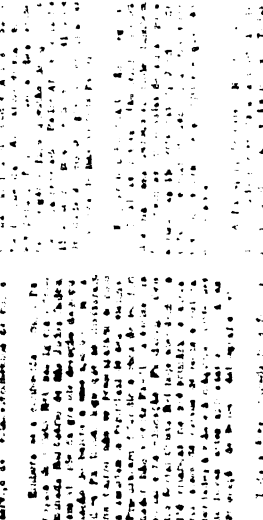


Na Casa Especiosa de Igreja de Cristo Rei da cidade de São Paulo, o padre Tadeu, parabeniza os alunos.



Na Casa Especiosa de Igreja de Cristo Rei da cidade de São Paulo, o padre Tadeu, parabeniza os alunos.

Na Casa Especiosa de Igreja de Cristo Rei da cidade de São Paulo, o padre Tadeu, parabeniza os alunos.



Na Casa Especiosa de Igreja de Cristo Rei da cidade de São Paulo, o padre Tadeu, parabeniza os alunos.

# Nos casos desesperados São Judas Tadeu vem em socorro



A sede da casa de São Judas Tadeu em São Paulo desde 1913.

A Associação de São Judas Tadeu, fundada em 1913, tem como finalidade prestar assistência aos necessitados da cidade de São Paulo. O trabalho é desenvolvido através de uma rede de casas de acolhimento, onde os pobres encontram abrigo e alimentação. A entidade também oferece cursos de alfabetização e profissionalização para os seus membros. Atualmente, a Associação conta com mais de 100 casas espalhadas por toda a cidade, atendendo a milhares de pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Em 1913, em São Paulo, foi fundada a Associação de São Judas Tadeu, com o objetivo de prestar assistência aos necessitados da cidade. A entidade foi criada por um grupo de jovens católicos que buscavam ajudar os mais pobres da comunidade. Desde então, a Associação tem se expandido, tornando-se uma das maiores instituições de assistência social da cidade de São Paulo.

Atualmente, a Associação de São Judas Tadeu presta assistência a milhares de pessoas em situação de vulnerabilidade social. O trabalho é desenvolvido através de uma rede de casas de acolhimento, onde os pobres encontram abrigo e alimentação. A entidade também oferece cursos de alfabetização e profissionalização para os seus membros.

Desde a sua fundação em 1913, a Associação de São Judas Tadeu tem se dedicado a prestar assistência aos necessitados da cidade de São Paulo. O trabalho é desenvolvido através de uma rede de casas de acolhimento, onde os pobres encontram abrigo e alimentação. A entidade também oferece cursos de alfabetização e profissionalização para os seus membros.



Padre Almeida, vigário da Paróquia de Cristo Rei, assiste em religioso de São Judas Tadeu.

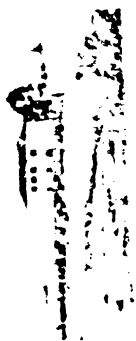
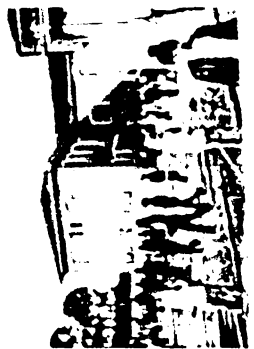
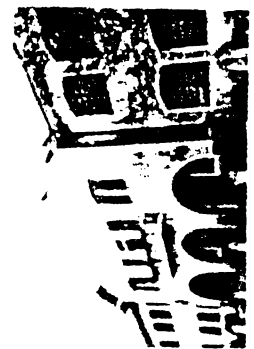
# Um bairro onde 50 por cento de sua população é estudante



CRISTÓBAL



Um bairro onde 50 por cento de sua população é estudante. O bairro de Cristóbal, em Bogotá, é conhecido por sua alta concentração de estudantes universitários. A paisagem urbana é caracterizada por edifícios modernos e áreas verdes. A infraestrutura é planejada para atender às necessidades da comunidade acadêmica, com transporte público eficiente e espaços de convivência. A diversidade cultural e o dinamismo do bairro refletem o papel central da educação na sua identidade.

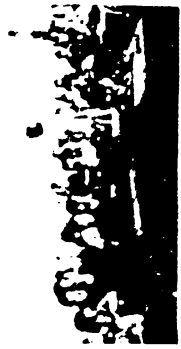




Um grupo de pessoas em frente a uma loja de roupas em São Paulo.



Um edifício monumental em São Paulo.



Uma fila de pessoas em uma rua movimentada.

## Uma avenida perigosa

Uma avenida movimentada em São Paulo, com muitos carros e pedestres. A rua é larga e tem muitas árvores ao longo das calçadas.

Um grupo de pessoas em frente a uma loja de roupas em São Paulo. As pessoas estão olhando para as vitrines e conversando.

Um edifício monumental em São Paulo. O prédio é muito alto e tem uma torre no topo. Está situado em uma área urbana muito movimentada.

Uma fila de pessoas em uma rua movimentada. As pessoas estão esperando em uma fila para entrar em uma loja ou para comprar algo.

Um grupo de pessoas em frente a uma loja de roupas em São Paulo. As pessoas estão olhando para as vitrines e conversando.

Um edifício monumental em São Paulo. O prédio é muito alto e tem uma torre no topo. Está situado em uma área urbana muito movimentada.



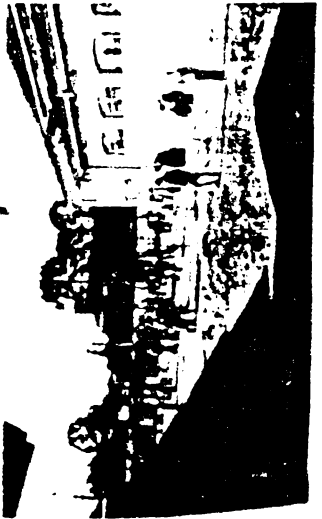
Uma avenida movimentada em São Paulo, com muitos carros e pedestres.



Uma fila de pessoas em uma rua movimentada.

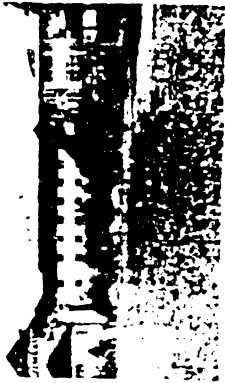


Uma fila de pessoas em uma rua movimentada.



Uma avenida movimentada em São Paulo, com muitos carros e pedestres.

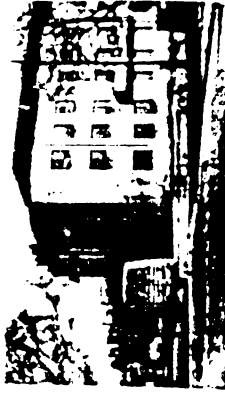




Atividade de recreamento dos alunos da escola de ensino fundamental de São Carlos.



Atividade de recreação dos alunos da escola de ensino fundamental de São Carlos.



Atividade de recreação dos alunos da escola de ensino fundamental de São Carlos.

# Uma Sociedade levou cultura e caridade ao bairro do Cristo

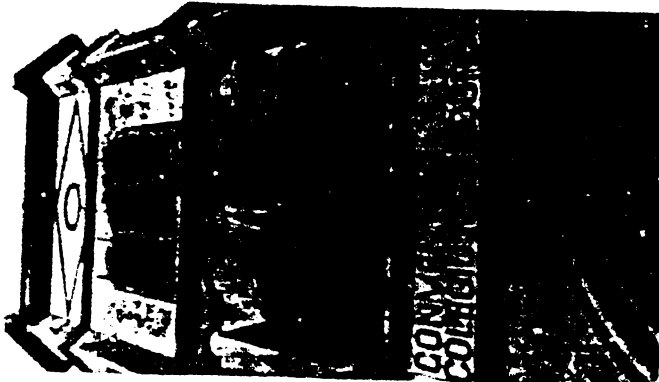
Para quem não conhece o bairro do Cristo, em São Carlos, vale a pena conhecer o trabalho desenvolvido pela Sociedade de Cultura e Caridade de São Carlos, entidade que atua há mais de 20 anos no bairro, promovendo atividades culturais e sociais para a população local.

A Sociedade de Cultura e Caridade de São Carlos, fundada em 1968, é uma entidade sem fins lucrativos, cujo objetivo é promover a cultura e a caridade no bairro do Cristo. A entidade atua em diversas áreas, incluindo a organização de eventos culturais, a realização de cursos e oficinas, e a prestação de serviços sociais para a população local.

Uma das principais atividades da Sociedade é a organização de eventos culturais, como shows, concertos e peças teatrais. Esses eventos são realizados em um espaço próprio, o Teatro do Cristo, que foi construído e mantido pela entidade. Além disso, a Sociedade também promove a realização de cursos e oficinas, como aulas de dança, música e teatro, visando à formação e ao desenvolvimento da comunidade.

Além das atividades culturais, a Sociedade também presta serviços sociais para a população local. Isso inclui a organização de eventos beneficentes, a realização de campanhas de arrecadação de recursos e a prestação de assistência social para pessoas em situação de vulnerabilidade.

A Sociedade de Cultura e Caridade de São Carlos é uma entidade que atua de forma dedicada e comprometida com o desenvolvimento do bairro do Cristo. Seu trabalho é essencial para a promoção da cultura e da caridade na comunidade, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida da população local.



Os alunos da Comissão de Teatro, em 1973, no bairro do Cristo.



## Paróquia de Cristo Rei

**Origem histórica** — O bairro do Cajuru vinha sendo atendido pelo zeloso Capelão do Colégio do Cajuru, Mons. Maurício Dunand.

Aos 20 de julho de 1936, D. Atílio Eusebio da Rocha encarrega o Pe. Germano Mayer, sacerdote palotino, de organizar a paróquia do Bairro do Cajuru.

A pedido do Sr. Arcebispo, a Superiora Provincial das Irmãs de S. José, Madre Leonie, fez doação de uma área de terreno a rua Goethe para a construção da Matriz, casa paroquial e edifício das Associações.

**Igreja e paróquia** — Apesar dos poucos recursos financeiros, como narra a crônica, lançou-se a pedra fundamental da Igreja provisória de Cristo Rei, aos 27 de dezembro de 1936, terminando-se a construção no fim do ano seguinte. Pelo Decreto de 2 de dezembro de 1937, D. Atílio Eusebio da Rocha criou e instalava a paróquia de Cristo Rei. Abrangia então um território extenso e pouco habitado, onde, se em 1237 havia terrenos baldios e brejos, há hoje ruas asfaltadas.



Igreja matriz de Cristo Rei e casa paroquial

**Vigário** — O primeiro vigário, Padre Germano Mayer, S. A. C., organizou várias associações paroquiais: Cruzada Eucarística, Congregação Mariana, Aposto-lica, Oração Pia União das Filhas de Maria e Conferência de São Vicente de Paulo de São Judas Tadeu.

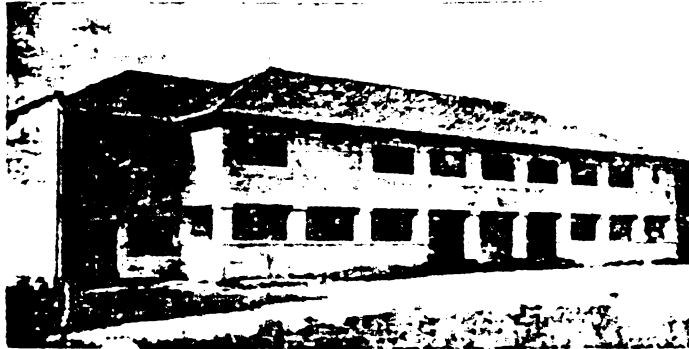
**Devocão a São Judas Tadeu** — Quando em todo o país tomava vulto a devoção a São Judas Tadeu, em Curitiba, na Paróquia de Cristo Rei, já o Pe. Mayer a incrementava.

Em 1937, foi a lume o pequeno Devocionario de S. Judas Tadeu, da autoria do Sr. André G. Ribeiro.

A 1.ª edição de 1938 foi transportada processionalmente a Imagem de São Judas Tadeu, na residência do Prof. Francisco de G. Ribeiro.

Por ocasião da festa no 1.º minuto do mês de Julho e no último domingo do mês, os paroquianos vêm venerar a reliquia "os ossos" de São Judas Tadeu.

**Santa Paróquia** — O Revmo. Pe. Germano conseguiu edificar o prédio paroquial, onde se encontram, além do para pastor, biblioteca, etc.



Paroquia de Cristo Rey, construída pelo Pe. Germano Mayer inaugurada em 1934

O Sr. Germano Mayer, sacerdote da Arquidiocese de Curitiba, nasceu em Curitiba em 1894. Foi ordenado sacerdote em 1918. Foi professor de Filosofia e Teologia no Colégio de São João Batista em Curitiba. Foi diretor do Colégio de São João Batista em Curitiba. Foi diretor do Colégio de São João Batista em Curitiba. Foi diretor do Colégio de São João Batista em Curitiba.

#### MEMÓRIAS DOS VIGÁRIOS

GERMANO MAYER, Pe.

1934 - 1935

1935 - 1936

1936 - 1937

1937 - 1938

1938 - 1939

1939 - 1940

1940 - 1941

1941 - 1942

1942 - 1943

1943 - 1944

1944 - 1945

1945 - 1946

1946 - 1947

1947 - 1948

1948 - 1949

1949 - 1950

1950 - 1951

1951 - 1952

1952 - 1953

1953 - 1954

1954 - 1955

1955 - 1956

1956 - 1957

1957 - 1958

1958 - 1959

1959 - 1960

1960 - 1961

1961 - 1962

1962 - 1963

1963 - 1964

1964 - 1965

1965 - 1966

1966 - 1967

1967 - 1968

1968 - 1969

1969 - 1970

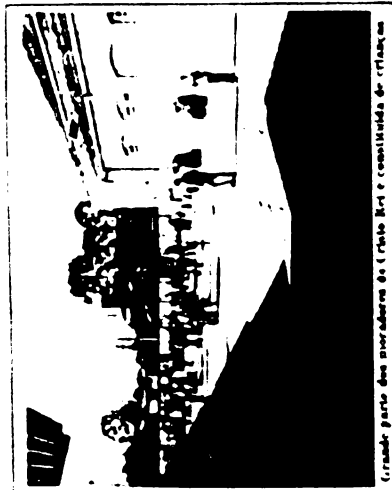
1970 - 1971

1971 - 1972

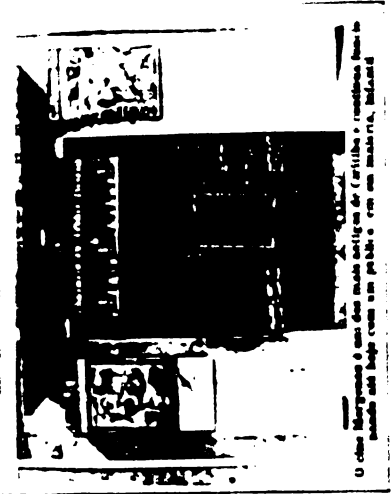
1972 - 1973

1973 - 1974

baixos



Grande parte dos moradores do Cristo Rei é constituída de vendedores.



O caso Marquês é um dos muitos exemplos de famílias e condições semelhantes ao bairro com um padrão de vida inferior.

# CRISTO REI

## Um bairro moderno que poucos conhecem pelo nome

As ruas do bairro de Cristo Rei são modernas e bem iluminadas. Há muitas casas modernas e prédios de apartamentos. O bairro é muito bonito e agradável. Há muitas áreas verdes e parques. O bairro é muito seguro e tranquilo. Há muitas escolas e hospitais. O bairro é muito conveniente e acessível.

de antigas como a Rua Alameda. Há muitas casas antigas e prédios antigos. O bairro é muito bonito e agradável. Há muitas áreas verdes e parques. O bairro é muito seguro e tranquilo. Há muitas escolas e hospitais. O bairro é muito conveniente e acessível.

de antigas como a Rua Alameda. Há muitas casas antigas e prédios antigos. O bairro é muito bonito e agradável. Há muitas áreas verdes e parques. O bairro é muito seguro e tranquilo. Há muitas escolas e hospitais. O bairro é muito conveniente e acessível.

de antigas como a Rua Alameda. Há muitas casas antigas e prédios antigos. O bairro é muito bonito e agradável. Há muitas áreas verdes e parques. O bairro é muito seguro e tranquilo. Há muitas escolas e hospitais. O bairro é muito conveniente e acessível.

de antigas como a Rua Alameda. Há muitas casas antigas e prédios antigos. O bairro é muito bonito e agradável. Há muitas áreas verdes e parques. O bairro é muito seguro e tranquilo. Há muitas escolas e hospitais. O bairro é muito conveniente e acessível.

de antigas como a Rua Alameda. Há muitas casas antigas e prédios antigos. O bairro é muito bonito e agradável. Há muitas áreas verdes e parques. O bairro é muito seguro e tranquilo. Há muitas escolas e hospitais. O bairro é muito conveniente e acessível.

de antigas como a Rua Alameda. Há muitas casas antigas e prédios antigos. O bairro é muito bonito e agradável. Há muitas áreas verdes e parques. O bairro é muito seguro e tranquilo. Há muitas escolas e hospitais. O bairro é muito conveniente e acessível.



## Num bairro recente a paróquia tem 39 anos

A paróquia do bairro de Cristo Rei foi fundada há 39 anos. Ela é muito pequena e simples, mas é muito querida pelos moradores. Há muitas crianças e jovens na paróquia. O padre é muito bom e acessível. A paróquia é muito conveniente e acessível.

A paróquia do bairro de Cristo Rei foi fundada há 39 anos. Ela é muito pequena e simples, mas é muito querida pelos moradores. Há muitas crianças e jovens na paróquia. O padre é muito bom e acessível. A paróquia é muito conveniente e acessível.

A paróquia do bairro de Cristo Rei foi fundada há 39 anos. Ela é muito pequena e simples, mas é muito querida pelos moradores. Há muitas crianças e jovens na paróquia. O padre é muito bom e acessível. A paróquia é muito conveniente e acessível.

A paróquia do bairro de Cristo Rei foi fundada há 39 anos. Ela é muito pequena e simples, mas é muito querida pelos moradores. Há muitas crianças e jovens na paróquia. O padre é muito bom e acessível. A paróquia é muito conveniente e acessível.

A paróquia do bairro de Cristo Rei foi fundada há 39 anos. Ela é muito pequena e simples, mas é muito querida pelos moradores. Há muitas crianças e jovens na paróquia. O padre é muito bom e acessível. A paróquia é muito conveniente e acessível.

A paróquia do bairro de Cristo Rei foi fundada há 39 anos. Ela é muito pequena e simples, mas é muito querida pelos moradores. Há muitas crianças e jovens na paróquia. O padre é muito bom e acessível. A paróquia é muito conveniente e acessível.

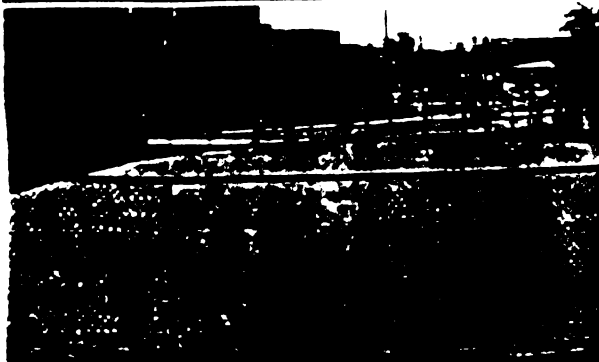
Muitos dizem que Cristo Rei é um bairro moderno. Mas não é assim. É um bairro antigo e simples. Há muitas casas antigas e prédios antigos. O bairro é muito bonito e agradável. Há muitas áreas verdes e parques. O bairro é muito seguro e tranquilo. Há muitas escolas e hospitais. O bairro é muito conveniente e acessível.

A paróquia do bairro de Cristo Rei foi fundada há 39 anos. Ela é muito pequena e simples, mas é muito querida pelos moradores. Há muitas crianças e jovens na paróquia. O padre é muito bom e acessível. A paróquia é muito conveniente e acessível.



Relatório do Curador  
28.10.84

## DP Cristo Rei



O abandono nos Jardins Ambientais.

### Conjunto Ambiental II necessita de maior apoio da Prefeitura



Os Jardins Ambientais, criados para oferecer ao público um local de lazer e de bem estar, estão ficando em situação precária. Muitos já estão degradados por vândalos que não respeitam o patrimônio público. Mas a Prefeitura deverá olhar com mais carinho para essas obras que custaram caro, mas que tantas crianças e mulheres se beneficiam nos locais onde estão situadas.

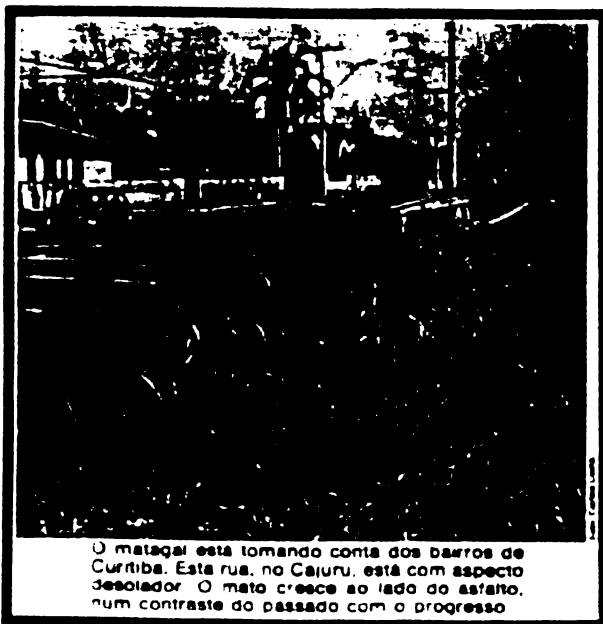
Os Jardins Ambientais são uma das melhores opções de lazer e de diversão para as crianças da cidade. Apesar de ainda serem novos, já mostram um aspecto de coisa velha, já que a sujeira e o lixo estão tomando conta de tudo.

O mesmo acontece com o Conjunto Ambiental II, que também é bastante novo para estar na situação em que se encontra. Os moradores do local estão solicitando a Prefeitura Municipal que tome as devidas providências. Segundo a reportagem do DIÁRIO pode constatar há a necessidade urgente de canalização de um esgoto nos fundos do edifício, ao lado da área térrea. O mau cheiro do local está tornando a vida insuportável dentro dos apartamentos, provocando inclusive vômitos nas crianças, o que já chega a ser um problema de higiene e bem estar social.

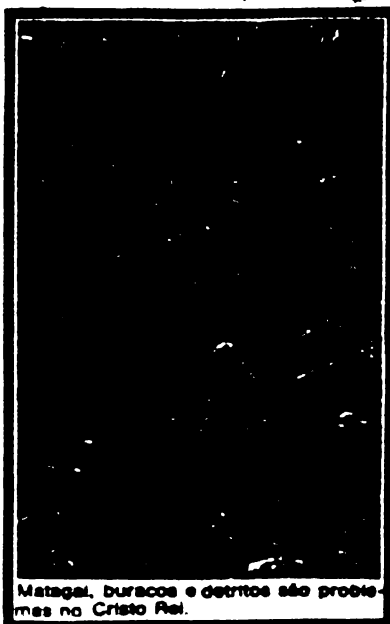
O problema do lixo também está presente no local. As mães já não estão dando liberdade para as crianças brincar nas redondezas, pois elas correm o perigo de cair em buracos e de ser mordidas por cobras. Além disso, o aspecto é terrível. Os moradores do Ambiental II já estão desesperados e estão buscando um apoio público ao prefeito para que ordene as devidas providências.

Alto da Quinze — Itupava  
Jardim Social — Hugo Lange

## Bairro do Cristo Rei precisa de atendimento



O mato está tomando conta dos bairros de Curitiba. Esta rua, no Cajuru, está com aspecto desolador. O mato cresce ao lado do asfalto, num contraste do passado com o progresso.



Matagal, buracos e detritos são problemas no Cristo Rei.

Diversos problemas estão à espera de solução no bairro do Cristo Rei. A população local reclama a falta de atenção dos departamentos competentes da Prefeitura Municipal e resolveram fazer um apelo público, através do Diário, para que vereadores, funcionários municipais, chefes de departamentos e o prefeito se sentem juntos para as necessidades daquela importante região da cidade.

Enquanto isso existe um movimento na própria comunidade, que em grupos, vão realizar a limpeza das frentes de suas residências para que o bairro não corra o mesmo aspecto triste e desolador. A falta de luzes melhores e esta de acordo com os planos de instalação, uma grande falta à cidade. A população reclama o sistema de condutas e prometer uma maior comunicação entre os moradores da cidade. Entretanto, é necessário que a Prefeitura Municipal e os seus departamentos competentes, também participe desse esforço, enviando para consertar as ruas que estão em péssimo estado, limpando as ruas onde há lixo se acumula, eliminando tudo aquilo que é necessário.

### INQUIETE

Os terrenos baldios são um dos principais problemas do bairro do Cristo Rei. O problema de limpeza, moradores e

diversos terrenos não ocupados, existentes em sua rua, estão necessitando de uma limpeza total. O mato cresce se amontoa causando vários problemas, como mau cheiro, ninho de ratos, cobras e outros bichos, sem de ser um ótimo local para reunião de maloqueiros e desocupados, que além de perturbar o sossego da rua, ainda se mostram perigosos aos moradores. Portanto, há necessidade urgente de providências, no sentido de eliminar esses problemas, para que o bairro possa ter um aspecto digno das pessoas que lá residem.

por

Os moradores do conjunto Cosmos também estão apelando para o Diário, no sentido de tirar as autoridades municipais dentro de suas reivindicações que são as mais justas possíveis. Um dos maiores problemas do local também é um matagal que ocupa terrenos baldios e este mesmo matagal, a lateral das ruas, ainda não pavimentadas. Além disso é grande o número de ruas esburacadas, empoçadas, com falta de sarbão, poeiras e varitas que prejudicam sensivelmente o trânsito dos moradores de suas casas, para outros locais. Dona Maria é uma das donas de casa do conjunto Cosmos que conversou com a Prefeitura Municipal, querendo para si mesma um terreno para construir a casa.

senhoras que lá residem, temem até mesmo pela sorte de suas crianças quando as mandam à escola, pela falta de segurança, iluminação e outros problemas.

A falta de luz também é um dos problemas graves da maioria dos bairros de Curitiba. No Conjunto Cosmos a situação não é diferente. Os moradores da rua Rocha Filho estão apelando à Prefeitura Municipal para que resolva esse tipo de problema, já que a cidade deveria normalizar essas ruas, mas está acontecendo exatamente o contrário. Os caminhões de Terepapistar passam de vez em quando, deixando que enormes montes de detritos sejam acumulados sobre as calçadas, provocando um mau cheiro terrível, impedindo o trânsito de pedestres e deixando a rua com um aspecto de lixo.

A falta de limpeza não é só do lixo. O mato também está tomando conta das calçadas e dos terrenos baldios, e quando chove a lama é insuportável.

por

Dona Maria Rosa da Silva, moradora da rua Padre Germano Mayer também está reclamando da falta de limpeza de sua rua. Disse que o mato está tomando conta de tudo, e quando chove a lama chega a fechar o trânsito. Faz um apelo ao departamento competente da Prefeitura, para que tome as devidas providências.

**DP Cristo Rei**

Alto da Quinze — Itapava —  
Jardim Social — Hugo Lange

## **Cristo Rei contará com postos policiais fixos**



**Cristo Rei contará com melhor policiamento**



Uma importante região da cidade, formada pelo bairro Cristo Rei, Alto da XV, Itapava Jardim Social e Hugo Lange tem condições de se tornar importante centro comercial e social se receber por parte das autoridades competentes o atendimento que lhes é devido.

Esses bairros abrigam uma grande parcela da população curitibana. População essa que oferece serviços, paga impostos, consome, constituindo importante fator de desenvolvimento. E como contribuinte do desenvolvimento solicitam maior atenção para seus problemas que se acumulam a cada dia que passa.

Serviços de limpeza, policiamento, mais iluminação, iluminação estão na pauta de suas reivindicações.

Sabem eles dos problemas que enfrentam. Sabem também agradecer uma medida positiva tomada em benefício da comunidade. E uma dessas medidas recebidas com alegria é a distribuição de volantes de que se trata

deste quanto à medida de policiamento nos bairros através de volantes.

### **REIVINDICAÇÕES**

Existiria que a prefeitura cuidasse melhor desse terreno baldio ao lado da linha férrea que já se tornou depósito de lixo. As vezes chegam até caminhões com lixo pra jogar no terreno.

Ironides João da Cruz  
Paulo Germano Mayer, 483

3334

Um policiamento mais ativo seria bom. Também uma melhor iluminação tornaria as coisas mais fáceis para os moradores do bairro que nos esforçamos de andar à noite.

Roberto Garcia, 186  
Rosalaura Sigrus  
Paulo Germano Mayer

É isto que está tudo bom

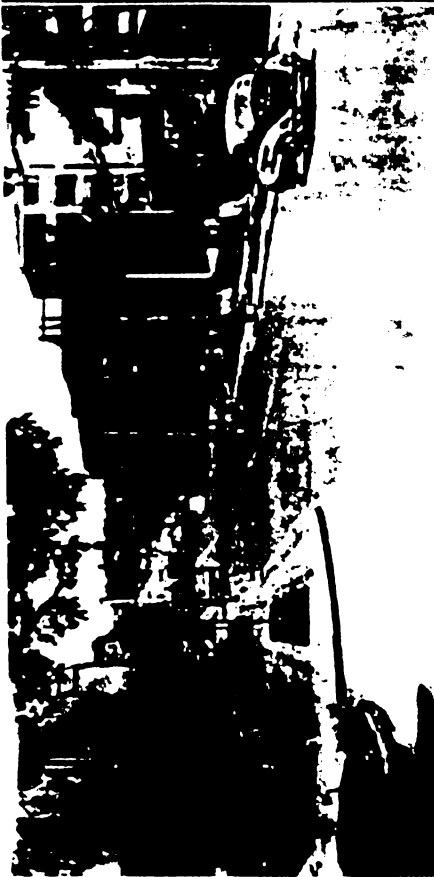
em Cristo Rei.

...os anáves de posto

...o Rio Alto da XV. Hoja...  
Jardim Social e Hugo Lange  
tem condições de se tornar  
importante centro comercial e  
social se receber por parte das  
autoridades competentes o  
atendimento que lhes é devido.

Esses bairros abrigam uma  
grande parcela da população  
curitibana. População essa que  
oferece serviços, paga impostos  
consome, constituindo impor-  
tante fator de desenvolvimento.  
E como contribuinte do desen-  
volvimento solicitam maior aten-  
ção para seus problemas que se  
acumulam a cada dia que  
passa.

### 10 Rei contará com melhor policiamento.



### REIVINDICAÇÕES

Costaria que a Prefeitura cur-  
tiasse melhor desse terreno bal-  
do, acilado da linha férrea que  
está se tornando depósito de  
lixo. As vezes chegam até cami-  
nhões com lixo pra jogar no  
terreno.

Eronides João da Cruz  
Rua Pe. Germano Mayer, 483

Um policiamento mais  
intensivo seria bom. Também  
uma melhor iluminação tornaria  
as coisas mais fáceis para os  
moradores do bairro que neces-  
sitam de andar à noite.

Evaristo Rocha Garcia - Bar e  
Restaurante Signus  
Rua Pe. Germano Mayer

Acho que está tudo bom  
Estava ruim o rato que havia ao  
lado da linha do trem, mas já  
limparam. Agora está tudo bom.  
Divair H. Brito - Rua Fernando  
Amaral 920

Tem dia que está uma  
beguinha. O caminho que faz a  
curva de ferro não passa e os  
cachorros que andam soltos por  
ai rasgam os sacos de lixo  
fazendo uma sujeira.  
Maria Aveina de Abreu - Rua  
Fernando Amaral 923

Serviços de limpeza, polici-  
mento mais intensivo, ilumina-  
ção estão na pauta de suas re-  
vindicações

Sabem eles dos problemas  
que enfrentam. Sabem também  
agradecer uma medida positiva  
tomada em benefício da comu-  
nidade. E uma dessas medidas  
recebidas com alegria é a divul-  
gação da notícia, de que vão ser  
implantados postos policiais  
fixos nos bairros, como a repor-  
tagem do DIÁRIO pôde constatar  
com a comunidade local, que  
manifestou sua alegria pela  
medida. Alegria justificada  
tendo em vista que a região  
enfrenta um sério problema  
com maloqueiros e desocupados,  
que além de perturbarem  
o sossego põe em risco a  
segurança dos moradores.

Mas ainda muitas reivindica-  
ções são feitas e, esperamos elas,  
sejam atendidas tão rapida-



Evaristo  
Rocha  
Garcia



Maria  
de  
Abreu



Divair  
H.  
Brito



Eronides  
João  
da Cruz

Noticia 180 de 10 - 10 - 1937

# - O POVO DE CRISTO-REI AO PREFEITO - EXPRESSIVA HOMENAGEM PRESTADA AO DR. LINEU FERREIRA DO AMARAL

Realizou-se ontem no bairro de Cristo-Rei uma solenidade que atraiu e admiradores reverenciaram ao Dr. Lineu Ferreira do Amaral, nosso Prefeito da Capital. Inúmeros e outros memoravelmente vem de ser efetuadas, naquele bairro, pela administração municipal, e que motivam a população daquela parte da Cidade Serrista agradecer ao excelente edil curitibano, através da imprensa, sua gratidão por intermédio daquela imprensa que destacou no meio local a maior utilidade e a eficiência prestadas a população de quem do bom trabalho das instituições da Municipalidade, dentre as quais destacamos as Drs. Raul Bross e Raul D'Assis, assistentes diretos do Prefeito de Curitiba. O povo de Cristo-Rei compreendeu a importância apresentada pelo que de mais honesto e escrupuloso se fez naquele bairro. Denotando a importância das instituições municipais, através da imprensa de Cristo-Rei, ao Dr. Lineu Ferreira do Amaral, Prefeito da Capital, e a população de Cristo-Rei.



PREFEITO LINEU DO AMARAL

... de Cristo-Rei, através da imprensa municipal, e que motivam a população daquela parte da Cidade Serrista agradecer ao excelente edil curitibano, através da imprensa, sua gratidão por intermédio daquela imprensa que destacou no meio local a maior utilidade e a eficiência prestadas a população de quem do bom trabalho das instituições da Municipalidade, dentre as quais destacamos as Drs. Raul Bross e Raul D'Assis, assistentes diretos do Prefeito de Curitiba. O povo de Cristo-Rei compreendeu a importância apresentada pelo que de mais honesto e escrupuloso se fez naquele bairro. Denotando a importância das instituições municipais, através da imprensa de Cristo-Rei, ao Dr. Lineu Ferreira do Amaral, Prefeito da Capital, e a população de Cristo-Rei.

... de Cristo-Rei, através da imprensa municipal, e que motivam a população daquela parte da Cidade Serrista agradecer ao excelente edil curitibano, através da imprensa, sua gratidão por intermédio daquela imprensa que destacou no meio local a maior utilidade e a eficiência prestadas a população de quem do bom trabalho das instituições da Municipalidade, dentre as quais destacamos as Drs. Raul Bross e Raul D'Assis, assistentes diretos do Prefeito de Curitiba. O povo de Cristo-Rei compreendeu a importância apresentada pelo que de mais honesto e escrupuloso se fez naquele bairro. Denotando a importância das instituições municipais, através da imprensa de Cristo-Rei, ao Dr. Lineu Ferreira do Amaral, Prefeito da Capital, e a população de Cristo-Rei.

... de Cristo-Rei, através da imprensa municipal, e que motivam a população daquela parte da Cidade Serrista agradecer ao excelente edil curitibano, através da imprensa, sua gratidão por intermédio daquela imprensa que destacou no meio local a maior utilidade e a eficiência prestadas a população de quem do bom trabalho das instituições da Municipalidade, dentre as quais destacamos as Drs. Raul Bross e Raul D'Assis, assistentes diretos do Prefeito de Curitiba. O povo de Cristo-Rei compreendeu a importância apresentada pelo que de mais honesto e escrupuloso se fez naquele bairro. Denotando a importância das instituições municipais, através da imprensa de Cristo-Rei, ao Dr. Lineu Ferreira do Amaral, Prefeito da Capital, e a população de Cristo-Rei.

O Dr. Raul Bross em sua oração fez em relação a esta obra de assistência social, citando que o revmo. padre Romano Mayer, deserviu, não só no âmbito de sua Paróquia, mas em toda a Capital, para ser considerado como um verdadeiro apóstolo da caridade e da beneficência. Destaca também, a honra e o prestígio que o atual Prefeito da Capital emprestou ao povo de auxiliares que, de maneira séria e positiva, de conquistar, nestes tempos, grande obra que a atual administração tem como missão realizar.

Finalmente, agradecendo a homenagem do Dr. Lineu Ferreira do Amaral, discursou, mencionando com grande precisão, os problemas administrativos de Curitiba e ressaltando quanto lhe tem sido útil e importante para a realização dos empreendimentos a que se refere a população sã e consciente de seus auxiliares e a compreensão que lhe tem sido feita, em parte, de suas instituições, a potestade municipal e a Municipalidade, as iniciativas empreendidas por seu governo, pelo Sr. Prefeito, para que se possa cumprir a missão que compete sempre a administração municipal, em parte, de seus auxiliares e a compreensão que lhe tem sido feita, em parte, de suas instituições, a potestade municipal e a Municipalidade, as iniciativas empreendidas por seu governo, pelo Sr. Prefeito, para que se possa cumprir a missão que compete sempre a administração municipal.

A velha Estação Ferroviária, a Escola Técnica, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), o Colégio Sagrado Coração de Jesus, os Hospitais infantis "Pequeno Príncipe" e "Cesar Farnesina", e a Fundação Hospitalar de Paraná, pertencem à esse bairro. Tem, também, duas paróquias: a do Imaculado Coração de Maria e a de Nossa Senhora do Socio

Cristo Rei. Área (ha): 147

Há 49 anos essa região não passava de um amontoado de terrenos baldios. O Padre Germano Mayer, hoje lembrado com a denominação de uma rua, foi o primeiro vigário da região e incentivou em 1936 a construção da 1ª igreja do bairro. O Santuário São Julius Talcu testemunha a grande devoção da comunidade a esse apóstolo. A estátua de Nicolau Copérnico rende uma homenagem à colônia polonesa. E a Sociedade Lorenzenau registra seus 65 anos de vida na região.

Paraná:

O bairro ganhou esse nome devido à grande quantidade de árvores conhecidas como "paraná" existentes na área. Em 1950, a região de Paraná caracterizava-se ainda pela existência de extensos campos e banhados. A partir da instalação do Jockey Club de Paraná, o bairro começou a se desenvolver, aumentando a população do bairro que se instalou de ambos os lados da BR 116, próximo às indústrias e empresas de prestação de serviços. No bairro estão situados: o Distrito Rodoviário da DNER, a Estação de tratamento de água da Sanepar, o Colégio Militar de Curitiba, o Ginásio de Paraná, o asilo de Velhinhos, o Reg. Cel. Dulcínio e o recém inaugurado Estádio Pinheiro.

Mercão.

Na 70 anos, a região que o bairro ocupa hoje figurava como uma extensa lavoura e algumas poucas casas faziam parte da paisagem. Em 24 de setembro de 1933, a imagem de Nossa Senhora das Mercês, recebe a coroação pelo arcebispo de Curitiba, e em 1939, com seus sinos importados da Itália, inaugurando a majestosa torre com 52 metros de altura. Na Avenida Manoel Ribas, sua principal via de acesso e o mais importante do centro de progresso da região reúnem-se as características das construções modernas e as particularidades das antigas casas de madeira, bem no estilo europeu, que acompanhou os imigrantes italianos, alemães e poloneses na colonização da nova terra.

Água Verde.

A denominação Água Verde surgiu em consequência da vegetação e do limo verde que nascia no fundo e nas bordas daquele pequeno rio, dando uma coloração esverdeada à água.

## Cristo Rei e Alto da Rua 15 pedem melhoria

Moradores dos bairros do Cristo Rei e do Alto da Rua 15 de Novembro estão se movimentando para conseguir algumas melhorias, uma vez que consideram que, embora praticamente centrais e tradicionais, são completamente abandonados pela municipalidade. Por isso, estão recorrendo à Prefeitura e à Câmara Municipal para que algumas melhorias seja introduzidas, para beneficiar a considerável parcela da população que ali reside.

Segundo Rosely Maria Tolozi do Rosário, que juntamente com Célia César Vaz da Silva, vem liderando o movimento, uma das antigas reivindicações dos moradores é a instalação de uma feira livre próximo à linha férrea que corta a Rua 15 de Novembro e divide os dois bairros. Consideram uma discriminação o fato de não serem atendidos por feiralivre, onde poderiam encontrar produtos hortifrutigranjeiros e outros a preços mais acessíveis.

### HOMENAGEM

Revelam que a única feira livre existente em esta localidade justo no campo do Cristo Rei, obrigando as donas-de-casa a se deslocarem de veículos para efetuarem suas compras, a que demanda um gasto de combustível alto, além de discriminar a quem não tem automóvel. Outra queixa é com relação aos terrenos baldios, que se transformam em foco de contaminação de doenças. Nestes locais, ultimamente vem sendo realizado anualmente o número de ratos, sendo comum serem avistados ratões de grande porte. Isso, além de serem um refúgio para os bandidos e desocupados.

Além das queixas, os moradores dos dois bairros estão solicitando a designação de nome da escultura Célia Salomão, artista plástica de renome que transformava sucata em obras de arte, de cujos trabalhos existe um exemplar no Teatro Guarani, para um logradouro do alto da Rua 15. Isso porque, sendo fundada recentemente, a cidade caribenha não recebe qualquer tipo de homenagem por parte das autoridades. É ainda melhor que se nomear um logradouro no bairro onde ele sempre viveu, dizem os líderes do movimento dos moradores do Cristo Rei e do Alto da Rua 15 de Novembro.

Quero de Maria  
11 11 79

# CRISTO REI

## O matagal e o lixo invadem os bairros da cidade

O abandono está se transformando numa constante na maioria dos bairros de Curitiba, inclusive os mais ricos, como é o caso de Cristo Rei. É notável a quantidade e a diversidade de lixo que se acumula, causando muita repulsa contra tantos problemas de manutenção como se observa no Cristo Rei.

Basta dizer que bem no meio de lindas prédios de apartamentos e de residências finas, na rua Honório de Quadros e Rua Schiller, existe um verdadeiro depósito de lixo. Trata-se de uma grande área, que margeia os trilhos, normalmente ocupada por carros. Como carro já virou coisa do passado, a área fica completamente abandonada, servindo apenas como depósito de lixo, o que é prova da falta de controle e ordem. Daí os problemas de servir um próximo aspecto consistente precisamente com os prédios de apartamentos, residências bem construídas e boas casas de câmaras.

Como se isso não bastasse, o matagal está tomando conta de tudo. Os escombros estão na rua Schiller, Fernando Amaro e outras da região. Na rua Schiller, por exemplo, o lixo já está tomando conta da rua, invadindo e até, também, sendo arrojado, e com um agravante ainda maior: o depósito que está ocorrendo pelo meio das ruas.

Para dona Leoner Krüning, que mora na rua Schiller, esse fato é extremamente lamentável. Será que as autoridades municipais não conseguem ver essa barbárie? Será que algum dia voltaremos a ter nossas ruas aqui da Barra em condições de regular limpeza e conservação de há alguns anos. Mas se continuar assim teremos que nos mesmos construímos um tipo de infraestrutura que se trata de nossas residências se transformem em verdadeiros centros, com regras podendo para evitar

de nossas casas e outros problemas mais.

Dona Maria Helena Lopes, que também reside na rua Schiller e da mesma cidade. Está na hora de Prefeituras tomar medidas para acabar com essa situação insuportável. Esse lixo chega principalmente nos dias de calor, esse depósito que ocorre pelo meio das ruas, esse matagal, está realmente causando grandes transtornos aos moradores aqui da Barra de Cristo Rei. Vamos apelar para a Câmara de Vereadores, para os departamentos de departamentos de Prefeitura, e até mesmo ao próprio Prefeito, para que acabe logo com esses problemas, para a manutenção dos moradores como é geral. Assim não dá mais para viver dentro de uma cidade grande e moderna como é Curitiba. E que se esqueça os problemas humanos e interações de urbanismo, isso é de oferecer uma boa qualidade de vida.



O depósito de lixo no Cristo Rei.



O matagal da rua Schiller.



Leoner Krüning



O lixo e a bela arquitetura.



Maria Helena Lopes.

**CRISTO REI**

**NOSSO  
bairro**

**DOIS ANOS DE CURITIBA PARTICIPATIVA**

Este é um resumo do que realizou a atual administração de Curitiba no bairro nos dois últimos anos. Depois de superar a crise, os poucos recursos existentes foram aplicados para amenizar as necessidades:

No lugar da obra milionária, a construção de uma ponte. Às vezes, com ajuda da própria comunidade. Ou a construção de uma creche, a pavimentação de uma rua. Talvez a rua onde vive mora. Porém, com toda certeza, alguma obra em seu bairro, como mostra este folheto. Porque a Prefeitura esteve em todas as regiões da cidade.

E continuará presente até o término desta administração. Que continua de portas abertas, para o diálogo ou para a queixa, como exige a democracia. Democracia que é, afinal, a melhor maneira de resolver os problemas de nossa gente. E que faz nascer esperanças entre nós.



Maurício A. Fruet  
Prefeito de Curitiba



**IPPUC**

INSTITUTO PARANAENSE DE PLANEJAMENTO URBANO

**CURITIBA PARTICIPATIVA**

Administração Maurício F.

A Sociedade Brasileira Cultural e Caritativa, que proprietária de praticamente toda a área do Cristo Rei, que há 49 anos não passava de um amontoado de terrenos baldios:

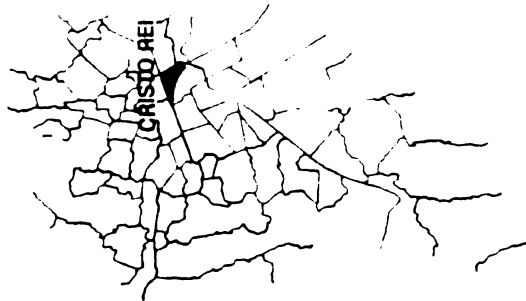
O padre Germano Mayer, hoje lembrado com a denominação de uma rua, foi o primeiro vigário da região e incentivou em 1936, a construção da primeira igreja no bairro. Aliás, a presença dos Padres Palotinos, que fundaram o Centro Social e administraram a paróquia, constituíram um importante fator para o rápido crescimento do Cristo Rei.

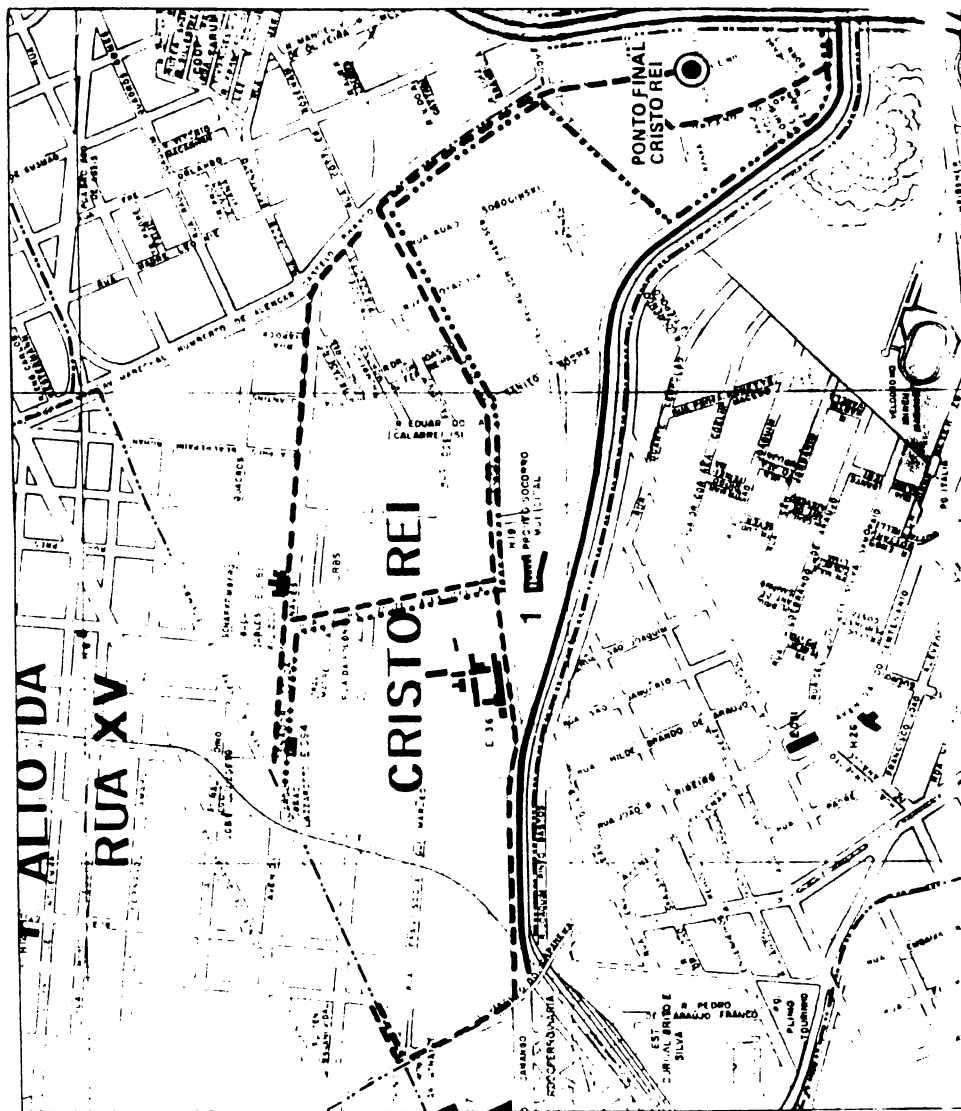
As parreiras, que ainda existem no pátio do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, fazem o elo entre o passado e o presente do bairro. O Santuário São Judas Tadeu testemunha a grande devoção da comunidade a esse apóstolo. A estátua de Nicolau Copérnico rende uma homenagem a colônia polonesa. E a Sociedade Morgenau registra seus 60 anos de vida na região.

**DADOS DEMOGRÁFICOS**

Área (ha):	117 (1980)
População:	8.080 (1980) 12.361 (1985)
Taxa anual de crescimento:	8,95 (1980-85)
Densidade (hab./ha):	84,09 (1985)
Domicílios ocupados:	2.153 (1980)
Hab./dom.:	3,78 (1980)

FONTE: IBGE (Censo demográfico 1980)  
IPPUC (Estimativas para 1985)



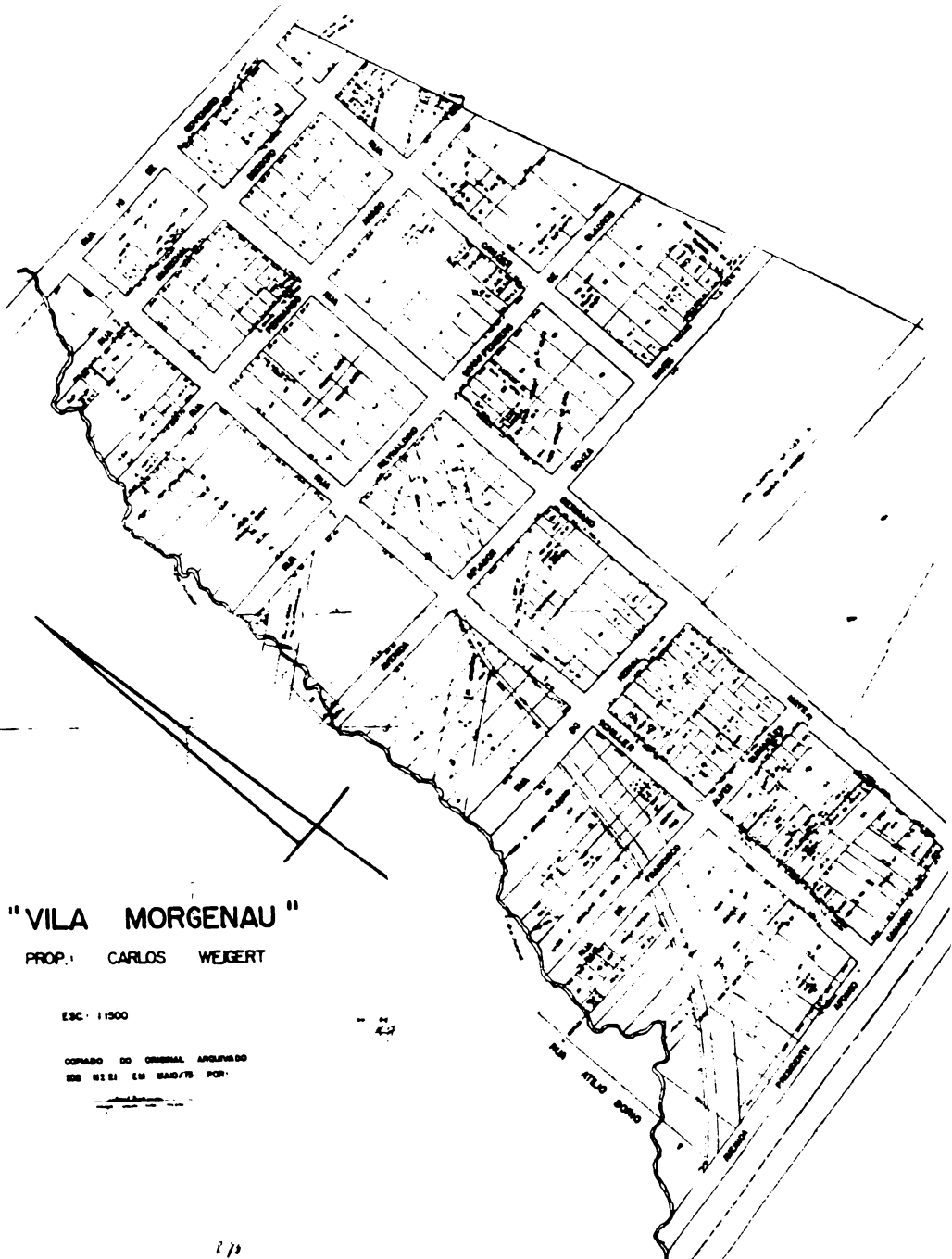


## JUNTOS, REALIZAMOS

- Recuperação de ruas (160 m<sup>2</sup>); recuperação de vias: com revestimento primário (2.670 m), com tratamento antigo (8.813 m), de concreto asfáltico (488 m<sup>2</sup>), em paralelepípedos (13 m<sup>2</sup>) e de calamentos (238 m<sup>2</sup>);
- Sinalização: horizontal, 2.109 m<sup>2</sup> de pintura em asfalto; vertical, 21 placas de trânsito;
- 17 eventos desportivos, de recreação e lazer;
- Uma desapropriação, doação e concessão de direito real de uso;
- Montagem de 11 abrigos para passageiros e construção de duas calçadas em pontos de ônibus;
- Instalação de uma lâmpada de iluminação pública;
- Modificação do itinerário da linha Seletivo Cajuru;
- Implantação de terra-livre volante na R. Visconde de Guarapuava, próximo a B. Padre Germano Mayer, às escolas-Feitas;
- Colocação de 53 placas com nomes de ruas;
- Três contratos do Plano Comunitário de Urbanização para construção de calçadas, marcação e limpeza de terrenos, limpeza de valas etc.; 897 m<sup>2</sup> de área pavimentada no Plano Comunitário de Pavimentação.

1 - HELIPORTO HOSPITAL CAJURU

— SELETIVO  
 - - - - - EXPRESSO



PL. "VILA MORGENAU"

PROP.: CARLOS WEIGERT

ESC.: 1:500

COPADO DO ORIGINAL APROVADO  
EM 01/01/68 EM SÃO/78 POR

ip

PASTA 4

ANTIA

VILA POPULADA

Escala 1:1000

